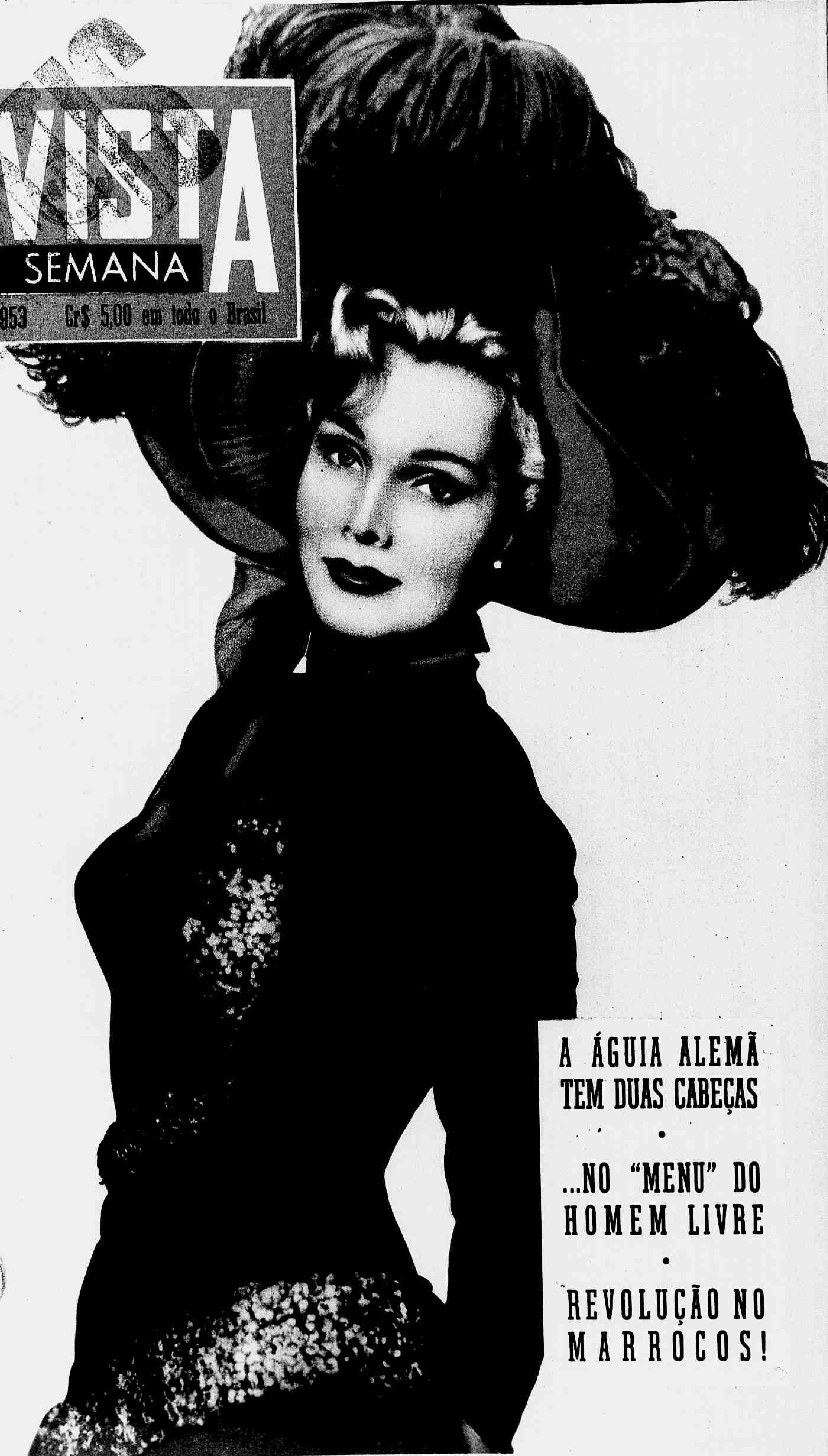
REVISTA DA SEMANA

N. 39 26-9-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil





1º CENTENÁRIO DO PARANÁ

1853
1953



VISITEM
A
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ
E FEIRA DE CURITIBA
DEZEMBRO DE 1953 A MARÇO DE 1954

INFORMAÇÕES

NO RIO:
A. Campos de Oliveira
Rua Alvaro Alvim, 37 — S. 801
Fone 22-2293

EM SÃO PAULO:
José Lemos Freitas
Rua Libero Badaró, 152 — 4º
Fone 35-4848

EM CURITIBA:
Departamento Administrati
Rua Comendador Araújo,
Fone 3861

A CHUVA (de Janot) FÊZ "FORFAIT"



FALHOU A PRIMEIRA TENTATIVA DO SR. JANOT PACHECO PARA FAZER CHOVER NO VALE DO PARAÍBA ★ BOA VONTADE E MUITA TENACIDADE NÃO BASTAM ★ O EXEMPLO DE OUTROS PAÍSES NO CAMPO DAS CHUVAS ARTIFICIAIS ★ AS EXPERIÊNCIAS EM POSSE, NO VALE DO PIABANHA ★ NÃO DÁ A NINGUÉM SUA FÓRMULA.

Texto e fotos de **JOSÉ MARIA NEVES**



A enorme foguèira, que possibilitou a elevação da alquímia do professor Janot Pacheco, para a formação de nuvens, foi armada no centro do acampamento. Um homem, de instante a instante, joga esguichos dágua com o fim de fazer bastante fumaça. O professor é quem lança as drogas.

A CHUVA (de Janot) FÊZ "FORFAIT"



O govêrno não cooperou com eficiência como era de esperar. Ainda assim, foram postos à disposição do engenheiro uma pipa e jeeps do nosso Exército. A FAB, entretanto, primou pela ausência. O avião não conseguiu localizar o acampamento das experiências. Assim, não...

ESTA reportagem foi escrita no acampamento do professor Janot Pacheco, o engenheiro «manda-chuva», que foi instalado na localidade de Posse, nas proximidades de Areal. Para evitar um provável banho das chuvas do famoso professor, tomamos as nossas precauções. Não largamos um só instante a nossa capa e as galochas estavam preparadas para entrar em ação tão logo se fizessem necessárias. Aliás, a providência adotada por nós foi imitada por todos os repórteres do Rio que vieram fazer para os seus jornais e revistas a cobertura sôbre os trabalhos que estêve realizando o sr. Janot. Um pequeno campo de futebol foi o local escolhido para ser levantada a enorme fogueira que possibilitou a elevação da fumaça com a alquímia do professor. Ao lado da estrada de rodagem Rio-Belo Horizonte, o «campo de provas» ficou, por isso mesmo, ao alcance da curiosidade popular. Centenas de pessoas, algumas residentes no lugar e outras apenas viajantes, deixavam-se ficar horas a fio assistindo às experiências do «manda-chuva», cada qual tirando as suas próprias conclusões. Muitos não acreditam no êxito do professor, enquanto que outros, ou por loquacidade ou mesmo convicção, chegam a admitir modificação na temperatura local. Os trabalhos do sr. Janot Pacheco, precedidos de enorme publicidade, iniciaram-se na noite de segunda-feira da semana passada. Os poderes públicos, representados pelo Exército, Aeronáutica e Prefeitura, cooperaram com o engenheiro Janot pondo à sua disposição caminhões e pipas. A parte da Aeronáutica restringiu-se à cessão de um avião para «bombardear» as nuvens provocadas pela alquímia lançada à enorme fogueira e que consta de iodeto de prata e «outros sais», como costuma responder o «manda-chuva» aos repórteres que lhe perguntam sôbre a fórmula por êle adotada.

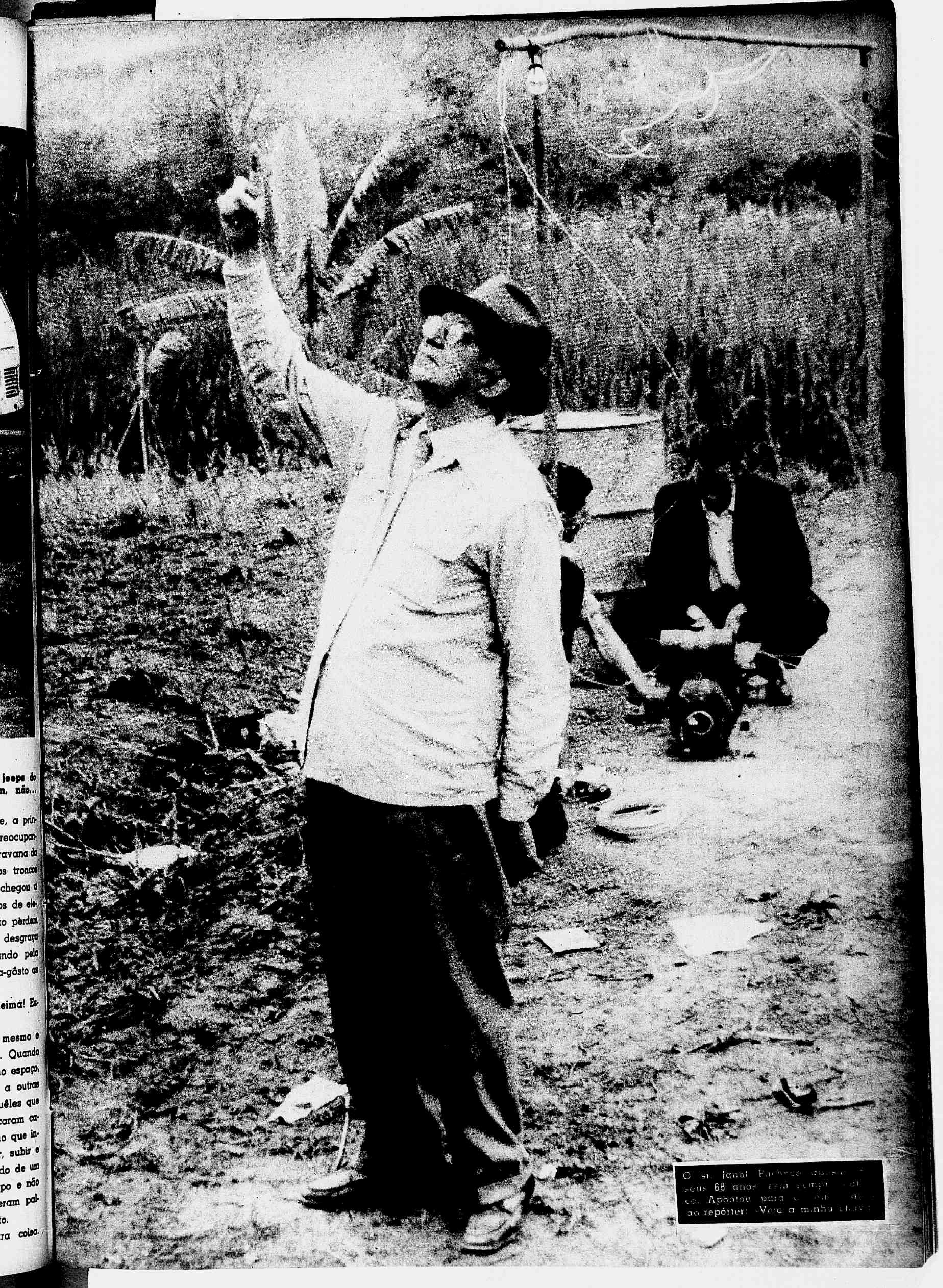
— Isso é comigo. Não dou a ninguém a minha fórmula secreta. Aliás já tirei patente mas não recebi, ainda, o documento do Ministério do Trabalho.

O céu, de um azul límpido e estrelado, por volta das 2 horas da manhã começou a ficar escuro. À proporção que os «sais» do professor se elevavam no espaço, a atmosfera modificava-se. O detalhe servia para animar cada vez mais o sr. Janot Pacheco e seus auxiliares, que não se cansavam de jogar na fogueira grossos troncos de árvores verdes que, a princípio, «negaram-se» a pegar fogo, preocupando sèriamente os componentes da «caravana da chuva». A luta dos homens contra os troncos verdes, em determinados momentos, chegou a se tornar pitoresca, tais os comentários de elementos realmente espirituosos que não pèrdem essas oportunidades para glosar a desgraça alheia. Os homens suando, reclamando pela falta de sorte, ouviam muito a contra-gôsto as piadas dos «amigos da onça».

— Bota querosene que a lenha queima! Essa sopa vai acabar!

Mas, finalmente, a fogueira pegou mesmo e entrou a funcionar em grande estilo. Quando as primeiras labaredas se elevaram no espaço, provocadas pela acetona adicionada a outras drogas, o ambiente modificou-se. Aquêles que não acreditavam nas experiências ficaram cabisbaixos e arregalaram os olhos como que incrédulos. A fumaça começou a subir, subir e o professor sentiu-se como que aliviado de um pêso enorme que trazia a algum tempo e não via como dêle se livrar. Muitos bateram palmas para comemorar o acontecimento.

Em Areal não se falava em outra coisa.



O sr. Janot Pacheco [illegible] seus 68 anos está sempre [illegible] ce. Apontou para o [illegible] ao repórter: «Veja a minha chave»

A CHUVA (de Janot) FÊZ "FORFAIT"



Foram gastas algumas dezenas de cruzeiros nas experiências de Posse. Vários quilos de drogas foram transformados em densa fumaça.



A provocação de chuvas artificiais requer uma complicada aparelhagem. O nosso «manda-chuva» não dispõe de tudo. Falta-lhe muita coisa.

Aliás, as experiências do professor Pacheco polarizaram as atenções do país inteiro. A maioria dos jornais e estações de rádio fizeram seguir para o local seus repórteres para colhêr notícias a respeito.

Depois de decorridas 24 horas de ininterrupto trabalho, alguém chegou com a notícia de que em Paraíba do Sul e Três Rios estava chovendo torrencialmente. Foi um alvorôço tremendo. Na ânsia de dar um «furo» de reportagem, os rapazes da imprensa empreenderam uma corrida louca em busca de confirmação de tal notícia. O professor e seus assistentes ficaram radiantes. A satisfação não se prolongou muito, pois em 30 minutos sabia-se da extensão do aguaceiro que estaria desabando nas localidades citadas. Tudo não passara de mais uma blague. Chovera, realmente, mas não dera para encher uma piscina. Pouco depois o professor Janot, solicitado pela imprensa, prestou informações dizendo que aquela era a «sua» chuva.

No decorrer do primeiro dia de experiências comentava-se o fato da Aeronáutica não ter mandado o avião para «bombardear» as nuvens formadas pelo professor. O homem chegou a ficar irritado, ordenando a seu filho Gabriel Pacheco que seguisse imediatamente para o Rio a fim de entrar em contacto com o pessoal da FAB. Outro fator veio atrapalhar as experiências para a provocação de chuvas artificiais: o vento. Soprando muito forte, os ventos dentro em pouco desfizeram as nuvens, levando-as para direção contrária ao Ribeirão das Lajes, que era o objetivo visado.

Diante de tudo isto, o sr. Janot Pacheco resolveu suspender os trabalhos. O acampamento foi desmontado e a caravana deixou o local, tomando o rumo de Barra do Piraí, onde as condições atmosféricas, segundo os entendidos, eram mais propícias. Não sabemos do resultado da nova tentativa, pois esta reportagem foi redigida no mesmo dia em que o sr. Janot Pacheco resolveu suspender os seus trabalhos. O fato é que não choveu. Entrementes, o professor «manda-chuva» continua afirmando que fará desabar violento e prolongado temporal para possibilitar o enchimento das



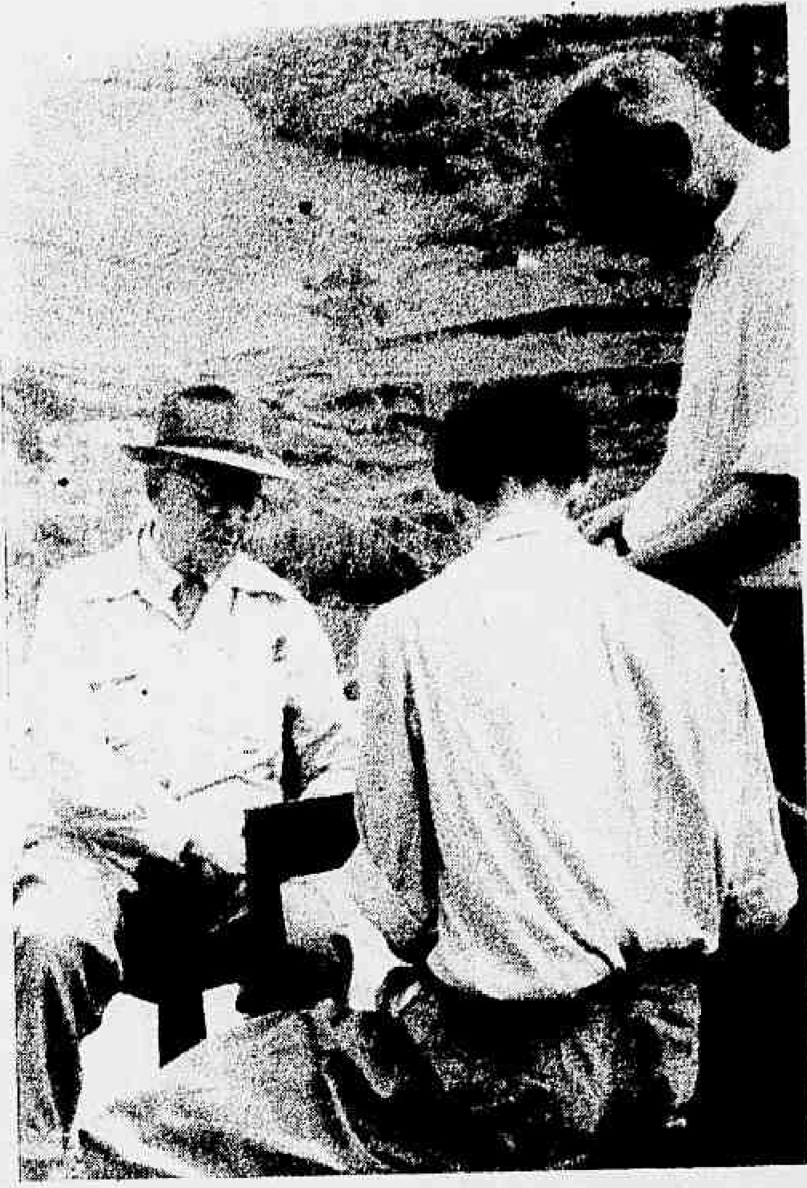
Um aspecto do acampamento, em Posse, depois de abandonado pelo sr. Janot Pacheco. A fogueira ardeu durante quarenta e oito horas consecutivas, sem que tirasse nenhum proveito. Note-se que a terra está sêca como foi encontrada no primeiro dia de penoso e cansativo trabalho.

represas da Light, nos vales dos rios Piabanha e Paraíba.

Contada a história das experiências frustradas do sr. Janot Pacheco, em Posse, vamos nos permitir a fazer ligeiro comentário em tôrno das mesmas. Ninguém desconhece que é possível a provocação de chuvas artificiais. Nos Estados Unidos e na Europa isto já não desperta curiosidade, existindo, mesmo, grandes e bem equipadas emprêsas especializadas na matéria. Entretanto, no Brasil, justiça seja feita, é o professor Janot Pacheco o pioneiro neste assunto. Não dispondo de material próprio para levar avante as suas experiências, e, por outro lado, não contando com o auxílio eficaz por parte das autoridades, lògicamente não pode tornar realidade as exaustivas experiências que tem realizado nesse campo. Seria necessário uma equipe de técnicos para conduzir os trabalhos, aviadores experimentados e mesmo aviões próprios para o lançamento do gêlo sêco sôbre as camadas de cúmulus formadas pelos gases que se precipitam no espaço. Com uma ação conjunta, por intermédio de comunicações pelo rádio, acreditamos que tudo seria resolvido satisfatòriamente. Por outro lado, as despesas feitas em vão, com o lançamento de drogas em locais que a «ôlho nu» parecem ótimos, mas que na realidade não estão em condições de receber a alquímia adrede preparada, seriam evitadas. Só se faria o trabalho depois de um estudo detalhado da região e depois de calculadas as verdadeiras possibilidades de êxito.



O professor Janot diz que usa na provocação de chuvas iodeto de prata e outros sais. Não revela, de maneira alguma, sua fórmula secreta.



O cidadão lusitano, Francisco Pizarro, visto em mangas de camisa, de pé, não abandona um só instante o discutido «manda-chuva».

Nesse capítulo, queremos, ainda, ressaltar a ação de um cidadão lusitano que, ou por solidariedade, ou apenas por interêsse econômico, está auxiliando financeiramente o professor Janot Pacheco. Êste é o sr. Francisco Pizarro, rico comerciante em Niterói e que não tem abandonado um só instante o famoso professor. Por outro lado, há que se destacar a atuação do jovem Gabriel Pacheco, também engenheiro, que se tem dedicado de corpo e alma às experiências de seu velho pai, tão criticado pela opinião pública.

Enfim, é possível que o sr. Janot Pacheco veja coroadas de êxito as suas experiências. Aguardemos as «suas» chuvas para encher as represas da Light...



A expedição do sr. Janot Pacheco, depois de um trabalho insano, deixa a localidade de Posse para tomar outro rumo. Depois disso o «manda-chuva» já experimentou vários outros lugares daquela região. Se não houver mais eficiente colaboração por parte do govêrno, nada será feito.

a REVISTA há 50 anos

Domingo, 27 de Setembro de 1903

CHRONICA

ESTA bem de ver que não vou tratar aqui, nesta columna da risonha **Revista**, da eleição de deputados que sempre deu um conflictozinho, nem do apparecimento de mais um satyro repugnante e torpe na nossa terra, nem mesmo do perigo que correu a cidade de ficar ás escuras com a gréve do gaz. Eleições não interessam aos que lêm chronicas, eleições são boas para politicos e rolistas. A historia do monstro da rua do Carmo mancharia estas paginas claras e honestas. Quanto á escuridão não a temeu nunca a REVISTA DA SEMANA que se illumina com a fulgurante luz dos mais lindos olhos das cariocas, das brasileiras gentis, de Vocencias, Leitoras.

Demais, todas essas coisas, foram nada na semana, não pesam na vida destes sete dias, porque o facto de maior valor houve n'elles, caso de maior importancia: a partida de Santos Dumont. Ja se partiu para onde o chama o Trabalho, para onde lhe sorri a Gloria. Voltou á França, o nosso irmão. Vae de novo viajar os ares que só ao seu jugo se curvam, que só á sua energia, á sua coragem se submettem, vae perlustrar os espaços, mais uma vez, mais cem vezes conquistando o applauso delirante da grande cidade, vae recomeçar a serie seus triunphos sobre Paris, que tão difficil tem a admiração pelo estrangeiro e tanto admira o nosso patricio.

Partiu e só saudades deixou, saudades fundas, sinceras.

Quando elle chegou fomos esperal-o com orgulho, com admiração, vibrando do enthisiasmo que se tem por um grande homem. A hora da despedida o que sentiamos por elle era affecto sincero, amor de irmãos por um irmão que sendo um Triumphador, um Glorioso, é mais que tudo um simples, um lhano, uma creatura que a todos encanta e seduz pela sua singelleza, pela sua despreocupação. Recebemol-o Heróe, vemol-o partir Amigo, tornado pedaço do nosso coração. Foi dolorosa, pois, a despedida e só nos consola do apartamento a certeza de que elle se foi, tão commovido como nós e de que, da outra banda do Atlantico, a Gloria o aguarda.

JOSÉ VARIO

PROMESSA

Num volume elegante — um mimo de arte e gosto —
Inda hei de te offertar, querida, os meus sonetos:
— Poemas onde eu canto a aurora do teu rosto
E essa noite polar dos teus cabellos pretos.

Poemas onde a Crença, em languidos quartettos,
Compara o nosso amor ao céo azul de Agosto;
E a Duvida cruel, que explode nos tercettos,
Lembra um sino dobrando em horas do sol posto.

Melopéas subtis a que a Saudade empresta
A musica idéal das aves, na floresta,
Quando volta a andorinha e nasce a flor no prado.

Cantigas ao luar, vibrantes, coloridas,
E que fazem sonhar co'as pompas de um noivado,
Sobre os balcões em flor, as loiras Margaridas.

(Recife) — *MENDES MARTINS.*

PALESTRAS SCIENTIFICAS

● PIANO E NERVOS — Parecerá que é cousa inteiramente inversa, fazer com que as crianças aprendam a tocar piano, desde que completem nove ou dez anos de edade; haverá mesmo quem acredite ser isto indispensavel em qualquer educação mais ou menos esmerada. Entretanto, os medicos em geral recommendam aos nevropathas a abstenção d'esse exercicio, e elles parecem ter razão. É, pelo menos, esta a conclusão a tirar das investigações de um medico de Berlim, que verificou sobre 1000 meninas submetidas ao regimen das escolas, antes da edade de 12 annos, 600 casos de molestias nervosas, ao passo que observou apenas 100, no mesmo numero de crianças á quem era poupado este supplicio. O autor destas investigações diz que não deve ser permittido o estudo do piano antes dos dezeseis annos de edade, e mesmo assim, duas horas por dia, no maximo. O tal medico allemão, lamenta a sorte dos que levam a fazer escalas, durante um dia inteiro; e os desgraçados visinhos destes artistas precoces? Ah! estes é que são as verdadeiras victimas.

LIÇÃO A UM ESTOUVADO — Em uma noute escura, um cego ia pela rua com uma lanterna na mão. Um sujeito que o encontrou, disse em tom de zombaria:
— Como és simples! De que te serve essa luz? Pois o dia e a noite não são para ti a mesma cousa?
— Não é para mim, lhe respondeu o cego, que eu trago esta lanterna, é para que algum estouvado como tu não venha esbarrar commigo, e me deite ao chão.

C O R R E I O D A R E V I S T A

★ **M. G. (Pôrto Alegre)** — Muito ruim, na verdade, seu conto. Esco[...] motivos mais verossímeis e evite a puerilidade de caráter esc[...] Pelo que escreveu, a senhorita é ainda uma criança. Talvez «Tico-Tico» possa ajudá-la nessa fase de iniciante. Mas não [...] esqueça do seu português.

★ **CRISALVA DE A. MAIA (Rio)** — Estamos ao seu dispor. Se pres[...] pode ficar tranqüila.

★ **J. T. DE M. (Rio)** — Não publicamos versos. Veja se escreve alg[...] conto. Pode ser de sua invenção, ou tirado de qualquer episó[...] histórico.

★ **G. H. (Rio)** — Só poderemos satisfazer seus desejos, indicando [...] data (pelo menos o mês certo) em que saiu a crônica a que [...] refere. Não sendo assim, é dificílimo obter o exemplar de seu pedi[...]

★ **H. M. DE A. (Rio)** — Não foi possível aprovar seu conto. [...] escrito numa linguagem absurda.

★ **TERESINHA M. DOS ANJOS (S. Paulo)** — Os seus versos não es[...] maus. Não aceitamos pelo simples motivo de não publicarmos [...] gênero de literatura.

★ **J. F. (Belo Horizonte)** — Pode mandar. Não devolveremos origina[...] aproveitados ou não.

★ **CELESTE (Rio)** — Sua contribuição deixa de ser aproveitada porque os assuntos já foram publicados na respectiva secção desta Revista.

★ **MARIA DOS PRAZERES (Rio)** — Pode vir buscar o que pede em nosso balcão, rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa.

★ **C. DOS S. (Rio)** — Muito agradecidos pelos louvores. Continue a colecionar os cromos até a última edição da Revista de dezembro quando o seu álbum concorrerá com a loteria do Natal próximo.

★ **L. R. (Curitiba)** — Não possuímos os livros de sua consulta. Dirija-se, por favor, à editôra constante da capa.

★ **M. B. DE A. (Recife)** — Queira indicar, pelo menos, o mês. Assim como nos pede é impossível satisfazer-lhe o pedido.

★ **H. W. (Rio)** — Mande os originais. Só poderemos dizer algo, depois de ler seu conto.

★ **TEOTÔNIO MAMEDE** — Antigamente, antes do aeroporto da Pampulha, os aviões desciam no de Lagoa Santa. Hoje, não. O amigo terá que ir primeiro a Belo Horizonte, para, depois, tomar «jardineira» ou táxi até aquela cidade.

★ **MANUEL DE O. SANTOS (Rio)** — As suas observações têm a mais oportuna razão de ser. A reforma ortográfica decretada em 1943 para todo o território nacional, infelizmente não está sendo obedecida por tôda a imprensa do país, e muito menos pelos nossos escritores. Devemos, porém, adiantar-lhe, que, filosòficamente, não está errando quem deixar de escrever com a acentuação gráfica, pois se trata de um regime determinado através de uma convenção entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Losboa.

★ **P. O. G. (Rio)** — Não serviu o seu conto. Não está bem arquitetado. Lembre-se de que êsse gênero literário deve ser conciso, apresentar um argumento interessante e sempre cheio de surprêsas para o leitor. Se o amigo desvenda, de início, o que se vai dar, que interêsse pode ter a história para quem lê?

★ **JOSÉ M. DA SILVA (Salvador)** — Nada recebemos do amigo. Se dispuser de cópia, queira mandar.

★ **ALEXANDRE DE O. MAIA (Rio)** — Publicar um drama na Revista? Que idéia, amigo!

★ **M. G. (Belo Horizonte)** — Uma reportagem sôbre o assunto de que nos fala, exige excelente material fotográfico. Sem tal documentação, tudo sairia errado. Se dispuser das fotos, mande o original para analisarmos. Sem compromisso.

★ **MILTON** — Nas livrarias da cidade o amigo poderá encontrar a obra a que se refere.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 39 ★ 26-9-1953

SUMÁRIO

A chuva (de Janot) fêz «forfait» .. 3/ 7
34 anos de luta nas pistas 11/13
Caviar e oposição no menu do Homem-Livre 14/17
Um Concurso revela duas jovens sem ambição 20/21
A águia alemã tem duas cabeças 26/31
O baile do marquês de Cuevas .. 44/46
Revolução em Marrocos 54/57

E o monumento a José do Patrocínio? 9
A Bem-Amada 22/23
A Semana Literária 24
Francesca da Rimini 34/35
O Repórter Saint-Hilaire 52/53
Uma noite de chuva (conto) 51

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
De Cinema 12
Janela sôbre o mundo 32/33
Teatro 36
Arabelle 49
De Rádio 47
Último Flash 58

A luz da psicanálise 18
Para o verão 38/39
Sugestão para o lar 40/41
Week-end na cozinha 42

Capa: ZSA-ZSA GABOR
(Foto United Artists)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569

E O MONUMENTO A JOSÉ DO PATROCÍNIO?



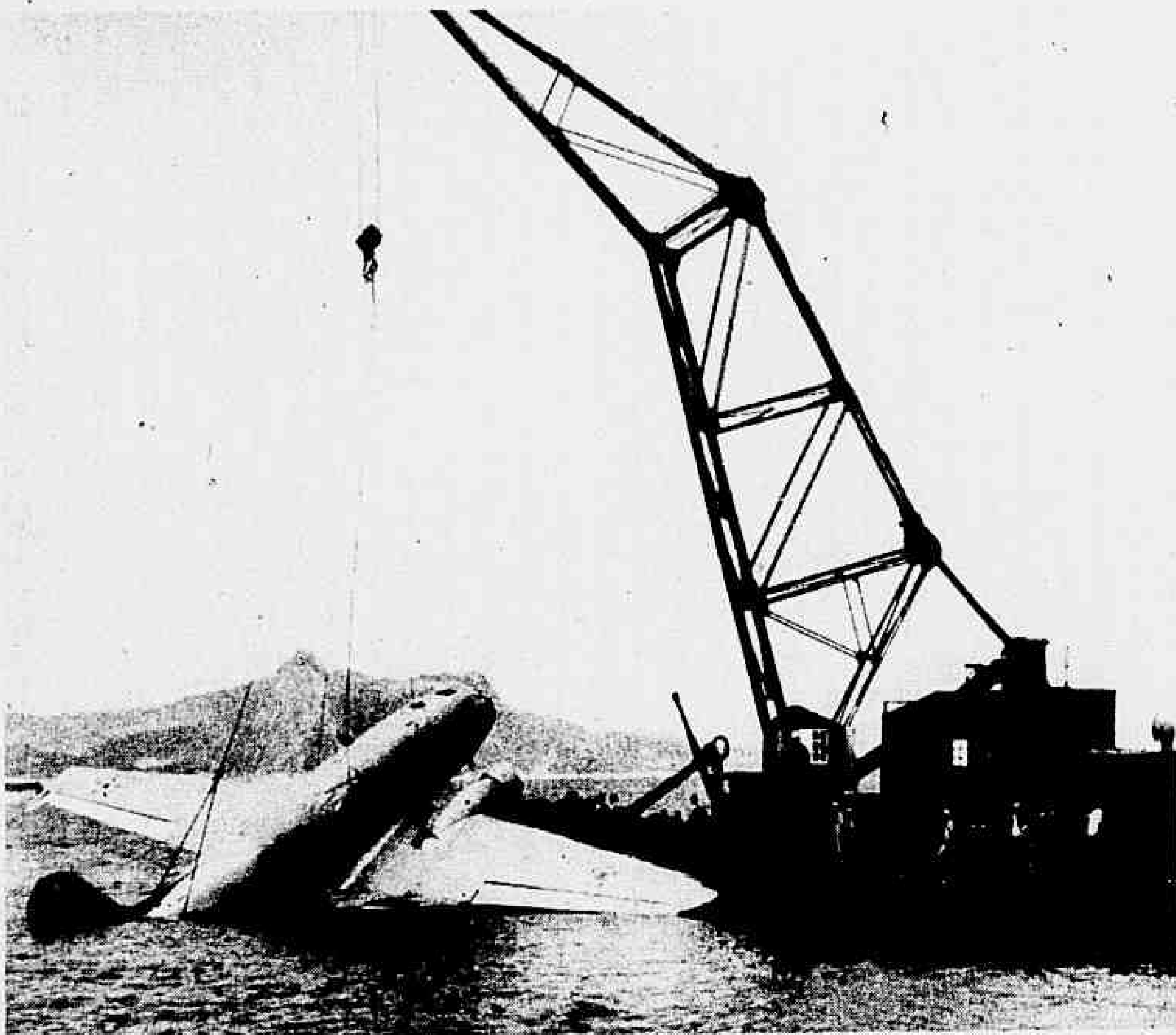
Não é só no interior que se cometem crimes contra os escravos. As pretas Eduarda e Joana levadas às redações dos jornais pelo José do Patrocínio e João Clapp, provando que na Côrte também há verdugos. Desenho e legenda publicados na «Revista Ilustrada» nº 427 de 1888.

VAMOS comemorar Patrocínio. O centenário do «tigre da abolição» justifica uma homenagem nacional. Queremos, porém, dar-lhe a interpretação adequada. Deve ter sobretudo o caráter da fraternidade racial, que sugere: a incorporação do elemento negro na cultura brasileira, a glorificação do gênio mestiço que tão decisivamente contribuiu para a originalidade, a formação, a vitalidade da pátria. Num país sem preconceitos de côr, superados aliás pela conjuntura social, jamais se permitiu a separação das fôrças, conjugadas na sua palpitante realidade, classificando-as pela procedência, pelas etnias, pela expressão econômica. Não se distinguiram em nenhuma das épocas da conquista e do crescimento do Brasil. Mas efetivamente se confundem na ebulição das liberdades públicas dêsse século romântico, em que se travou a batalha florida da emancipação dos escravos. Esta teve a singularidade de ser um conflito de egoísmo e simpatia humana dominado pelas energias sentimentais do povo; uma campanha generosa em que a elite e as massas se encontraram; a arena de uma comunhão lírica que estava longe de ser um campo de guerra. Foi, estranhamente, uma oportunidade de aliança, conciliação e poesia. E foi assim, porque — inconscientes das suas diferenças de condição e de sangue — a conduziram e ganharam tôdas as classes, harmonizadas pela beleza das convicções num grande clamor de justiça. O belo Nabuco, o austero Ferreira Viana, o flamejante Castro Alves, os abolicionistas jovens das arcadas acadêmicas, da oposição parlamentar, da ala afoita do partido liberal; e os pretos Luís Gama, André Rebouças, José do Patrocínio...

● Curioso é que os outros têm a celebridade velada discretamente pela penumbra do passado: enquanto que a fama do tribuno popular, dilatada na admiração da posteridade, o inclui entre os sempre-vivos da tradição nacional, os eternamente presentes à sua emoção. Explica-se esta lisonjeira espécie de imortalidade pelo sentido apostólico de sua jornada. Mais se compreenderá, com os argumentos da heróica devoção, do desvario cívico, da sua própria figura, vazada no escuro bronze em que um Otelo ciumento (a imagem é dêle) dramatiza o amor de Desdemona, a Liberdade. Pobre homem da várzea de Campos, nascido em berço humilde, filho de mãe preta, cujo silencioso padecimento simbolizava a um tempo a dor e a reabilitação das senzalas, aquêle rapaz imprudente se tornou, lògicamente, o missionário da alforria. Adotou a causa dos cativos como quem cumpre um juramento, empunha uma bandeira, segue um destino ou — sem pensar em voltar — se mete perdidamente numa aventura. Havia vencer ou morrer. É um dos casos maravilhosos de dedicação integral, em que, na história do Brasil, um homem de espírito se confunde providencialmente com a alma popular. Patrocínio transformou-se no seu guia e mestre, apoderou-se da sensibilidade das ruas, armou nas esquinas a sua tribuna de orador de comício, sagrou-se o caudilho da libertação a golpes de frase, com as suas rutilantes perorações num estilo dêle só, com fagulhas no agudo aço de seu florete, de espadachim errante. Não parou mais de falar. Falou para todos, como ninguém. Falou na capital e nas províncias, ao sol e à chuva, nos teatros cheios e na praça desabrigada, sob a ameaça da autoridade ou ao seu lado, arriscando a vida ou coroando-a com as apoteoses democráticas, incansável, luminoso, profético, adorado dos outros pretos, São Benedito gordo e loquaz da raça infeliz, seu oráculo de língua sôlta... Foi por isto que, no dia do triunfo, quando a princesa Isabel o esperava no Paço da Cidade, pronta para assinar a «lei áurea», Patrocínio, que perdera a voz em inúmeros discursos durante o trajeto, exausto, alucinado, rouco, mal pôde gaguejar algumas sublimes palavras.

● Prodígio de eloqüência inspirada pelo sentimento, pela sacra indignação, pelo amor de sua gente, êsse formidável lutador merecia o metal incorruptível de uma estátua, em que a gratidão do futuro lhe perpetuasse o gesto, a ênfase, o vendaval oratório, sobretudo a mensagem que por seu intermédio os negros do seu tempo enviaram a todos os negros, num grande convite de redenção e solidariedade. Entre Spartacus e Cícero não foi considerável a distância. Zangar-se-ia — notemos bem — se ouvisse insistirem na sua origem africana. Uma feita, soberbo de entusiasmo por esta cultura cristã, romana e celta, que era espiritualmente o seu clima, vociferou, convencido: «Nós, os latinos...». E desceu da tribuna traçando simbòlicamente a toga de Horácio sôbre o seu largo peito de príncipe núbio: era o Brasil.

PEDRO CALMON — (Da Academia Brasileira)



CAIU O AVIÃO DE GETÚLIO! — A notícia causou sensação, pois se sabia que o Presidente da República ia viajar para o Rio Grande; mas logo se esclareceu. O aparelho presidencial, no qual já viajara o general Odria e o próprio sr. Getúlio Vargas, ao ser experimentado no sábado, véspera da viagem do Presidente, sofrera um desarranjo ao descer na pista no aeroporto «Santos Dumont», e se projetara até além da pista, caindo ao mar perto da Escola Naval. Não houve vítimas, pois os tripulantes saíram do seu bôjo com facilidade. O avião foi retirado dágua e entrou em reparos. No dia seguinte s. excia. seguiu noutro para Itu.

A PERSONAGEM DA SEMANA



DESDE muito se falava no rompimento político-partidário do sr. Lucas Garcez, com o sr. Ademar de Barros, ficando o PSP sem o prestígio do Governador de São Paulo, que era o seu presidente de honra. Como que pondo escoras no teto que ameaçava desabar, o sr. Ademar de Barros, ia-se conduzindo de maneira a disfarçar os desentendimentos entre êle e o sr. Lucas Garcez, até que sobreveio a eleição para a Prefeitura da capital paulista. Tôda a campanha do senhor Jânio Qaudros girou em combater o chefe do Partido Social Progressista, e a vitória foi estrondosa. As coisas continuaram más entre o Governador de São Paulo e o chefe do PSP, até que, numa entrevista em que se referia a «professor de Hidráulica», em sentido algo pejorativo, foi atingir em cheio a pessoa do sr. Lucas Garcez. Êste, a 14 de setembro corrente, dirigiu verdadeiro «ultimatum» ao PSP, para que essa agremiação política desagravasse o seu Presidente de Honra, das críticas feitas pelo sr. Ademar de Barros. O PSP respondeu alegando que não tinha nada a ver com atos pessoais do sr. Ademar de Barros. E, a 15, depois das 24 horas do «ultimatum», rompeu o sr. Lucas Garcez, libertando-se do PSP e, conseqüentemente, do sr. Ademar de Barros. Processam-se agora grandes alterações nas bancadas do PSP, esperando-se que muitos legisladores se passem para o sr. Lucas Garcez, o mesmo sucedendo com vários membros do Executivo Estadual.

A SEMANA EM REVISTA



UM SUSTO DOS NOIVOS — O sr. Oswaldo Moreira e Maria da Conceição iam casar-se no domingo, 13 de setembro. Quando o Juiz chegou, a casa era uma festa. Mas o «meritíssimo» estava sujo, barbado e bêbedo. Assim mesmo lavrou a ata, recebeu 350 cruzeiros para completar os 500 do contrato e foi-se, após fazer um discurso aos nubentes. Um tio da noiva desconfiou. Leu a «Sertidão do Rezistro Sivil» e correu à polícia. Resultado: falso documento, nulo o ato. No 1º Distrito Policial tudo se esclareceu. O «Juiz» era o incorrigível malandro Moleque Bagulho. Os noivos casaram-se depois, legalmente, e a polícia anda atrás do larápio.



«HABEAS-CORPUS» PARA «GUARIBA» — O sr. Manuel Pereira, residente em Bonito, Paraíba, trouxe do Amazonas para sua terra, um macaco «guariba». O bicho não é feroz; mas gosta de trepar nos telhados, é amigo do alheio, joga pedra em quem passa na rua, etc. O delegado de polícia o meteu no xadrez; mas o dono não se conformou. Após muita tentativa sem resultado, para libertar seu amigo selvagem, entregou o caso a um advogado, que, imediatamente, requereu «habeas-corpus» e o juiz o concedeu. O «guariba» foi sôlto e voltou ao seu dono. Agora está legalizado para fazer das suas. Contanto que não incomode o sr. Juiz...

ARMANDO ROSAS



Ei-lo, como sempre, sorridente, pronto para ir à raia, em busca de novos louros. Seu ânimo é sempre o mesmo, tanto nas vitórias como nas derrotas.

34 ANOS DE LUTAS NAS PISTAS

JÁ É AVÔ E CONTINUA MONTANDO ★ SÒMENTE UMA QUEDA EM TODO ÊSSE TEMPO ★ MEMBRO DE UMA DAS FAMÍLIAS MAIS TRADICIONAIS DO TURFE ★ "CAVALARIANO", "VOVÔ" E "COZINHEIRO-MOR" ★ DESCOBRIDOR DA "AVENIDA ARMANDO ROSA" ★ PRETENDE ESTABELECER UM RECORDE DE LONGEVIDADE NA PROFISSÃO.

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

ESTAMOS diante dêle. Tem uma expressão calma, gestos calculados, como os de um homem que conhece a vida e pensa bastante antes de dizer ou fazer qualquer coisa. Quarenta e sete anos de idade; os cabelos começam a ficar ligeiramente grisalhos. A palestra tem início e êle vai nos contando sua vida. Faz parte de uma das famílias mais tradicionais do turfe brasileiro. Seu pai, um velhinho septuagenário, o «mago» Paulo Rosa, como é conhecido nas rodas turfísticas, tem quatro filhos. Otaviano, o mais velho, é tratador de puros-sangues em São Paulo. Cláudio, o segundo, já foi jóquei e agora é «entraineur» no Rio. Armando é o terceiro; Alvaro, o quarto, é também tratador no Prado da Gávea.

Armando Rosa é carioca e foi criado no R. G. do Sul. Começou a montar aos 13 anos. Pesava 34 quilos, quando estreou, montando Galathea (mãe do famoso tordilho Mossoró), no velho Prado de S. Francisco Xavier. Isto se deu em 1920 e o garôto esperto venceu logo na estréia. Alcançando em pouco tempo o total de 15 vitórias necessário à promoção de aprendiz para jóquei, foi protegido pela nova medida da Comissão de Corridas da época, que aumentou o total exigido para trinta vitórias, o que

DE CINEMA

NEWTON COUTO

UMA REALIZAÇÃO DE JACQUES BECKER



Simone Signoret, que interpreta a personalidade impressionante de Maria, a mulher dos cabelos de ouro, ao lado de Serge Reggiani, numa cena de «Amôres de Apache» (Casque D'or).

DEPOIS de realizar «Antônio e Antonieta» e «Eterna Ilusão», filmes de reconhecido valor artístico, principalmente o primeiro, Jacques Becker reaparecerá, novamente, através de «Amôres de Apache» (Casque D'Or), película distribuída pela França Filmes e filmada após «Eduardo e Carolina», ainda inédito entre nós, também dirigida por Jacques Becker, tendo num dos principais papéis o extraordinário Daniel Gelin. «Amôres de Apache», conta em seu elenco com os nomes de Simone Signoret, que tanto sucesso alcançou junto ao nosso público, com a sua brilhante interpretação em «Escravas do Amor»; Serge Reggiani, nosso conhecido de «Anjo Perverso» (Manon), «Amantes de Verona» e «Conflitos de Amor» (La Ronde); Claude Dauphin, o intérprete de «Cyrano de Bergerac» do cinema francês; além de outros em pequenos papéis, como Raymond Bussieres, Gaston Modot, Paul Barge, Dominique Davray, etc. Simone Signoret teve oportunidade de conhecer o nosso país, acompanhada do cantor Yves Montant, que veio cantar em uma de nossas «boites».

● **A adaptação e diálogos de «Amôres de Apache» são do próprio Jacques Becker, que terminou êste celulóide pouco antes de vir ao Festival Cinematográfico de Punta Del Leste, em 1951, e R. Bussiere, que outro não é do que o ator que atua em «Amôres de Apache». O roteiro foi trabalhado por Jacques Becker e o notável cenarista do cinema francês J. Companeez, enquanto a fotografia é de Robert Le Febvre, responsável pela excelente fotografia de «Viagem Sem Esperança» (Voyage Sans Espoir), e a música de Georges Van Parys. A ação de «Amôres de Apache» inicia-se há cinqüenta anos atrás, na época da Grande Exposição Internacional, onde tudo era festa e alegria, mas aonde também existia uma verdadeira quadrilha de «gangsters», que na França se chamava «Le Milieu». É justamente durante êste período, que apareceu uma mulher, que vivia nos cabeçalhos de jornais, filha dos arrabaldes, suscitando violentas paixões, que terminavam sempre em lutas sangrentas, deixando em seu rastro muitos cadáveres. Esta mulher, que andava em tôdas as bôcas e nas páginas dos diários, era conhecida pelo nome de «Casco de Ouro», por ser dotada de uma grande cabeleira loura. Era solicitada por todos os «music-halls», pela atração que constituía seu nome, assim como era mantida por lordes e príncipes. «Casco de Ouro», vivida na tela por Simone Signoret e cujo nome era Maria, termina seus dias num leito de hospital, completamente esquecida de todos.**

● Jacques Becker não procurou fazer uma biografia desta vida atribulada, como foi a de «Casco de Ouro», mas simplesmente a tomou como base para criar uma atmosfera que fizesse reviver aquêles episódios reais, que tanto comoveram a opinião pública nos princípios do século XX. «Casco de Ouro» representa, também, em «Amôres de Apache», o amor de tôda uma época, sendo que Jacques Becker soube disassociar paradoxalmente a pureza de um amor sincero, impregnado de muita poesia, reminiscente daquela «dulçura de viver», que desaparece com o aparecimento dos «apaches», precursores dos atuais «gangsters» e autores dos atos mais selvagens. Jacques procurou fazer um filme entre uma pintura de Renoir e à maneira de Eugene Sue, encontrando-se, por êste motivo, em «Amôres de Apache», o contraste de uma encantadora estampa de um passeio de barco num domingo sôbre o Marne, êles com chapéus de palha e elas com as suas sombrinhas, enquanto na esquina de Belleville ou Charonne, se viam as lutas sanguinárias, reluzindo as navalhas de mulheres; sob a cúmplice luz dos faróis do arrabalde. Como vemos, «Amôres de Apache» possui todos os ingredientes necessários a uma película realmente dotada de qualidades, devendo constituir num espetáculo capaz de fazer um sucesso artístico, como o fizeram tôdas as películas de Jacques Becker, êsse excelente diretor da nova geração, que já deu provas sobejas da sua capacidade, cimentada sôbre uma experiência adquirida através de vários anos de assistência a outros diretores, que lhe incutiram em seu espírito o verdadeiro sentido da sétima arte... Portanto, esperemos a estréia de «Amôres de Apache», para nos cientificarmos desta verdade.

O «GANGSTER» NO CINEMA

O nosso colega e confrade Salvyano Cavalcânti de Paiva, responsável pelas colunas de cinema da revista «Manchete» e o jornal «A Pátria», vai editar o seu primeiro livro sôbre cinema, intitulado «O Gangster no Cinema». Trata-se de um estudo crítico e sociológico sôbre o banditismo na sétima arte. Ao nosso amigo Salvyano, portanto, parabéns pela saída de seu primeiro livro.

ARMANDO ROSA



Quatro gerações da família Rosa: o casal de bisavós, o avô, a neta e o bisneto. Quem sabe se êste não herdou as qualidades do bravo avô?

vinha beneficiar os aprendizes na descarga a que têm direito no pêso, para montar. Naquele mesmo ano, Armando Rosa já encabeçava as estatísticas. Corria inicialmente no regime do freio, passando depois a conduzir animais como bridão, desde que tal fôsse necessário. Montou para dois dos mais abastados proprietários daquela e de outras épocas, o dr. Linneo de Paula Machado e o cel. Frederico J. Lundgren. Nos dois anos subseqüentes, voltou a ser o campeão das estatísticas. Posteriormente, liderou a classe dos jóqueis em mais algumas temporadas. Não sabe ao certo quantas vitórias já obteve. Estas ultrapassam a casa das duas mil.

O «cavalariano», um dos apelidos por que é conhecido, já montou em todos os prados existentes desde o Rio até o extremo sul do país. E, naturalmente, ganhou em todos, levantando também as provas mais importantes dêsses hipódromos. Aqui, venceu dois Grandes Prêmios Brasil, com Sargento em 1935, e com Helium em 1937. Laureou-se ainda no G. P. São Paulo com Teruel, e no G. P. Bento Gonçalves por duas vêzes, com Cloro e Acheron, como tratador e jóquei dêstes dois animais. Cêrca de dez anos antes, vencera a mesma prova montando Maritain. A única das grandes provas que lhe falta levantar, é o G. P. Paraná, em que já conseguiu dois segundos lugares.

Atualmente, Armando Rosa acumula as funções de jóquei e tratador, e exerce esta última profissão há aproximadamente 15 anos. Passou duas temporadas em Pôrto Alegre, como jóquei e tratador do Stud Seabra, liderando então as estatísticas locais, levantando mais de dois milhões em prêmios.

O mais antigo jóquei da Gávea já ganhou bastante na profissão que abraçou. Calcula que já tenha recebido mais de 12 milhões de cruzeiros, pelas vitórias que conquistou. Ao seu nome encontram-se ligados diversos fatos curiosos: foi o primeiro jóquei a comprar um automóvel (já teve diversos e

(Cont. na pág. 48)



5 de setembro de 1920, data histórica nos anais turfísticos: o freio Armando Rosa estreou e venceu com Galathea. Notem a «pose» do ginete.



Apesar de lidar com cavalos desde tenra idade, jamais se sente enfadado dos mesmos e tem por êles imenso afeto, plenamente demonstrado em sua expressão.

MUSA, LIBERDADE E BOA "BÓIA"

CAVIAR E OPOSIÇÃO NO "ME

TREZENTAS E CINQÜENTA PESSOAS OUVEM LACERDA E MILTON CAMPOS ★ COMPARECEM OS "MINISTROS DE EXPERIÊNCIA" ★ A PRESENÇA DOS

SRS. CAFÉ
A UDN EM
★ OS AUS
★ HOMEN

Texto de **HÉLIO ABREU**

O Homem Livre posa para a posteridade. Atendendo a uma solicitação do nosso fotógrafo, o sr. José Eduardo de Macedo Soares, que renunciou à carreira das armas para lutar com a pena da imprensa, é retratado de corpo inteiro, aos seus avançados 70 anos de idade.

A história da liberdade é tão velha quanto a própria humanidade. Ela vem do fundo dos séculos e não pode ser contada de forma resumida. Não pretendemos discutir, aqui, se o primeiro homem que veio ao mundo nasceu livre de espírito, prêso apenas às contingências do seu «habitat», mas tão sòmente dizer o que foi a «Festa do Homem Livre», iniciativa do colunista João Duarte Filho, da «Tribuna da Imprensa», no propósito de homenagear a imprensa independente na pessoa do sr. José Eduardo de Macedo Soares, o fundador do «Diário Carioca».

Antigamente, quando o Brasil vivia prêso à cartilha de «37» — famigerado documento de triste memória — a oposição encontrou uma maneira de burlar o contrôle dipiano e os beleguins policiais e prestar a sua homenagem aos que souberam reagir ao regime forte, então vigente. Eram as chamadas «missas de ação de graça». Mangabeira nunca foi tão «rezado» como naquele tempo. O mesmo acontecia com Armando Sales de Oliveira, Pedro Ernesto e até o atual ministro José Américo ganhou suas missinhas. Findo o período da ditadura — ... e como era dura a ditá — e com o advento da democracia, novas modalidades de cultuar a oposição foram inventadas, como essa que nasceu agora, e que recebeu o nome de Festa do Homem Livre. Que o vibrante jornalista J. E. de Macedo Soares mereceu a homenagem, não discutimos. Homem com mais de 40 anos de imprensa, ex-deputado e senador, grande é a soma de serviços que prestou ao país.

Cêrca de trezentas e cinqüenta pessoas compareceram ao salão de banquetes do Copacabana Palace, na sua grande maioria, figuras do nosso mundo político.

O primeiro a chegar foi o deputado Heitor Beltrão, udenista carioca, a quem logo se seguiu o sr. Herbert Moses, o inefável vovô da imprensa. O ágape, que estava marcado para as 21 horas, sòmente teve início meia hora após, o que se deve à multiplicidade dos aperitivos servidos no chamado «Salão Verde», que é o ponto de reunião dos que lá vão se banquetear.

★

Entre os que formavam o primeiro time da vida pública brasileira, ali presentes, destacamos os srs. marechal Eurico Gaspar Dutra, que se fazia acompanhar do ministro José Pereira Lira, chefe do seu Gabinete Civil, ao tempo do seu govêrno. A UDN compareceu em massa. Artur Santos, Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Armando Falcão e Bilac Pinto, além do sr. Milton Campos e de vários senadores constituíram a primeira linha do partido do brigadeiro. O PSP estêve também representado, e na figura do Vice-Presidente da República, o sr. João Café Filho. Até o ministério de experiência assinou o ponto na lista do Homem Livre. Negrão de Lima e João Neves da Fontoura tiveram oportunidade de confraternizarem, livremente, não só com o homenageado Macedo Soares, mas também com os senhores Odilon Braga, Raul Fernandes, Prado Kelly, Francisco Campos, Carlos Lacerda e Nereu Ramos.

A imprensa não podia deixar de comparecer, uma vez que era ela, no fundo, a homenageada. Roberto Marinho, de «O Globo», Assis Chateaubriand, dos «Associados», Austregésilo de Athayde; Carlos Lacerda, o anfitrião, da «Tribuna da Imprensa», João Neder, de «Vanguarda», etc. O sr. Elmano Cardim, do «Jornal do Comércio», foi o locutor da festa.

Em meio ao salão, encontrava-se o Estado Maior do nosso alto comércio, capitaneado pelo presidente da Associação Comercial, sr. Carlos Brandão de Oliveira que, em dado momento, assistiu a uma discussão sôbre cavalos de corrida.

O caso de «Última Hora» também estêve presente à festa, sendo o prato predileto dos senhores Odilon Braga, Negrão de Lima, João Neves da Fontoura e João Duarte Filho.

A presença de Tenório, se bem que o parlamentar caxiense não tivesse comparecido, foi consignada pelo sr. Nereu Ramos, que num canto afastado do salão explicava a Prado Kelly e Aliomar Baleeiro o que tinha sido a «sua aventura em Caxias».

A poesia bebia martinis e vibrava em Augusto Frederico Schmidt, que, enquanto esperava a hora da «bóia», declamava versos para os srs. Bilac Pinto e Prudente de Morais Neto. O repórter conseguiu ouvir algumas estrofes do poeta de «O Galo Branco», ótimas, aliás.

O sr. Eduardo Gomes, que havia assinado a lista de adesões, não compareceu entretanto. O fato foi explicado por muitos, que diziam não desejar o brigadeiro assistir, no momento, às críticas que se iriam fazer ao govêrno, como



Gente de tôda parte compareceu à Festa do Homem Livre. A foto acima mostra algumas das trezentas e cinqüenta pessoas que ali foram ter. Udenistas, pessedistas, pessepistas e até mesmo alguns petebistazinhos discretos apertaram a mão do jornalista Carlos Lacerda.

de fato fora
corado pelo
dado, data
deixar à v

A polític
preferência
Heitor Belt
velho revol
sário do g
tes. — Be
cheio, às
da Repúbl
membro e
no Distrito
de morte,
merecer d
política a
rão, entã
em Caxia

Fato qu
Homem L
vidadas e
jornalista
pos. Qua

As cade
tre as
os ause
Dizem
desgost
ter emb

"MENU" DO HOMEM LIVRE

SRS. CAFÉ FILHO E NEREU RAMOS ★ A UDN EM PÊSO, PRESENTE AO ÁGAPE ★ OS AUSENTES... E AS DESCULPAS. ★ HOMENAGEADO O MAL. DUTRA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

de fato foram feitas, uma vez que fôra condecorado pelo sr. Getúlio Vargas no Dia do Soldado, data a seu ver, muito recente para o deixar à vontade.

★

A política do Distrito Federal mereceu as preferências dos srs. Jurandyr Pires Ferreira, Heitor Beltrão e cel. Rufino Sobrinho — êste, velho revolucionário e o mais ferrenho adversário do govêrno, entre os adversários presentes. — Beltrão, cansado, pois tivera um dia cheio, às voltas com as contas do Presidente da República, afetas à Comissão da qual é membro e relator, afirmava que fazer política no Distrito Federal não era meio de vida e sim de morte, com o que concordava Jurandyr e fêz merecer do coronel a seguinte observação: «Se política aqui é meio de morte, o que não dirão, então, os senhores de quem faz política em Caxias?»

★

Fato que merece registro: para a Festa do Homem Livre apenas duas pessoas foram convidadas e não tiveram queadquirir «tickets»: o jornalista Carlos Lacerda e o sr. Milton Campos. Quanto aos demais, abriram as bôlsas sem discussão. Nem o próprio Presidente da República foi convidado... A história era assim mesmo. Quem quisesse comer e homenagear o Homem Livre, que pagasse.

O sr. Macedo Soares — o homem livre — foi colocado à cabeceira da mesa, entre o marechal Eurico Dutra e o Vice-Presidente Café Filho, os quais, por sua vez, eram ladeados pelos senhores Carlos Lacerda, Milton Campos, deputado Nereu Ramos, Armando Falcão, Henrique Dodsworth, Herbert Moses, Elmano Cardim, Odilon Braga, Negrão de Lima, Neves da Fontoura, Raul Fernandes, Danton Jobim e Roberto Marinho.

À sobremesa, coube ao jornalista Elmano Cardim anunciar o primeiro orador da noite, o sr. Milton Soares de Campos. A palavra do ex-governador de Minas Gerais, tôda ela dirigida no sentido da crítica alta ao govêrno, obteve enorme receptividade dos presentes, inclusive do sr. João Neves da Fontoura. O ex-ministro de experiência aplaudia Milton Campos a cada instante, atitude que espantou o sr. Odilon Braga que, por sua vez, não tirava os olhos do ex-titular do Exterior, tôda vez que aplaudia.

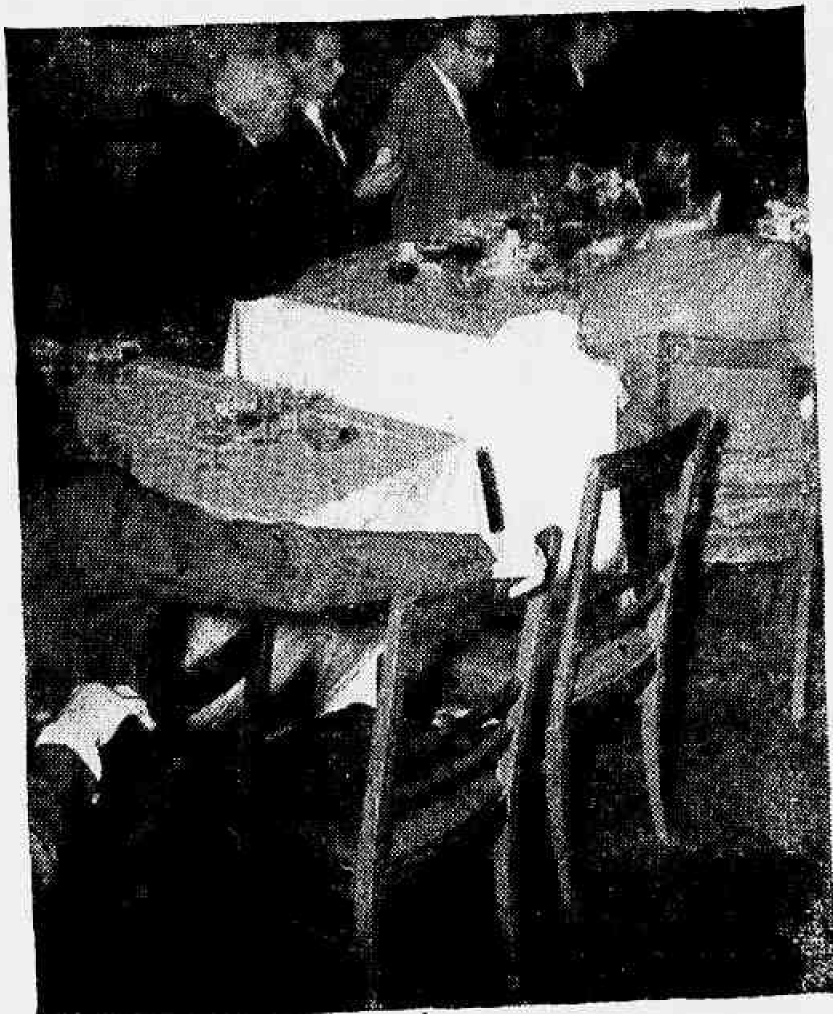
Em seguida, e ainda apresentado pelo sr. Elmano Cardim, falou o jornalista Carlos Lacerda, muito em moda agora, e que, através de uma serena oração — o que não é do seu estilo — disse do significado da homenagem à imprensa livre, ali representada pelo sr. Macedo Soares. Como aconteceu com o orador que o antecedeu, também o sr. Carlos Lacerda recebeu a solidariedade dos presentes, traduzida em longa salva de palmas. Ainda usou da palavra o almirante Álvaro de Vasconcelos, ex-colega do Homem Livre na Escola Naval, que leu diversos documentos da época, os quais ligavam o homenageado à campanha civilista de Ruy Barbosa.

O senador Atílio Vivacqua, do Espírito Santo, tomava elegantemente um belo sorvete de creme, quando o sr. José Eduardo de Macedo Soares — o Homem Livre — iniciou o seu discurso de agradecimento. Macedo, visìvelmente comovido, fazia citar as personalidades presentes, as quais mereciam aplausos dos que ali homenageavam e banqueteavam. Entretanto, no instante que se fêz ouvir o nome do marechal Dutra, foi um Deus nos acuda: a casa parecia vir a baixo. Todos, sem exceção, estrepitosamente prorromperam em longas palmas. Foi nesse instante que o sr. Lopo Coelho, do PSD dutrista, teve a seguinte observação, dirigindo-se ao sr. Georgino Avelino: «Essa gente sabe que o marechal merece a homenagem.»

E com o término do discurso do sr. Macedo Soares, a festa terminou.

À saída, ouvimos ainda o deputado Aliomar Baleeiro comentar para um amigo: «Não se tratou de apenas homenagear o homem livre. Tivemos aqui gente que nem sequer sabe o significado da palavra Liberdade. Foi uma festa de definições políticas, isto sim.»

E agora vale acrescentar que também nós, que somos livres, dentro dos limites que a vida nos faculta, que ali fomos a fim de cumprir um dever profissional e — por que não dizer? — no propósito de também levar a nossa homenagem particular ao fundador do «Diário Carioca», também comemos, bebemos e devoramos um excelente sorvete, e, a exemplo dos srs. Milton Campos e Carlos Lacerda, também nada pagamos...



As cadeiras vasias que foram apenas duas, entre as trezentas e cinqüenta e duas, registram os ausentes: Ricardo Jafet e Mendes de Morais. Dizem que Jafet não compareceu com receio de desgostar Vargas. Quanto ao 2º, apesar de não ter embarcado para a Argentina, não apareceu.



No momento em que o homenageado citou o nome do marechal Dutra, o funcionário do Ministério da Educação, sr. Joaquim Fontainha, não se conteve e prorrompeu, de pé, com o chapéu em riste, em vivas tão altos que os presentes voltaram as cabeças em sua direção.



«Foi assim. Quando chegamos, a cidade mais parecia uma praça de guerra que...» e o presidente da Câmara dos Deputados, sr. Nereu Ramos, explica a Prado Kelly e Aliomar Baleeiro a sua ida a Caxias, em socorro ao dep. Tenório Cavalcânti. Os gestos reforçam a esplanação.



O marechal Dutra e o ministro José Pereira Lira, que já sentiram no lombo as bordoadas de uma oposição renitente, conversam fagueiros, sôbre o acontecimento. O sorriso do ministro parece dizer: «Marechal, nada melhor que um dia depois do outro... com eleição no meio...»



Milton Campos finda a oração e é cumprimentado pelo sr. Henrique Dodsworth, ex-presidente do Banco da Prefeitura, que exclama: «Muito bem, doutor Milton, gostei». Ao lado, de expressão sorridente, vê-se o acadêmico Elmano Cardim, diretor do «Jornal do Comércio».



O sr. João Neves da Fontoura, autor do célebre «Acuso», livro que é um verdadeiro libelo contra o sr. Vargas, e até recentemente ministro do atual govêrno... enquanto com os dedos faz o V da vitória, coçando o nariz, ouve uma confidência de J. Duarte Filho, inventor do Homem Livre.



O presidente da UDN, deputado Artur Santos, pisca para o fotógrafo e diz: «Veja lá. Eu quero aparecer bonito!» Ao lado, os senhores Danton Jobim, do «Diário Carioca», e o célebre revolucionário coronel Rufino Sobrinho, que tapa os ouvidos. Será isso horror a discursos?



Não. O senador Ivo D'Aquino não está rezando. O ex-líder da maioria do Senado, de mãos postas, demonstra apenas o seu espanto ante uma «piada» do senador Atílio Vivacqua. O representante capichaba devora ainda, em prato fundo, um «ice-cream» Copacabana-Palace.



Os mineiros se entendem. Odilon Braga, udenista e o ex-ministro Negrão de Lima, do PSD, comentam o «affaire» «Última Hora». Negrão, de mão no queixo, escuta atento o relato do antigo presidente da UDN. Ambos assistiram e aplaudiram o discurso do mineiro M. Campos.



A musa compareceu à festa. Augusto Frederico Schmidt, poeta da atualidade, declama suas últimas estrofes para Prudente de Morais Neto, do «Diário Carioca», e deputado Bilac Pinto, que não aparece na foto por se encontrar fora do campo de nossa objetiva. Salve êle!



Café Filho... Quem te viu... Quem te vê. Como quem procura um simbolismo para relembrar os tempos idos, o ex-deportado de Córdoba, acende o cigarro de Lacerda. Era gôsto tocar fogo no estopim... Mas, um presidente do Senado mal pode acender um cigarro do Ferrabraz de 53.



«Menino, menino... cuidado que o «bicho» te come!» diz paternalmente o sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, ao jornalista Carlos Lacerda. O diretor da «Tribuna da Imprensa» parece ter gostado da advertência, e sorri satisfeito para o «vovô da imprensa brasileira», título que o senhor Herbert Moses, de há muito tomou para si. Moses e Lacerda são amigos da velha guarda, razão pela qual a fotografia registra o gesto carinhoso do «vovôzinho» para o irriquieto «netinho — bomba atômica» como uma legítima carícia entre parentes próximos.



O deputado Heitor Beltrão foi o primeiro a chegar, embora cansado. O representante carioca à Câmara dos Deputados estava exausto, depois de um estafante dia, em que a Comissão da qual é membro e relator, examinou as contas do atual Presidente da República.



Escondidos no fim da mesa, vemos os srs. Afonso Arinos, Francisco Campos e Augusto Frederico Schmidt. Campos foi o último a chegar e o primeiro a sair. Quando entrou, foi alojar-se, de mansinho, no lugar já prèviamente reservado entre o líder da UDN e o poeta realista.



O cansaço tomou conta do ex-chanceler Raul Fernandes que, desatento, não escuta o que lhe diz o correligionário Artur Santos. O antigo titular do Exterior prestigiou com sua presença a homenagem a Macedo Soares que, como êle, é também filho da Velha Província.

OS PROBLEMAS HUMANOS

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

MÊDO — A educação errada de meu pai infundiu-me um pavor, uma inquietação que se tornou hábito, o qual passou a me atormentar em tôda a minha vida. Sempre o temi, muitas vêzes senti o rigor de seus castigos, as manifestações de sua energia. Passei a temer as suas intervenções, fiquei medroso. Meus impulsos naturais de iniciativa morreram No chefe do presente vejo o pai do passado. O mêdo dos chefes e até mesmo de companheiros passou a fazer parte de minhas reações. Passou a ser natural. As inquietações devem provir do receio de ser surpreendido fazendo algo incorreto ou errado, o que me atemorizou na infância e continua se repetindo agora em condições análogas. Em virtude de tudo isto, passei a agir retraìdamente e assim tenho me conservado. Em relação à influência do excesso de mimos, produziu um amolecimento da energia e da vontade e matou o espírito de reação e iniciativa. Impediu-me de aprender a agir por mim mesmo. Nasceram daí a falta de confiança, de coragem, a desconfiança do próprio valor. A audácia desertou, a timidez imperou. Êsses sintomas reunidos lançaram uma sombra de tristeza na existência. Quanto à ação com as mulheres, temo ser repelido e mais remotamente alimento uma idéia falsa de amor, achando-o algo pecaminoso e por isso receio sempre o pai delas.

● Para romper tudo isto é necessário grande fôrça de vontade. Porfiar por agir de maneira diversa da que tenho agido até o presentemente momento. Procuro tornar-me mais comunicativo, abrir-me num sorriso para todos, imaginar os meios mais práticos de enfrentar as mulheres, lidar com elas, vencer. Forçar os hábitos a tomarem rumos diferentes, assim é possível chegar ao fim.

— Porém, como posso aplicar essa fôrça de vontade, de maneira a se produzirem bons resultados? Para adquirir bons hábitos é necessário sentir a importância do que estamos fazendo, única maneira de realizar com interêsse e energia as ações que hão de transformar a personalidade.

Sinto inquietações, pavor, mêdo dos outros. Preocupo-me sempre com a opinião alheia. Receio ser mal visto e descobrirem o meu mêdo. E' preciso não recear. Quando conheço um indivíduo, procuro mostrar-me o mais prestativo possível e conversador; mostro grande atividade. Com isso pretendo esconder o que sou. Assim me conservo nos primeiros contatos, mas, pouco a pouco, vou deixando entrever minhas fraquezas e sinto perfeitamente que nunca poderei iludir a ninguém. Temo a opinião dêle, mas ela se forma pouco a pouco e sempre depreciativa. E' preciso, então, não temer a opinião alheia. E' difícil, mas possível. No momento, nem mesmo acredito nisso, mas vou procurar cumprir o que eu mesmo proponho: não devo ter mêdo, também de ninguém, de situações. Julgar o que de pior pode acontecer, como agir, se suceder o pior, para restabelecer o equilíbrio.

Não me julgar nunca inferiorizado quando os fatos agem contra mim. Procurar argumentar, contando com os fatôres a meu favor. Sempre desprezei os argumentos favoráveis. Desejo sempre castigar-me. Por quê? A cada falha corresponde um valor positivo. Se não posso esconder minhas deficiências, também é verdade que posso mostrar as qualidades, remediando temporàriamente a situação. O interêsse na cura, a vontade bem dirigida são as alavancas que deslocarão os recalques tão enraizados e produzirão o alívio. Enfrentar os chefes ou outros quaisquer. Se houver mêdo, pelo menos agir contràriamente a êsse mêdo, como se êle não existisse. E' um meio de enfraquecê-lo. Não temer as conseqüências, preparar-me para enfrentá-las: se existisse mêdo de alguém, outro modo de atenuá-lo é procurar aproximar-se dessa pessoa, tornar-me mais comunicativo com ela. Contra o mêdo dos outros, os remédios são os seguintes:

1 — Não esconder nada a ninguém (erros, frustações);

2 — Procurar argumentar friamente, descobrindo pontos favoráveis;

3 — Mostrar as qualidades que possuo;

(Cont. na pág. 50)

Sensacional!

CR$ 50 ALBUM RUBRO NEGRO

CR$ 40 ALBUM CRACK

CR$ 5 CRACK

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda n.º 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

À venda nas bancas de jornais

CONTA-ME Teus Sonhos

MARIA PAULA

● **IBÉRIA — (Rio)**

SONHO — Sonhei que estava numa casa pobre, cujos fundos eram cheios de rochas e precipícios. Logo abaixo das rochas havia um rio de águas bem claras. Eu estendia umas roupas, no quintal, quando vi meu irmão falecido há 49 anos com apenas 2 anos de idade. Vestia, como naquela época, uma camisolinha branca e tinha os cabelinhos compridos, como usava. Neste momento um homem desconhecido, que estava perto de mim disse-me: vai acontecer alguma coisa! Então olhei e vi dois cachorros, tipo lobos, correndo a tôda velocidade. Depois entrei em casa; quando tornei a sair já havia escurecido. Lembrei-me que a criança não estava comigo, e, aflita, pensei no rio e imaginei que o menino poderia ter caído nêle; pus-me a chorar desconsoladamente. Então o homem me disse: não chore para não afligir sua mãe, pois ela está descansando. Minha mãe faleceu há dois anos. Mandei buscar umas velas e fósforos e desci, enfrentando todos os perigos em procura da criança. O homem me acompanhava e, quando cheguei embaixo, o rio fazia uma espécie de prainha, formando uma gruta. Nela se achava uma porção de móveis velhos e novos. Eu desconhecia essa gruta, e ao olhar para dentro, vi meu irmãozinho brincando debaixo de um estrado, com areia muito branca. Êle estava feliz e a gruta muito clara, como se fôsse dia.

INTERPRETAÇÃO — Em seu subconsciente se acha armazenado e oculto, pelo disfarce das aparências externas, uma infinidade de pensamentos negativistas (fundos cheios de rochas e precipícios), que têm prejudicado, em parte a sua felicidade (rio de águas claras). Você tem procurado apagar algumas lembranças importunas (estender roupas), que lhe ficaram de sua meninice. Estas lembranças recalcadas não a deixaram viver plenamente, como desejava (casa velha) e você viu muitas de suas ilusões se desvanecerem, como que por encanto (vai acontecer alguma coisa e cachorros-lobos). Você tem guardado em seu coração um grande pesar (entrei em casa), que esconde, até dos mais íntimos (receio de que o menino caísse no rio), e tem enfrentado todos os embaraços da vida sem ter quem a ajude, senão a sua vontade forte e equilibrada (...não chore para não afligir sua mãe), qualidades que adquiriu com estoicismo e espírito de sacrifício (enfrentei todos os perigos), mas que a fêz vitoriosa em alguns setores (velas, fósforos). Seus anseios de maternidade foram, em parte frustrados (gruta, onde se achava seu irmãozinho) e você se culpa de alguns fracassos no lar (móveis velhos dentros da gruta), porém, prudente, evita expandir-se para não deixar que venham a ter conhecimento de suas desditas (areia branca). Entretanto você considera sempre como sublime o papel da mãe (gruta clara, como dia) e tem se esforçado bastante para galgar uma paz espiritual que, até hoje, ainda não obteve, mas que ardentemente deseja.

Nada tem que agradecer, estarei sempre ao seu dispor.

● **LULA — (Rio)**

SONHO — Estava na companhia em que trabalho. Hora da saída. Meu noivo me aguardava, embaixo. Nos preparativos para encontrá-lo, surgiu à minha frente, impedindo-me a passagem, um homem de branco, cara horrenda. Entrei em diversas salas, sempre o mesmo, sempre aquêle espantalho à minha frente embargando-me os passos. Gritei, reclamei; êle cercando-me sempre! Vi, no saguão, meu noivo, aflito, nervoso e eu não podia sair. Gritei, então, por minha mãe, já falecida. Chamei-a para que viesse em meu socorro. Ela surgiu, um pouco magra, pálida, vestida de «kimono», cabelos soltos. Atravessou a sala de uma ponta à outra, entrou em um compartimento e desapareceu. Correndo, fui ao seu encontro; ajoelhei-me a seus pés, implorei que me tirasse aquêle homem do meu caminho. Meu noivo continuava a me esperar e êle o impedia. Mas, então, respondeu: Minha filha, chama por Jesus que Êle lhe atenderá. De joelhos, saí de costas chamando por Jesus, pedindo que me levasse junto de meu noivo, pois aquêle homem m'o impedia. O homem investiu contra mim, mas ao ouvir o nome de Jesus estacou e eu saí, sempre de joelhos, chamando com tôdas as minhas fôrças, por Jesus.

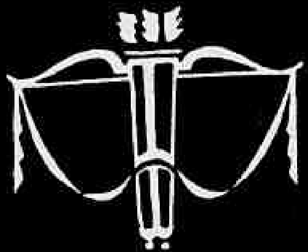
INTERPRETAÇÃO — Seu sonho é uma clara lição aos materialistas e indiferentes que em nada crêem. Em verdade, todos os obstáculos, todos os impecílios (homem de cara horrenda), são-nos afastados de nosso caminho, quando chamamos pelo maior e, talvez, único amigo — Jesus. Tôdas as criaturas (seu noivo), tôdas as entidades espirituais (sua mãe falecida), mesmo que tenham, por nós todo o interêsse, pouco ou nada podem fazer em nosso favor, (chame por Jesus) se não tivermos como companheiro e nosso guarda celeste, o meigo Nazareno. Só Êle é capaz de expulsar de nossa alma — o subconsciente — os espectros, os maus pensamentos (espantalho) e nos aclarar a mentalidade de tal forma que tenhamos a passagem desimpedida e franca. Mas, para isso, Jesus, ou antes a Lei, exige de nós todo o sacrifício (andar de joelhos) em prol. de nossos semelhantes (via, meu noivo aflito), aliviando-lhes as agruras e dissipando-lhes as tempestades sentimentais (gritei por Jesus).

Prossiga, Lula, no caminho da regeração interior, só assim terá vitória sôbre si mesma, sôbre os elementos (minha mãe desapareceu) e sôbre o mundo exterior ... ,tôdas as minhas fôrças).

● **SELMA — (Bauru)**

SONHO — Em casa de minha cunhada ia ser celebrado um ofício religioso; o padre tomou o turíbulo e viu que faltavam brasas; então, olhou-as com profunda bondade e disse: — Vai buscar brasas na tua casa. Ponderei que era muito longe, mas êle insistiu: — Vai. Ao pegar o turíbulo vi que era uma peça de prata lavrada, finíssima, mas o cordão se havia partido e fôra emendado com um pedaço de arame grosso, muito feio. Ao voltar, ia pensando que as brasas se apagariam pelo caminho; levava, então, uma criança pequena pela mão e o caminho era uma subida ingreme que eu ia vencendo com dificuldade, exausta e desanimada.

INTERPRETAÇÃO — Você acha que as demais criaturas são mais dignas do que você? É o que depreendo de seu sonho. Se é em sua casa que existe **o morrão** (brasa) capaz de acender o fogo sagrado (turíbulo), por que não a considera o melhor lugar do mundo? Quer me parecer seja preciso os outros descobrirem as suas boas qualidades (peça de prata lavrada) e a esclareçam para disso se certificar (sua casa ficava longe). Não deixe que se afaste de sua alma o perfume (turíbulo da idéia de incensar) que lhe é peculiar — amor de mãe (levava uma criança pela mão) — e não lhe venha trazer enfado (exausta) onde, na realidade, você deveria ver a sua maior felicidade (subida ingreme). Vejo que, em tempos passados você levou vida faustosa (prata lavrada) e hoje sente que sua vida é um simples arremêdo (cordão emendado com arame) de vida social e de plenitude, como gostaria de continuar a desfrutar. Mas, vencendo-se a si mesma (eu ia vencendo com dificuldade), você conseguirá arrumar as flores de seu ramalhete (criança) — quem sabe filhos? — e entregá-los ao seu verdadeiro dono ou a volta à casa do Pai Supremo, lugar para onde todos caminhamos e para tanto trabalhamos espiritualmente







MADERAS
DE ORIENTE

EXTRATO · LOÇÃO · ÁGUA DE COLÔNIA

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTE

1 A cidade de Florianópolis fica:
— Numa península?
— Numa ilha?
— Ou no continente?

2 Qual dêstes rios divide Santa Catarina do Rio Grande do Sul:
— O Mampituba?
— O Canoas?
— O Trombudo?

3 Qual é a extensão rodoviária do Brasil, em quilômetros:
— 210 mil?
— 550 mil?
— 132 mil?

4 Desde quando data entre o Leste e o Oeste do mundo, a chamada «guerra fria»:
— Dezembro de 1947?
— Abril de 1948?
— Outubro de 1946?

5 Que significa a sigla NATO:
— Nações Unidas?
— Defesa dos Estados Unidos?
— Organização do Pacto do Atlântico?

6 Em qual destas cidades brasileiras os holandeses se instalaram primeiro:
— Em S. Luís do Maranhão?
— No Recife?
— Na Bahia?

7 A qual dêstes grandes nomes da literatura devemos a famosa obra, «A Divina Comédia»:
— A Goethe?
— A Dante?
— A Camões?

8 O nome próprio «Tancredo», significa:
— Muito alto?
— Rápido?
— Gorducho?

9 Quantos engenhos de açúcar há no Brasil:
— 58 mil?
— 132 mil?
— Cêrca de 10 mil?

10 Em que data a Caixa Econômica Federal iniciou suas operações no Brasil:
— 4 de novembro de 1861?
— 15 de janeiro de 1832?
— 10 de maio de 1901?

11 Qual o cérebro que pesa mais:
— O do homem?
— O da mulher?
— Ou são de igual pêso?

12 Qual a parte do corpo humano que se compõe de: fosfato de cálcio e magnésio, carbonato de cálcio, cloreto de cálcio, cloreto de sódio:
— Os cabelos da cabeça?
— As unhas?
— Os dentes?

13 Sir Alexander Fleming se tornou famoso por ter:
— Subido ao Everest?
— Descoberto a penicilina?
— Vencido uma batalha na última guerra?

14 Que quer dizer, «Stud-book»:
— Livro de genealogia de cavalos puro-sangue?
— Antigas obras sôbre minérios?
— Livros de bôlso?

15 Em que cidade se encontra o mais antigo «stud-book» do mundo:
— Nova York?
— Londres?
— Rio de Janeiro?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.
(RESPOSTAS NA PAG. 48)

DUAS GÊMEAS NUM FILME

ORIGINAL CONCURSO NA INGLATERRA ★ NÃO QUEREM CONTINUAR NO CINEMA ★ SOBRARAM MAIS DE 40 CANDIDATAS ★ O ARGUMENTO É DRAMÁTICO E... CÔMICO ★ UMA TROCA ENTRE AS GÊMEAS PROPORCIONA A RECONCILIAÇÃO DOS PAIS DESAVINDOS E SEPARADOS.

Por MONICA PEARSON

TALVEZ pela primeira vez no mundo, mas certamente pela primeira vez na Inglaterra, foi organizado um concurso entre gêmeas, de 10 a 14 anos, a fim de encontrar entre estas um par de futuras artistas cinematográficas. A princípio supos-se que não seria difícil organizar essa competição, pois não imaginava que o número de participantes fôsse tão grande: 200 pessoas.

O júri teve grande dificuldade na escolha; seu primeiro trabalho foi excluir os pares de gêmeas para a escolha final, que não fôssem muito parecidos. Dez dias depois, sobraram vinte pares de gêmeas. O primeiro lugar, que comporta também um contrato para o filme «Twice upon a time», coube às irmãs Yolanda e Charmian Larthe, de 14 anos de idade.

Os demais 19 pares de concorrentes receberam prêmios e presentes especiais, e talvez um dia possam tomar parte em outro filme já em estudos, e que terá o título de «Escola de Gêmeas».

Yolanda e Charmian já começaram o trabalho no cinema, revelando grande curiosidade e interêsse.

Naturalmente, derám uma entrevista à imprensa. Talvez por um hábito próprio das gêmeas, cada uma delas sempre dizia «nós», quando se referia a si própria, nunca dizendo «eu».

UM CONTO DE FADAS

«— Nunca tivemos um interêsse muito grande pelo cinema, porque era muito difícil freqüentá-lo. O concurso que nos abriu a porta dêsse país das maravilhas foi para nós a continuação de um conto de fadas.

O trabalho é apaixonante e difícil. Faremos o papel de duas gêmeas que estudam num internato para moças. No filme, nossos pais partem em viagem quando ainda éramos crianças. Uma de nós viaja com o papai e a outra com a mamãe. Depois de longos anos de separação, nossos pais se encontram, novamente, por acaso, na Áustria. Aí então, por causa da



Duas irmãs iguaizinhas no físico e no rosto; mas completamente desiguais nas inclinações. Cena da reconciliação dos papás, quando, divorciados, são reunidos sob o mesmo teto, graças a uma troca involuntária e inesperada das duas meninas, na cidade de Viena, capital da Áustria.

semelhança absoluta entre nós duas, trocamos de casa, sem que nossos pais o percebam. Essas são as cenas mais alegres do filme, provocando situações complicadas e de uma grande comicidade. Naturalmente, no final das contas, a família se reúne tôda.»



O cãozinho «Dandy» fica louco ao ver duas donas ao mesmo tempo, e raciocina: — «Será possível que eu andei bebendo em demasia?»

O jornalista perguntou se elas não vão interromper seus estudos por causa do trabalho no cinema. De acôrdo com as leis, as menores não podem prejudicar os estudos em razão do trabalho. Assim, as tarefas de filmagem foram organizadas de tal forma que os estudos não serão interrompidos e a maior parte da filmagem será feita durante as férias.

NÃO QUEREM CONTINUAR

As gêmeas não pretendem tornar-se artistas profissionais do cinema. Nesse sentido têm uma só opinião, afirmando que a sorte grande só se ganha uma vez. Para elas foi uma verdadeira sorte êsse resultado do concurso, pois assim puderam viajar pela Europa e passar dois meses de férias bem pagas nas montanhas do Tirol, na famosa estância balneária de Kitzbühl. Além disso visitaram Paris, Viena, Bruxelas. Aproveitaram imensamente essas férias, pois ficaram conhecendo uma porção de coisas novas, dilatando seus horizontes.

Sendo muito parecidas quanto ao aspecto físico, são, entretanto, absolutamente diferentes de temperamento. Yolanda é calma, sossegada, tìpicamente inglêsa, enquanto Charmian é muito viva, sempre sorridente, inquieta.

A primeira é boa aluna de matemáticas, a outra, de desenho e esporte, e tornou-se excelente aluna de latim. Para Yolanda os esportes preferidos são o tênis e a natação; Charmian prefere a equitação. Yolanda tem o apelido de «Yo-yô» e Charmian, «Char». Nos estúdios elas se tornaram as figuras preferidas de todo o pessoal, sempre sorridentes, alegres, gostavam de sentar-se nas cadeiras que tinham seus nomes; e o seu único desejo é levar consigo essas cadeiras, ao fim da filmagem.

Olhando para essas meninas, um diretor afirmou que a cinematografia é contagiante; mesmo que hoje afirmem não desejarem mais continuar a trabalhar no cinema, como profissionais, com certeza uma delas voltará mais cedo ou mais tarde.

A aventura alegre e curiosa pelo concurso das gêmeas logo terá fim. Yo-yô e Char voltarão para a escola e ali terão muito que contar às suas companheiras.



As duas gêmeas estrêlas do filme, se divertem no Tirol a brincar com a neve num intervalo da filmagem. O diretor e demais responsáveis pelo filme, porém, vivem a confundir-se sem saber se Yolanda é Charmian, ou se Charmnian é Yolanda. Iguais, nas suas 14 primaveras.

A SEMANA ASTROLÓGICA

SEU HORÓSCOPO ENTRE 26 DE SETEMBRO E 2 DE OUTUBRO DE 1952
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — As favorabilidades planetárias, constatadas na semana anterior, continuarão, no seu caso, possibilitando-lhe bons negócios e empreendimentos de certa monta. Os melhores dias para qualquer iniciativa, serão 27 e 30 do corrente.

TOURO (21/10 — 20/11) — Sua chance estará sensìvelmente diminuída no novo período. Haverá uma espécie de «encolhimento» no seu magnetismo pessoal. Não se insinue nem se aventure, pois são poderosas as fôrças atuantes em sentido contrário ao seu.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Se empreender alguma viagem nos próximos sete dias, não o faça por via aérea. Marte estará em mau aspecto com seu astro, ameaçando-o perigosamente. Sob o ponto de vista dos negócios, a nova semana não lhe será má.

CANCER (23/12 — 20/1) — O barco que conduz o destino está navegando em mar de rosas, como se diz. Aproveite a oportunidade para dispor melhor os seus negócios. Não desperdice as favorabilidades que lhe estão sendo dadas.

LEAO (21/1 — 20/2) — Haverá uma diminuição de aflúvios favoráveis, no seu caso, na semana entrante. Não se surpreenda, pois, com a provável redução no volume e na importância dos negócios. O ambiente astral o forçará a fazer despesas imprevistas e acima do seu orçamento.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Vai haver uma verdadeira calmaria na sua situação, por alguns dias. O período de desfavorabilidades passou. Aproveite a folga para traçar novos planos de ação, pois virá por aí uma fase bem favorável, um período de felizes realizações.

LIBRA (23/3 — 20/4) — O novo período não se recomendará para o lançamento de negócios novos. Favorecerá, no entanto, e muito, o andamento dos casos em pauta. Não se afaste, portanto, da linha que estiver sendo observada.

ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — As questões sentimentais continuarão desfavoráveis. As menores coisas, nesse particular, evoluirão e se transformarão em verdadeiros casos, trazendo as maiores complicações. Fique prevenido.

SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Flores e amôres, eis o símbolo da próxima semana, no caso do leitor. Vai ter um período substancialmente favorável à vida sentimental e aos negócios. Tudo lhe correrá a contento.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Seu ambiente astral será muito melhor na semana entrante. Suas possibilidades estarão muito aumentadas, tanto nos negócios profissionais como nos que disserem respeito aos assuntos da vida privada. Os melhores dias para negócios serão 27, 29 e 30 do corrente mês.

AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor desfrutará um ambiente ainda calmo, mas favorável aos seus projetos e às suas resoluções. Com um mínimo de esfôrço terá o máximo de recompensa. Não será preciso correr. Bastará refletir bem no que fizer.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Acelere os passos e aumente as atividades, aproveitando como puder, o período favorável que se vai abrir na semana entrante. Êle terá pequena duração, mas lhe será dos mais propícios.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro	26 — Noberto	—	Iza
"	27 — Jonas	—	Sueli
"	28 — Radagásio	—	Estefana
"	29 — Aldério	—	Inez
"	30 — Brígido	—	Primavera
Outubro	1 — Edmundo	—	Linalva
"	2 — Murilo	—	Regina

EFEMÉRIDE DA SEMANA — Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

		(SIGNO DA:)
Setembro	26 — 3º 5' 52''	(Libra)
"	27 — 4º 4' 43''	(")
"	28 — 5º 3' 36''	(")
"	29 — 6º 2' 31''	(")
"	30 — 7º 1' 30''	(")
Outubro	1 — 8º 00' 31''	(")
"	2 — 9º 50' 34''	(")



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

ASSIM estêve sentado até que chegou a noite e lhe trouxeram luz. Lá fora soprava um vento frio, e o farol da praia distante brilhava com tímido e mesquinho resplendor. A sineta da porta quebrou a modorrente solidão.

Pierston ouviu lá em baixo uma voz de mulher cujo timbre lhe parecia familiar há tempos idos, mas tinha na inflexão certo tom estrangeirado. Só uma pessoa em eras remotas de sua vida, havia tido aquêle mesmo tom de voz. Era uma voz cheia, como se em algum tempo houvesse sido vigorosa. Pareceu a Pierston que alguém dava informações à dona daquela voz, quando, imediatamente, vieram dizer-lhe, que, no vestíbulo da casa estava uma senhora, a quem, talvez, êle se alegrasse de rever.

— Quem é essa senhora? — Perguntou êle.

A empregada titubeou um pouco e disse:

— A senhora Leverre... a mãe do... rapaz com que fugiu a senhorita Avícia.

— Vou-le vê-la — respondeu Pierston.

Cobriu o rosto da morta, e desceu a escada para o térreo, murmurando: «Leverre!»

A seus ouvidos já havia soado êste nome antes. Era o nome que aquêles viajantes norte-americanos, com que se encontrara em Roma, deram à mulher que êle supunha ser Márcia Beucomb, uma de suas antigas noivas.

Naquele momento brotou esclarecedora luz sôbre muitas coisas que lhe eram familiares. Foi encontrar a visita na sala com o rosto envolto num véu. A carruagem em que tinha vindo a aguardava à porta. A débil luz que iluminava a sala não permitiu a Pierston perceber o rosto da recém-chegada, naquelas circunstâncias.

— E' o sr. Pierston?

— Sim, senhora. Sou Pierston.

— Representa o senhor, a falecida senhora?

— Sim, senhora, apesar de não ser da família da morta.

— Sei... Eu sou Márcia... Depois de quarenta anos!

— Eu já a imaginava, Márcia. Que a boa sorte lhe tenha sido propícia desde a última vez que nos vimos! Mas... Por que de todos os instantes de minha vida, escolheu você êste, para vir ver-me?

— Porque... sou a madrasta e única parenta do jovem que fugiu com sua noiva esta madruga...

— Também presumi isto ao descer as escadas. Porém...

— ... e, como é natural, ando em averiguações.

— Sim. Consideremos isto tranqüilamente, e fecha a porta.

Márcia sentou-se e soube Pierston, que não era casual a coincidência das coisas velhas com as novas. O que a falecida conversara com a sua vizinha e enfermeira, como se fôsse vaga referência, revelou agora Márcia e Pierston, com tôda a clareza. Disse-lhe que, alguns anos depois de separar-se, tendo ficado órfão e pobre, em face da morte de seu arruinado pai, casara-se com aquêle primeiro noivo de Jersey, que desejava uma companheira carinhosa e maternal para o menino que lhe havia deixado sua primeira espôsa, recentemente falecida. Como poucos anos mais tarde morreu-lhe o marido, deixando-lhe o menino, a quem criou em St. Heliers e Paris, deu-lhe a educação que lhe foi possível, até que o nomearam professor de francês em um colégio de Sandbourne. E, como um ano antes, ela e o rapaz conheceram a Avícia falecida e a filha desta, durante uma visita que fizeram à ilha, «para certificar-me (ajuntou com tôda intenção) por motivos sentimentais, o que era feito do homem com quem fugira naquele primeiro impulso de minha juvenil feminilidade, não me tendo casado com êle, porque não quis».

Pierston se inclinou em atitude de reverência e assentimento.

— Pois bem, — prosseguiu ela — desde aí começaram a manter amizade os dois jovens, nascendo entre ambos o namôro e a paixão.

Ainda se referiu Márcia à autorização que o jovem recebera de Avícia, para que a filha fôsse sua aluna de francês, o que lhes facilitaria ainda mais suas entrevistas. Márcia nunca pensou em estorvar as relações entre êles, porque em seus recentes anos de aflição; havia reverdecido seu interêsse pelo nome que seu orgulho de ricaça recusou tomar na sua mocidade mas, quando soube quão determinada estava a viúva em casar a filha com o escultor, levantou objeções nos idílios de seu filho com a moça. Entretanto já era demasiado tarde para deter aquêles amôres. O jovem havia estado enfêrmo recentemente, e Márcia se alarmou ao ver que êle não tinha voltado a casa na noite anterior. No recado que recebera dêle naquele mesmo dia, só a informara de que fugira com Avícia a fim de casar-se com ela imediatamente, mas sem indicar onde.

— Que lhe parece que devemos fazer? — Perguntou Márcia.

— Por mim, nada, porque nada há que fazer... Assim tratei a sua avó... E' uma vingança do tempo.

— Tratou-a assim, por mim!

— E' verdade. E agora me trata ela de igual modo por meio de seu filho!

Márcia ficou um instante pensativa sôbre essa particularidade, até que, erguendo-se, disse em resumo:

Porém, não poderemos averiguar que caminho tomaram ao sair da ilha, ou colhêr alguns informes a respeito dêles?

— Isso sim. Poderemos fazer.

E como num sonho se viu Pierston andando ao lado de Márcia pelos mesmos caminhos em que pisara há quarenta anos passados, quando pensava casar-se com a primeira Avícia e nem mesmo com a neta o pôde. Estava êle agora atarefado com as mesmas pesquisas com que Márcia, mãe do raptor de sua noiva, se preocupava tanto. Resultava, porém, que os moradores das vizinhanças sabiam tanto quanto êles acêrca dos dois amantes. Ao voltarem, estavam alguns homens conversando sôbre o sucedido. Mas tudo não passava de alusões e opiniões diversas. Mas, como Pierston e Márcia conheciam o dialeto da ilha, compreenderam fàcilmente o que comentavam. Diziam que, logo que clareara o dia, naquela manhã mesma, se avistara um bote que zarpara da praia, e, ao correr pela ilha a notícia da fuga dos dois, chegou-se à conclusão de que só poderiam ser os dois amantes.

Quase com um impulso se encaminhou o escultor em direção do ponto em que os dois jovens tomaram o barco para a fuga, enquanto Márcia o seguia um pouco atrás. Embora estivesse mais escuro do que na hora em que Avícia e Leverre desceram à praia na madrugada, continuou Pierston o seu caminho pela pendente, até chegar à orla do mar.

— Onde está você, Jocelyn?

A pergunta saía dos lábios de Márcia, que ia atrás dêle, quase a meio caminho da descida.

— Aqui, — respondeu Pierston, notando que era a primeira vez que ela o chamava pelo seu nome próprio.

— Não vejo onde você está, e tenho mêdo de seguir.

Mêdo de seguir! Como era estranha essa frase, alterando o conceito

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



que dela havia êle formado! Até aquele momento havia estado ela em sua mente como a arrogante e invencível Márcia de outros tempos. Impressionante era aquela revelação. Pierston retrocedeu alguns metros para tomar-lhe a mão e disse:

— Eu a guiarei até à praia.

E assim o fêz.

Fitaram a imensidão do mar. O farol flutuante brilhava na treva como se já houvesse olvidado tudo quanto se referia aos fugitivos.

— Estou muito intranqüila — disse ela. — Crê que tenham conseguido alcançar terra, sãos e salvos?

— Sim — respondeu uma voz que não era a de Pierston.

Quem falara assim era um barqueiro que estava ali a fumar, descansando sob uma coberta onde se guardavam botes, e informou que os funcionários do farol os haviam recolhido, quando os fugitivos pediam socorro com os sinais de fogo, conduzindo-os à costa fronteira, de onde seguiram a pé até à próxima estação de estrada de ferro, para tomar o trem de Londres. Esta notícia havia chegado à ilha, havia uma hora, mais ou menos.

— Amanhã, pela manhã, estão casados! — exclamou Márcia.

— Tanto melhor! — Não os deplore, Márcia. Nada perderá êle com isso. Não tenho parente nenhum no mundo, exceto alguns primos distantes, nesta ilha; um dêles era o pai de Avícia, e eu tomarei imediatas providências para que ele seja digna parelha do rapaz. Quanto a mim... já vivi demasiado.

CAPÍTULO XXX

No mês seguinte estava Pierston enfêrmo de febre maligna em sua casa de Londres.

As exéquias da segunda Avícia se haviam celebrado numa dessas tardes enfarruscadas de outono, em que frígidas chuvas cruzam os ares como projéteis dos antigos habitantes através do alcantilado promontório que constitui o cenário desta narração. Só uma pessoa seguiu o esquife até à igreja: Jocely Pierston, o volúvel namorado de um dia e fiel amigo depois. Não fôra possível comunicar-se à filha a hora do entêrro, embora a notícia fôsse divulgada pela imprensa local e de outras cidades, com a esperança de que ela viesse a ler.

No momento de sair o fúnebre acompanhamento, da igreja para o cemitério, viu-se chegar a todo galope uma carruagem vinda de Budmouth. Parou à porta do campo santo e dela desceu um casal, que ainda chegou a tempo de assistir ao descer do corpo em sua cova. Os recém-chegados ficaram perto de Pierston.

O escultor não volveu a cabeça para saber quem eram os dois, embora compreendesse que só poderiam ser Avícia e Henrique Leverre, já seu espôso, segundo supunha. O abatimento de Avícia dava a impressão de que estava sofrendo amargamente. Pierston, discretamente se afastou, a fim de dar à filha da morta o lugar principal no ato fúnebre que se realizava. Quando as orações rituais terminaram, Pierston se afastou ainda mais, o que significou a Avícia, uma prova de consideração da parte dêle, a quem ela não pensara encontrar ali.

Em face dessa atitude de Pierston, nem ela, nem Henrique puderam comunicar-se com êle, por palavras ou por acenos. Depois do enterramento o jovem par se encaminhou para o carro que os esperava à porta do cemitério.

Em virtude do mau tempo, no dia do sepultamento, no desabrigadíssimo cemitério de Essex, agravando tudo isso a enfraquecida condição física de Pierston e o seu perturbado estado mental, foi êle assaltado por perigoso resfriado, seguido de calafrios e febre, o que, pouco depois de sua chegada a Londres, o manteve no leite entre a vida e a morte. Quando passada a crise, entrou novamente em equilíbrio mental e sossêgo físico, ouviu em volta dêle rumores de conversação e ruídos de passos nos tapêtes.

(Conclui no próximo número)

UM LIVRO:

NO MUNDO DO ROMANCE POLICIAL

O romance policial continua em pleno florescimento. Interessante constatar que todos os dias cem novos cultores dêsse apreciado gênero de ficção, considerado subliteratura, do qual não conhecem os críticos e historiadores, observando que nesse mundo estanque, não cabem os esplendores da poesia e da tragédia. Ainda agora, entre os mais novos ficcionistas entregues ao cultivo do policial, encontramos pelo menos dois nomes de grande evidência, melhor, três: George Simenon, Vera Caspary e Evely Waugh. Êsses três romancistas, embora praticando o policial, hão que ser considerados de futuro, pela contribuição que trazem ao conhecimento da crônica de uma época e de uma fase da civilização. Podem não ser apreciados pela crítica, mas terão o seu lugar, pelo testemunho de um tempo, da mesma forma que pelos personagens e conflitos que criaram. Estamos em que Vera Caspary, por exemplo, pode dar, nos seus livros policiais, uma impressão tão eloqüente da sociedade atual dos Estados Unidos, como qualquer dos grandes romancistas americanos de hoje.

● Mas, essas citações vêm à propósito do ensaio recentemente publicado pelos Cadernos de Cultura, firmado por Álvaro Lins e intitulado «No Mundo do Romance Policial». Trata-se de uma breve análise dêsse mundo, muito interessante pela compreensão revelada pelo crítico, tanto das realidades, como das possibilidades do gênero — se assim se pode dizer. Álvaro Lins estuda êsse «caso» literário, constatando-lhe suas contingências, suas fraquezas, ao mesmo tempo que, remontando a história, marca sua evolução, desde a mais remota idade, embora assinale, como data de origem precisa, as novelas de Edgard Poe. Outro ponto muito interessante do livro é aquêle em que o crítico examina o fato de só as velhas civilizações e, particularmente as não-latinas, fornecerem ambiente propício ao florescimento do romance policial.

Citando de início os três nomes de autores policiais de maior prestígio atualmente, lembramos aqui que exatamente êsses nomes não figuram na obra em aprêço — o que está a indicar que o ensaio de Álvaro Lins é antigo. Do contrário, êle não deixaria despercebido pelo menos o nome de Simenon que tantos louvores mereceu de André Gide. Podemos mesmo constatar que o maior aprêço hoje dedicado ao romance policial veiu dessa revelação de Gide, marcando com o elogio do ficcionista belga, cujo Inspetor Maigret, o agente policial de seus livros, pode ser sem favor, colocado ao lado de Sherlock Holmes.

O ensaio de Álvaro Lins vem contribuir para o esclarecimento da velha questão de ser ou não considerado literário o romance policial, ao mesmo tempo que nos traz uma palavra clara e simpática a favor dêsse gênero, tão odiosamente enjeitado pela literatura.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● ELEMENTOS DE QUÍMICA — Da lavra do prof. Aluísio Pimenta, estão as Edições Melhoramentos apresentando «Elementos de Química», para a 2ª série do Ciclo Colegial. Além de vasta quantidade de gravuras elucidativas, o volume fornece excelentes ensinamentos, em forma clara e atraente.

● CERTAME ABC — Para a criançada aprender e distrair-se útilmente, o «Certame ABC» é elemento de grande valor, a juntar-se aos muitos que as Edições Melhoramentos têm publicado, com o habitual bom-gôsto. «Certame ABC» é classificado como esplêndido material didático-recreativo, auxiliar na aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

● AGRIPINO GRIECO — Famoso crítico de extensa cultura, mas espírito irriquieto, capaz de ganhar um inimigo para não sacrificar uma bonita frase, é Agripino Grieco figura de quem se diz que é respeitado mesmo por aquêles que foram por êle escalpelados. Quem teve a ventura de ouvi-lo, numa das suas notáveis conferências, nunca mais o esquecerá. Daí o grande sucesso que fêz em Portugal, correndo de norte a sul, granjeando tal admiração que os publicistas lusitanos promoveram a publicação de uma «plaquette» contendo artigos, ensaios, saudações, apresentações referentes à estada do grande escritor fluminense em terras lusitanas. E' também digno de louvores o ótimo trabalho tipográfico do opúsculo. (Coimbra Editôra).

● QUEBRA-CÔCOS — De Minas, chega-nos o livro de contos de Lindolfo Lino, «Quebra-Côcos», que representa uma estréia auspiciosa. Edição Mantiqueira, em apresentação gráfica apreciável, voltaremos a comentar mais longamente êste livro.

UM AUTOR:

WILLA CATHER



AO QUE saibamos, esta tradução de «Pioneiros», de Willa Cather, em edição da «Revista Branca», representa a primeira oportunidade oferecida aos leitores de nossa língua para o contato com a eminente romancista americana. Assim, é oportuno lembrar aqui essa figura exponencial das letras dos Estados Unidos. Willa Cather nasceu na Virginia, mas foi criada na região agrícola do Nebraska. Ali, encontrou ela o material necessário à sua fôrça criadora, servida por autêntica vocação de romancista. Ela dá nos seus livros, de um regionalismo sem exotismo, de espírito universal e cheio de calor humano, a terra e a paisagem, sem esquecer a presença das criaturas, seus dramas, sua poesia.

Êste livro, «Pioneiros», é bem a medida da escritora. Publicado em 1913, um ano antes da primeira guerra mundial, é curioso observar o contraste que, mesmo nas vésperas da hecatombe, existia entre aquêle mundo americano e o atual. Aquêle mundo depois arrastado ao conflito e, desde então, sempre preocupado com os destinos do mundo. Aquela América refletirá o fim de uma idade, de maneira tão pungente, para o leitor de hoje, em dia com Hemingway, por exemplo, que êle mal poderá acreditar que os cenários não mudaram, nem os homens, nem os escritores e as idéias. Jorge Cardoso Ayres foi o tradutor desta edição, revelando seguro tato para o trabalho delicado de passar à nossa língua uma obra estrangeira, o que tem sido feito com tal leviandade e tanta ignorância que a tradução em geral indispõe o leitor brasileiro com escritores e obras dignos de maior estima.

Prêmio Pulitzer de 1922, Willa Cather aí está apresentada ao público brasileiro que, da mesma forma que as letras americanas, fica a dever tamanho serviço à iniciativa da «Revista Branca».

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

PROSSEGUINDO na publicação da sua «Coleção de Romances do Brasil», na qual já saíram «Dona Guidinha do Poço», de Manoel de Oliveira Paiva (com capa de Aldemir Martins), e «Casa de Pedra», de Ondina Ferreira (com capa de Tarsila do Amaral), a Editôra Saraiva, de São Paulo, lançará dentro em breve o livro de estréia de Marcos Rey: «Um Gato no Triângulo». Marcos Rey, irmão do grande romancista Mário Donato, é dono de um talento impar e a sua estréia literária será uma verdadeira bomba. A capa de «Um Gato no Triângulo» será de Darcy Penteado.

DIRIGIDA por Nagib Elchmer, sairá, em princípios de agôsto, o primeiro número da revista especializada «Stradivarius» (Música — Discos — Alta Fidelidade). Entre os colaboradores, destacamos os seguintes nomes: Caio Aurélio Domingues, José da Veiga, prof. Alfonso Micheli, Rubens Gomes de Sousa, Rubens Muller, Batista da Costa, Nagib Elchmer e Reynaldo Bairão (que aliás, publicará nesse número, um artigo sôbre a célebre ópera atonal de Alban Berg, «Wozzeck».

PÉRICLES EUGÊNIO da Silva Ramos, o poeta de «Lamentação Floral», acaba de publicar, numa edição da Saraiva, as traduções que fêz de alguns sonetos de Shakespeare. A crítica paulista está recebendo com muitos elogios êsse trabalho de um dos componentes da famosa «geração de 45».

JAMIL ALMANSUR HADDAD, finalmente, viu publicado o seu aguardado estudo sôbre o autor de «Navio Negreiro». A obra intitula-se: «Revisão de Castro Alves». É uma edição da Saraiva. E está fadada a despertar grande interêsse tanto entre os críticos, como entre o público em geral.

NO MUNDO DAS LETRAS

★ Vêm sendo proferidas conferências sôbre o Rio de Janeiro. Os mais variados aspectos da cidade fundada por Estácio de Sá, em primeiro de março de 1565, têm merecido palestras eruditas e agradáveis. Excelente livro com elas se formaria, caso a Câmara Municipal resolvesse reuni-las!

★ Dando ao público mais uma edição da «História do Brasil», de João Ribeiro, belo trabalho realizou Carlos Ribeiro — hoje verdadeiro intelectual da indústria livreira, ontem . . . um menino já bastante dinâmico, a atender, solicitamente, na saudosa Livraria Quaresma . . .

★ «A energia dos combustíveis tem aumentado de muitas vêzes a energia dos músculos humanos e dos animais domésticos, tornando-se, por assim dizer, o perfeito servo do ser humano, libertando o homem do trabalho escravo e tornando os seus esforços mais produtivos». (Pág. 2 de «Petróleo Para o Mundo», de Stewart Schackne e N. D. Arcy Drake, Edições Melhoramentos, 1953).

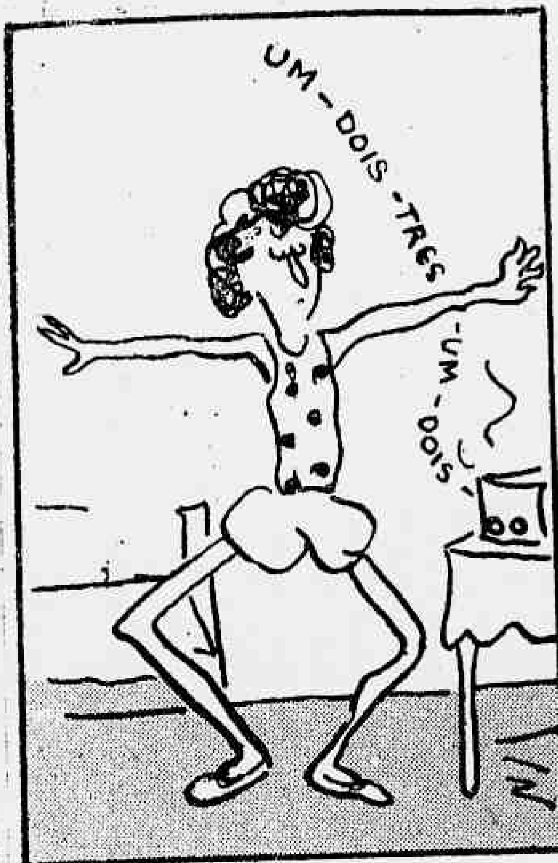
★ Diante das formosas lições do livro de Maximiano Augusto Gonçalves — «Questões de Linguagem» — lembramo-nos de assinalar, mais uma vez, esta anomalia: até escritores aparentemente alfabetizados ignoram que, sob a forma prefixal, «brasileiro» se flexiona em «brasíleo». Exemplos: acôrdo brasíleo-francês, entendimentos brasíleo-paraguaios, conversações brasíleo-gregas.

(J. G.)

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

A VIDA É ASSIM... (1)

CRIAÇÃO DE DARCY



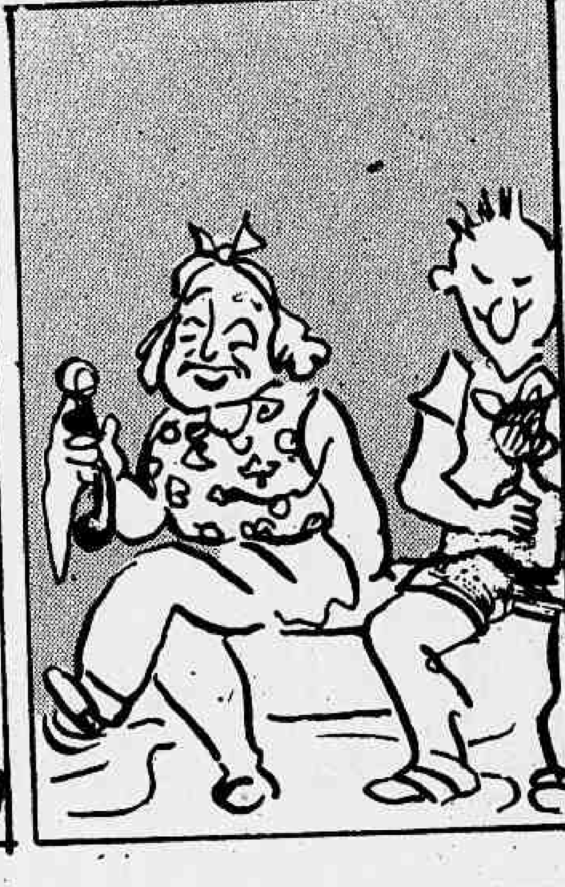


GINÁSTICA

Engorda... Emagrece...



CRIANÇAS ADULTOS...



ADULTOS CRIANÇAS...



O homem quer encrespar...



A mulher quer alisar...



MULHER?



HOMEM?

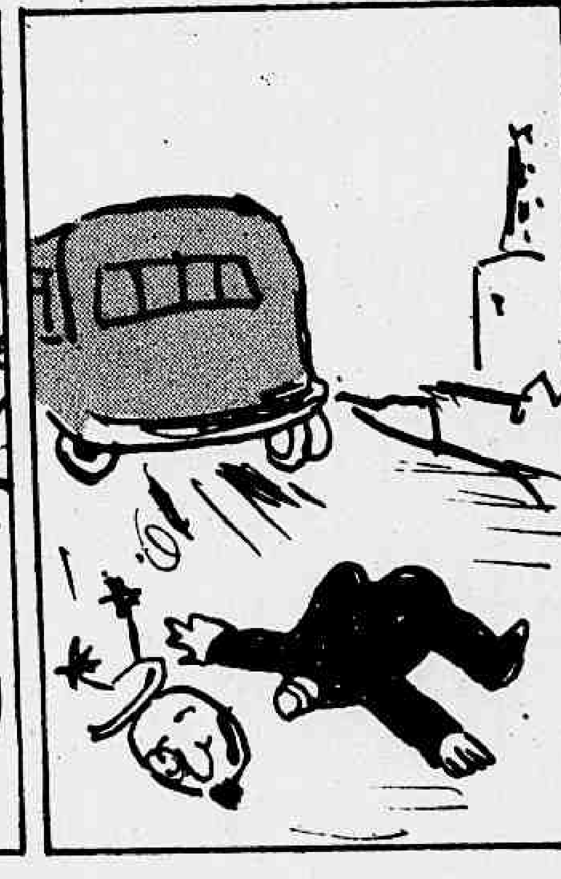


SR. PACIFICO CORDEIRO



SR. HÉRCULES LEÃO





O IMORTAL

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA



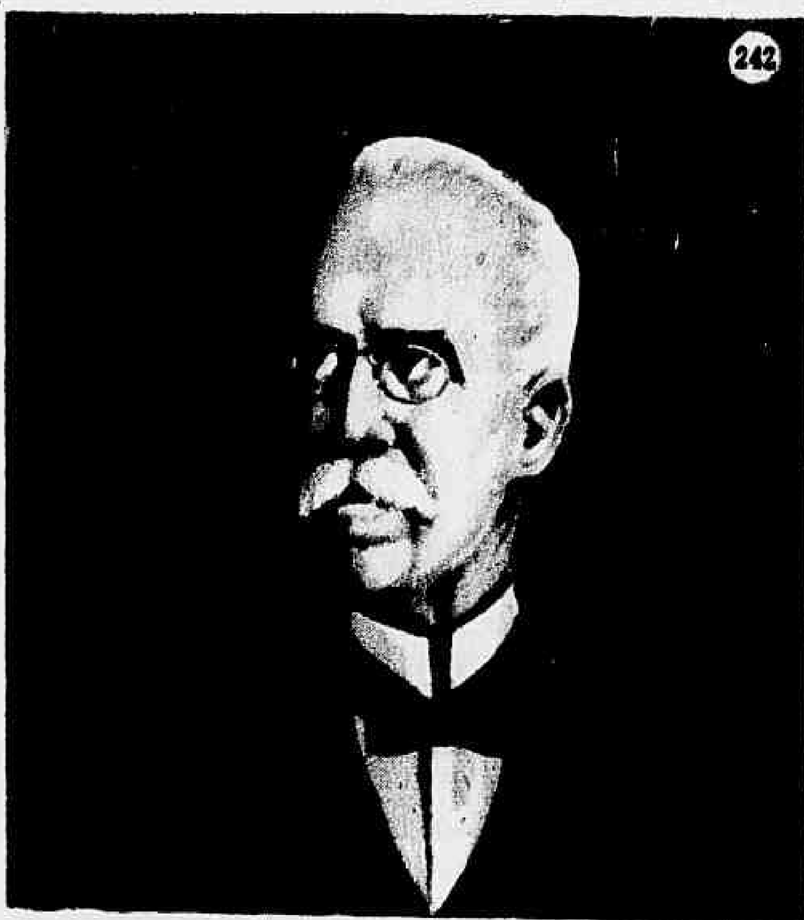
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.

Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A - Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 — Rio de Janeiro.













Konrad Adenauer, o homem sempre de rosto fechado, esboçou ligeiro sorriso, como se já estivesse certo de sua vitória nas eleições gerais da Alemanha Ocidental, que se feriram no dia 6 de setembro. O doutor Adenauer venceu com vultosa maioria de votos, reelegendo-se Chanceler.



A ÁGUIA ALEMÃ TEM DUAS CABEÇAS

Por WILLI FRISCHAUER
(Exclusividade da «REVISTA DA SEMANA» em todo o Brasil)

DUAS SEMANAS DEPOIS DE O REPÓRTER HAVER ESCRITO OS COMENTÁRIOS AQUI CONDENSADOS, EFETUARAM-SE EM TÔDA A ALEMANHA OCIDENTAL, CUJA SEDE É A CIDADE DE BONN, AS ELEIÇÕES NACIONAIS PARA A RENOVAÇÃO DO BUNDESTAG. O PLEITO SE FERIU A 6 DE SETEMBRO, RESULTANDO NA ESTRONDOSA VITÓRIA DE ADENAUER, DO PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO. O PROGRAMA DO SR. KONRAD ADENAUER E QUE SERVIU DE "LEIT-MOTIV" PARA CONQUISTAR OS VOTOS DO ELEITORADO, FOI ÊSTE: REARMAMENTO E REINTEGRAÇÃO DA ALEMANHA AO SISTEMA DE DEFESA DA EUROPA.

A ÁGUIA ALEMÃ TEM DUAS CABEÇAS

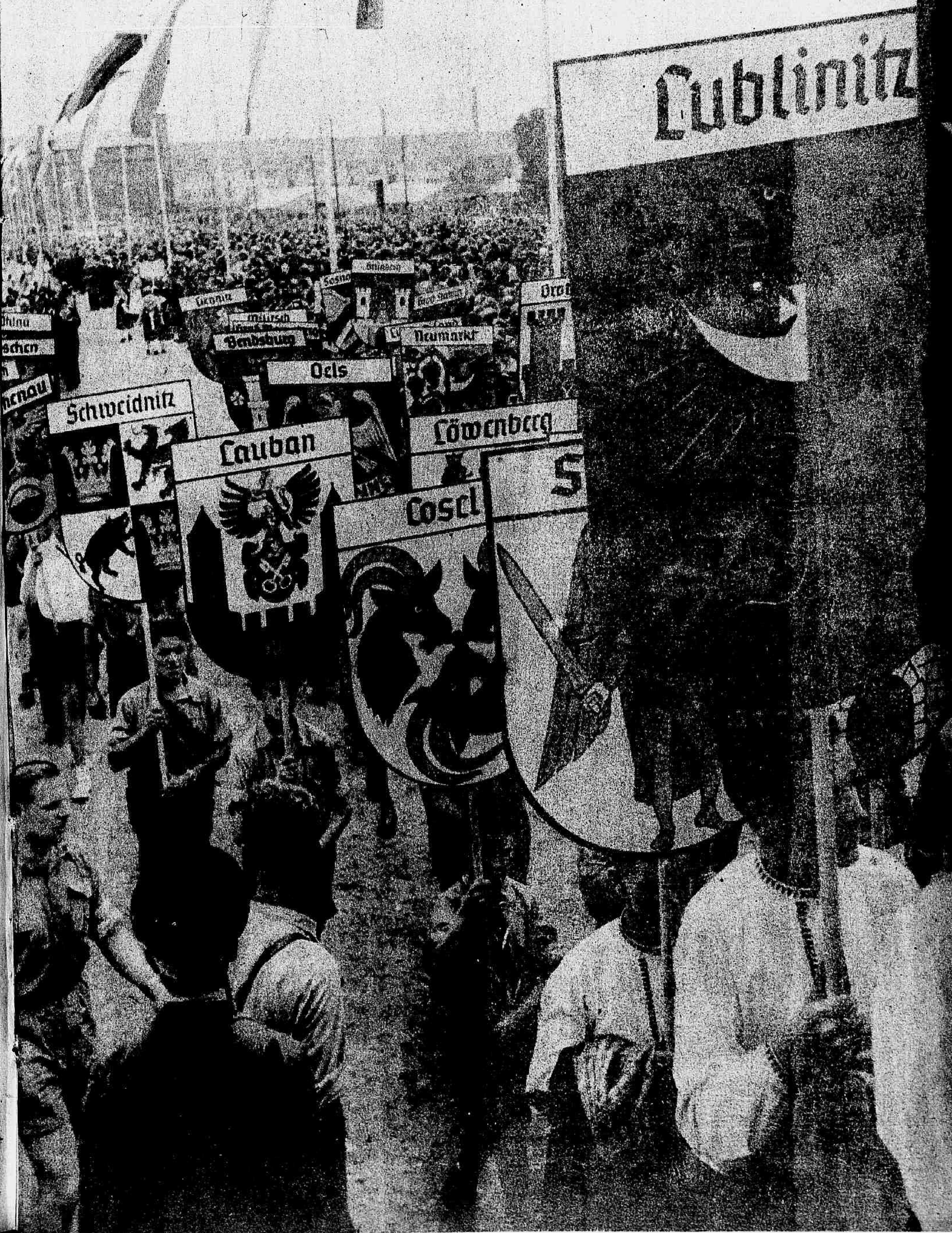


Helene Wessel, que defende a tese de uma Alemanha neutra e desarmada, foi acusada como sendo simpática à teoria comunista.

«Fin Volk, ein Reich!». Ou seja, em português: «Um só povo, um só país», que sempre foi êste o «slogan» dos velhos políticos, estadistas e guerreiros germânicos, passando por Bismarck e Hitler. Na curta história da Alemanha após a segunda grande guerra, ia-se ferir a batalha das urnas, para manter a política de Konrad Adenauer, ou derrubá-lo do poder, dando-se lugar à oposição liderada pelo Partido Socialista Alemão. O repórter, duas semanas antes do pleito que teria lugar a 6 de setembro, ouvira a repetição do velho tema prussiano: «Fin Volk, ei Reich», em Berlim e Bonn, em Hamburgo e Munich, ou por qualquer parte da Alemanha Ocidental em que passasse. As massas alemães do setor oriental, que foram à fronteira do Oeste em busca de alimentos, também assim se pronunciavam, com lágrimas nos olhos. Por tôda parte o sentimento de unificação, a unidade germânica como base da campanha eleitoral. Ouvimos o estudante Walter Reich, que nos disse: «Nós, os jovens, não queremos a guerra»; mas, adiantou: «Ninguém conseguirá ajudar um país dividido». O povo está instruído num ponto: a Inglaterra, por exemplo, não quer a unificação alemã, com mêdo do soerguimento do potencial teuto nas indústrias, suas riquezas minerais e o aço do Ruhr. No fogo cruzado da campanha eleitoral nas tribunas públicas, ouvia-se, com monótona regularidade, o mesmíssimo tema: a unidade nacional. O homem da rua, porém, percebe a grande dificuldade para uma Alemanha unida, com a URSS ocupando uma parte do país e sabendo que a política de Adenauer e os seus aliados externos, — De Gasperi e Schuman, da Itália e França, respectivamente — é anti-soviética e que há intenção de armar a Alemanha Ocidental contra a Rússia. Um garção do hotel em que o repórter se hospedou em Duesseldorf teve esta opinião a respeito da unificação alemã: «Com o Stalin morto e Moscou a fazer contínuo movimento de paz, se torna intransponível o obstáculo para a unificação». Dessa mesma opinião fôra um chofer de táxi da mesma cidade. O dr. Adenauer sofrendo a acusação de que se tornou na Alemanha um segundo Syngman Rhee, tem dificuldade em manter sua posição. Eventualmente êle foi capaz de testemunhar aos Estados Unidos, que a Defesa da Comunidade Européia é compatível com a unificação. Muitos alemães crêem nisso. Mas, as quedas políticas de Gasperi e Schuman, foram para êle um mau agouro. Enquanto a campanha da unificação se vai tornando mais ampla, encontramos também profunda oposição ao sr. Adenauer, como sucedeu com o Partido Social Democrático, o qual descarregou contra êle a mais pesada e maciça campanha, acusando-o de ter favorecido a milhares de pessoas à custa dos trabalhadores. E quando se aproximavam as eleições de 6 de setem-



Uma parada militar da Polícia Alemã da zona Ocidental, entre bandeiras, espetáculo tão do gôsto germânico. A Polícia e a Guarda da Fronteira são as únicas fôrças organizadas. Discute-se sua parte na defesa do Oeste conforme entendimento entre Adenauer e as nações do Pacto do Atlântico.



A juventude alemã protesta na cidade de Colônia, conduzindo nomes de lugares incorporados à Polônia pela linha O d e r - N e i s s e.

A ÁGUIA ALEMÃ TEM DUAS CABEÇAS



Êste foi o mais forte opositor de Adenauer nas eleições de 6 de setembro: — «Herr» Erich Ollenhauer, líder do Partido Socialista Alemão.



Konrad Adenauer assiste à parada da juventude em Colônia, contra a ocupação polonesa na Silésia, um dos pontos críticos a resolver.



O Chanceler Konrad Adenauer é um homem sisudo, que raramente ri. Aqui o vemos assistindo a um desfile em Colônia.





Alemães preparando o local da parada dos filhos da Silésia, refugiados no Ocidente Alemão, depois da nova linha divisória com a Polônia. Estendem um tapête vermelho e os cartazes falam com insistência da volta daquela região incorporada à Polônia, ao território germânico.

bro, todos perguntavam: qual dos dois líderes vencerá: o austero e sisudo Konrad Adenauer ou o gorducho e simplório Frich Ollenhauer, o mais forte competidor do atual chefe do govêrno da Alemanha Ocidental? Os alemães, em geral, julgam não ser negócio mudar a direção do país, elegendo outro em lugar de Adenauer, que se tem mostrado um homem capaz de ressuscitar o país. É um «diplomata suave», que sabe dizer a um Churchill: «Concordo . . . mas . . .». E, seguindo-se a êsse **mas**, êle contesta o que não convém à Alemanha, mesmo que se expresse num inglês claudicante. Seu francês, porém, é fluente. Os seus eleitores estão confiantes na administração de Adenauer, apesar da oposição. Ambos os líderes são iguais num ponto: tanto Adenauer como Ollenhauer gostam de rosas. Apaixonados pelas flores, ambos se dedicam ao cultivo de roseiras em suas casas em Bonn, e dizem que o «hobby» de Ollenhauer são as rosas. Ambos têm uma história muito curiosa e cheia de episódios dramáticos.

Adenauer, por exemplo, se tornou «frio» com os inglêses, desde aquêle episódio quando era prefeito de Colônia, cargo que lhe confiaram as fôrças aliadas em 1945, quando Hitler estava na iminência de ser derrotado. Um oficial inglês entra no gabinete de Adenauer e ordena que êle se retire. Não queria o inglês que nenhum alemão ocupasse qualquer cargo ali. Adenauer, que mantinha consigo uma bandeira britânica, oferecida por um soldado inglês na primeira grande guerra, bandeira essa que escapara das garras da Gestapo de Hitler, muitas vêzes, indignado com a insolência do oficial inglês, jogou fora a «Union Jack», tesouro precioso que êle conservava com risco da própria vida. Dêsse dia em diante ficou um tanto frio com os inglêses. Com Ollenhauer sucedeu também um fato interessante. Quando estava êle refugiado em Londres, inimigo que sempre foi de Hitler e do nazismo, quando um dos organizadores da campanha do **V da Vitória** lhe disse: «Precisamos que você fale num programa dedicado à Alemanha. Você pode ajudar-nos a quebrar o espírito germânico». Ollenhauer recusou. Era, — disse êle — muito grato à hospitalidade inglêsa, e também era implacável inimigo de Hitler; mas ninguém o induziria a cometer qualquer ato que significasse parte ativa na guerra contra seus compatriotas. Isso lhe valeu, ao retornar à Alemanha, grande popularidade e prestígio político. Ollenhauer deseja para a Alemanha um Partido Socialista semelhante ao da Inglaterra. A luta atual para a renovação do Bundestag se vai ferir entre duas grandes figuras: Adenauer e Ollenhauer. Nenhum dêles é bom orador; mas estão batendo em teclas bem compreendidas pela alma alemã: unidade nacional, recuperação das zonas perdidas, defesa da Europa, mas sem recorrer-se a uma nova guerra. Quem sairá vitorioso? Pergunta-se. «Nós venceremos, diz Adenauer». «Seremos vitoriosos», responde o líder socialista. As urnas a 6 de setembro dirão a última palavra.

Nesta segunda eleição geral para o «Bundestag», o que mais impressiona o analisador da situação eleitoral alemã, é a grande maioria de mulheres eleitoras, sôbre os homens. E essa circunstância, talvez, decida o pleito de maneira surpreendente.



VIDA DE CACHORRO

Quem foi que inventou que «vida de cachorro» é ruim? Veja o leitor esta que leva o «Bouboule», um bull-dog que se dá o luxo de veranear ao lado de seu dono nas praias de Cannes, na famosa e aristocrática «Côte d'Azur», no Mediterrâneo francês. Fazendo a sesta sôbre a areia da praia, exibe seus óculos fumaçados, em cujas lentes se reflete a imagem de um cruzador. E «Bouboule», como muita gente boa, protege o crânio com um chapéu de palha e sonha, sonha com alguma «garôta» distante.



CARA NÃO VALE

Na praia de Lido, em Cliftonville, Inglaterra, realizou-se a competição de silhuetas entre concorrentes que se inscreveram para o animado concurso anual. As jovens têm que meter a cabeça numa espécie de fronha, deixando apenas lugar para os olhos e respiração. Aqui vemos quatro disputantes: Patricia Madgewick, de 21 anos, garçonete em Hazlemere, Surrey, (a primeira da fila) e vencedora; Marie Prince, June Sercombe (de Birmingham) e Catherine Boland, estudante em Paris.

JANELA SÔBRE O MUNDO

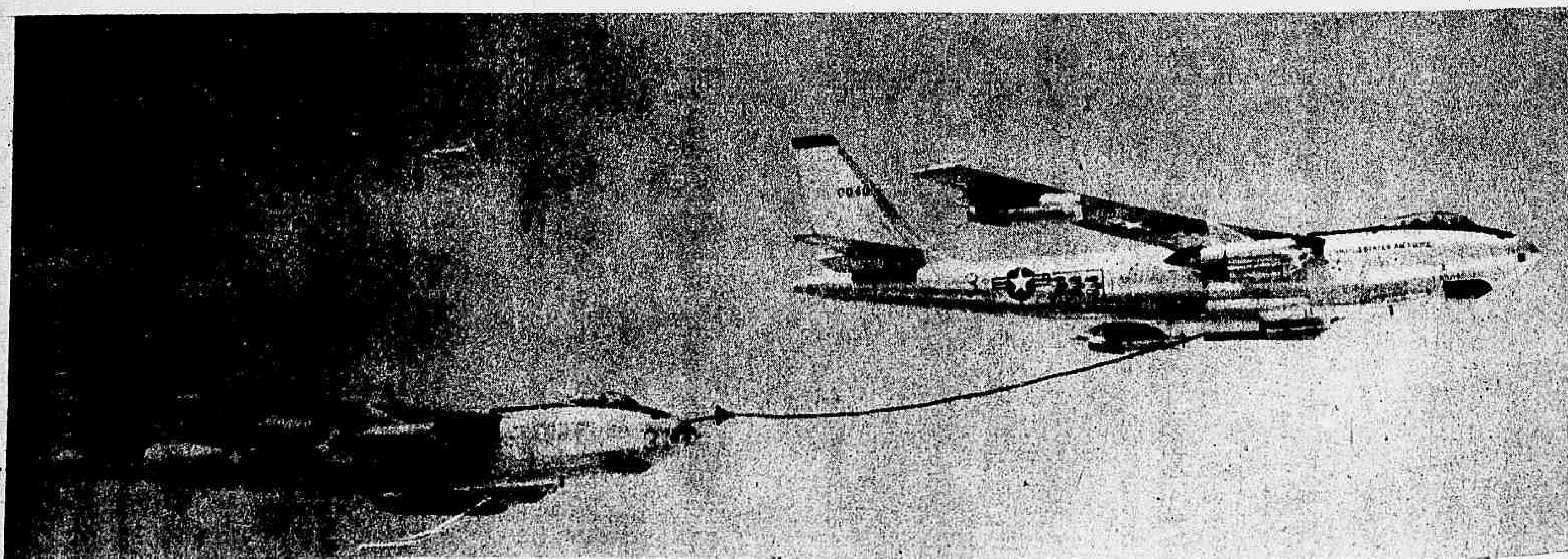


FOTO SECRETA

Esta era uma fotografia secreta, e que, até agora estava interditada à publicação, mantida em completo segrêdo. Foi, porém, liberada há pouco. Trata-se da adaptação do «Boeing KB-478» a jacto, para transportar combustível que abastece os aparelhos a jacto «B-47 Medium», em pleno vôo. A operação era, até então, feita pela retaguarda do aparelho; mas já pode ser realizada enquanto uma esquadrilha voa em formação até aos objetivos, sem nenhum perigo ou perturbação do programa.





LIBERTADO

Edgar Sanders, que estava prêso na Hungria, acusado de espionagem, chega ao aeroporto de Croydon, Inglaterra, e recebe o beijo de sua espôsa. Sanders fôra indultado pelo govêrno daquele país, tendo cumprido uma parte da sentença. As jovens que se vêem ao lado apreciando aquela cena de amor e ventura, são filhas do casal feliz. Sua espôsa e as meninas foram de avião até Viena, a fim de darem as boas vindas ao libertado, e o acompanharam até Londres. Que desafôgo.

HEROISMO DE GATO

O gato a que deram o nome de Zero, mascote da 62ª esquadrilha de caças interceptadores norte-americanos, é, provàvelmente, o único exemplar de sua raça que até hoje experimentou a sensação de transpor a barreira sônica, isto é, voando com uma velocidade mais rápida do que a do som. O major Richard Garrett, comandante da esquadrilha foi o pilôto do F-86-D, caça a jacto, a cujo bordo estava o gato, voando sôbre o lago Michigan. O aviador sorri para o herói, amàvelmente.



CIÊNCIA E DIVERSÃO

Signamman Mellor, de Manchester, apresenta êste garôto ao «Homem Mecânico», batizado com o nome muito atual de «Mr. Magneton», ou «Robot-man», para os britânicos. O menino está deslumbrado com a capacidade de pensar e dizer do boneco movimentado pelo rádio, a responder às perguntas que êle faz, como se fôsse um ente humano. A qualquer pessoa que lhe dirigir perguntas êle responderá imediatamente. Era uma «avant-première» da festa do «National Radio», no «Earl's Court» a 1º de setembro. ..

ELEIÇÕES NA ALEMANHA

As recentes eleições federais na Alemanha Ocidental atraíram milhares de teutos que residiam fora das fronteiras do país, mas que tinham direito de voto. A 30 de agôsto, seis dias antes do pleito geral para a eleição de Adenauer e de tôdas as bancadas do país sob contrôle aliado, já havia intensa animação de germânicos, em relação ao voto. Aqui vemos centenas de eleitores que chegaram a Munich, e, mesmo em trajes de banho, querem votar mesmo debaixo dágua. E' a democracia.



FRANCESCA DA RIMINI

CAPÍTULO IV

— Como está a senhora? Como vai Concórdia?

— Tôdas as duas vão bem. Mandam lembranças e acrescentam que não precisam de nada.

— A senhora estava sòzinha?

— Não, com vosso irmão.

— Com qual dos dois?

— Nem com um, nem com outro. Estava com o conde Paulo.

— O conde Paulo? Como pode êle estar em Rimini? Tem certeza do que estás dizendo?

— Certíssimo, pois o vi.

— Como e onde tu o viste?

— Como o estou vendo, senhor. Estava na sala dos cavalheiros, sentado ao lado de vossa espôsa, e encarregou-me de trazer-lhe sua saudação: «Diga a meu irmão que esteja tranqüilo porque estou fazendo companhia à senhora, e tentando amenizar o tédio dêste soturno castelo».

— Êle disse isso?

— Disse, e nada mais.

— Está bem. Vá com Deus.

Na alma turva de Giangiotto começou o seu trabalho de lenta corrosão o ciúme doentio.

Paulo o Belo! O meio irmão que a natureza havia esmerado em criar bem formado e elegante, para caçoar dos outros! O irmão que as mulheres olhavam com admiração e desejo. O único da família que se salvara do aleijão, que não era nem manco, nem torto, nem cego!

Além disso, Giangiotto, mais que qualquer outro marido, tinha motivos de ficar enciumado. Pela sua deformidade, pela beleza de Francesca, pelo pacto odioso que a fizera sua espôsa. A filha do senhor de Ravena fôra o prêmio recebido pelo seu valor, e não um penhor de amor. Disso tudo sabia Giangiotto.

Talvez, também, Giangiotto amasse aquela bela criatura que, com mil pretextos recusava-se a êle; que abria os grandes olhos negros cheios de ódio, contendo um grito de horror, quando êle, com suas mãos grossas, acariciava-a. Talvez com mêdo de morrer ela se calava quando obrigava-a a aceitá-lo em seu leito. O ciúme é um verme. Um verme que destrói, que envenena.

Tornou a chamar o homem que lhe trouxera os cumprimentos da espôsa e do irmão. Jogou-lhe uma bôlsa com dinheiro.

— Vai. Aqui tem ouro. Gasta-o. Terás mais. Deves, porém, dizer-me tudo que o conde Paulo fizer. Da manhã até a noite. Minuto por minuto. Sabes que não estou brincando!

★

— Olhe como o Sol se esconde ràpidamente por detrás do Titano. Daqui há pouco a rocha estará tôda na sombra. Esta é a mais bela hora do dia.

— Gostas mais das sombras do que da luz, não é verdade, Paulo?

— Muito mais. Nas sombras existe mais clemência, mais paz, mais abandono. As sombras são um repouso para a alma. Não te parece, também, que se pode falar com mais confiança quando a luz não revela as expressões do rosto, o tormento dos pensamentos?

— Também me parece, Paulo. O crepúsculo vela de pudor as palavras mais atrevidas.

— Como é lindo ser compreendido assim!

— Sim, é muito belo.

Uma pausa. As ameias da tôrre mais alta do castelo, sôbre as quais incidiam os últimos raios oblíquos, começavam a recortar-se no céu, agora mais sereno e mais profundo.

— Paulo, onde aprendeste a falar tão gentilmente assim?

— De quem queres que aprenda a nascente o murmúrio de seu fio dágua?

— Quando tu falas, penso que ninguém é capaz de se exprimir melhor, nem mesmo os trovadores.

— Também tu, Francesca, aprendeste a linguagem que admiramos nos trovadores. Vêm êles muitas vêzes ao castelo?

— Vêm às vêzes, mas não demoram quando teu irmão está ausente, o que acontece quase sempre. Quando eu ainda estava em Ravena, e passava os dias a escutá-los, um dêles me disse que Florença é, tôda ela, um canto de poetas, principalmente em maio. Tu és feliz, porque para lá vais voltar...

— Acreditas que a felicidade seja tecida com as rimas dos poetas de Provença e de Toscana? A felicidade tem uma trama mais sutil.

— Tu encontraste a felicidade, Paulo?

— Que pergunta, Francesca! Todos nós, acredite-me, procuramos alcançá-la, e parece-nos sempre tê-la quase nas mãos. Irmã da ilusão, ela, porém, passa e voa. A ilusão é a fonte da tristeza.

O céu, no ocidente, era todo êle uma pálida pincelada de um leve azul violáceo, desde a montanha até o mar. O silêncio, que anuncia a noite, estendia-se como um manto transparente sôbre tôdas as coisas.

— Tu, pois — continuou Francesca, em voz baixa, como se temesse romper a magia daquela hora de encantamento — também corres ainda em busca da felicidade que se afasta?

— Corria, Francesca.

— Que queres dizer?

— Que parece-me tê-la encontrado...

Não disseram mais nada. Êle, que até então se mantivera um pouco afastado dela, levantou-se e afastou-se mais ainda, como para pôr uma barreira entre o enleio dos dois. Estavam comovidos e temerosos. A estranha atração que atraía-os, um para o outro, era tecida de espera tímida e sofredora.

★

Um sentimento, de que êle próprio não se dava conta, mantinha Paulo junto a Francesca, descuidado de qualquer outras obrigações de sua vida, atado a um dêsses esquecimentos da consciência que tolhem qualquer faculdade de exame.

Longe da mulher e dos filhos, longe de tudo que era seu, cedia, pouco a pouco, a um misterioso fascínio, do qual não queria tomar conhecimento, temeroso de descobrir-lhe a causa. Sentia, sòmente, que a vida era mais ardentemente bela, como se tudo em sua volta se esquecesse, por efeito de um fogo vivificador.

Transcorria os dias numa espécie de ócio da consciência. Dedicava algumas horas à caça, andava a cavalo, atirava com o arco, mais para fazer pa ar a lentidão do tempo do que para exercitar o corpo. Quando se afastava de Rimini, quando o galope do cavalo se fazia mais veloz, não sabia resistir ao desejo de voltar atrás.

Apenas se soubera, nos castelos vizinhos, de sua chegada, começaram a surgir seguidamente os convites. Caçadas, ceias, torneios de balista, cavalgadas, sorriso de jovens, olhares maliciosos de senhoras tàcitamente convidativos. Pouco a pouco, porém, tudo se lhe tornou indiferente. Nada mais o atraiu. A ansiedade e o encantamento, o tormento, mantinham-no cada dia mais apegado à sua moradia. No castelo todos se prodigavam em servi-lo; cada um de seus desejos era prontamente atendido. Cozinheiros, camareiras, palafreneiros, armígeros, obedeciam-lhe, ainda antes que lhes tivesse dirigido a palavra.

— O senhor cavalheiro precisa de alguma coisa?

— Não, obrigado.

Este, que, inclinando-se respeitosamente, fizera a pergunta, era um dos guardas do castelo, um homem de aspecto sonolento, um pouco trôpego; por razões de ofício estava sempre em tôda parte, ainda que não tivesse ar de quem vigiava e observava.

As vêzes, aparecia, vindo do fundo de um bosquezinho, outras, no ângulo de um páteo, das sombras de um pórtico, sempre pronto a desculpar-se,—como se estivesse ali por acaso. Parecia pedir perdão de sua aborrecida ubiqüidade com uma atitude servil e com a desculpa de estar vigiando o andamento dos serviços da casa, para que o senhor Conde não sentisse falta de nada. Os olhos abaixavam-se, como se não quisessem ver, mas as pupilas, sob as pálpebras flácidas, eram irônicas e satisfeitas. Quem ou que coisa buscasse, nenhum dos patrões se dava a pena de procurar saber; davam pouca importância à sua pessoa. Os mais humildes, ao contrário, tinham-lhe grande respeito, pois sabiam-no muito apegado ao amo, que tratava-o com certa intimidade. Era sempre igual, da manhã à noite, do primeiro ao último dia do ano. Sòmente quando Francesca, em tôda a glória da sua beleza, havia passado o limiar da cidadela dos Malatesta, ousara levantar os olhos e fixá-lo obstinadamente no rosto pálido e aterrorizado da espôsa. Depois, abaixara-os lentamente, cerrara os punhos e apertara o queixo. Foi um instante apenas. Giangiotto, porém, o percebera, e, de longe, gritara:

— Que é Mano? Está gostando da festa?

Chamava-se Gerolamo, mas tratavam-no por Mano.

Quando não era visto nas escadarias, nos corredores, nas escuderias ou nas anticâmaras, sabia-se que fôra encontrar o amo em Gradara. Isso, êle o fazia ao menos uma vez por semana, para levar notícias e receber ordens.

Ninguém adivinhava o que ia pela sua alma fechada. Envelhecera na cidadela, vira morrer quase todos os seus coetâneos, e poucos se lembravam da triste história de sua vida. Êle, porém, nunca a esquecera.

A mulher, jovem e bela, jogara-se das ameias da tôrre alta, despedaçando-se entre a grande muralha e o fosso. Morta, sem dizer o motivo de seu ato desesperado, correra a suspeita de que não queria sobreviver ao ultrage do amo comum. Gerolamo, que amava a espôsa com profunda paixão, chorou, blasfemou, ameaçou; depois fechou-se em sua humilde servilidade e, mas que nunca, aproximou-se do patrão, conservando-lhe completa confiança.

Falava pouco, respondia por monossílabos àqueles que o interrogavam, mas tinha o dom de uma inquietante ubiqüidade. Andava da manhã à noite, da noite à madrugada. Por que? Acreditava-se que o fizesse por afeição ao amo; já que foi o único a não crer na desonra da própria espôsa, tornou-se o mais fiel servidor de Giangiotto. Ninguém, porém, sabia o que lhe ia na cabeça, e nunca ninguém vira em seu rosto outra expressão que não fôsse da mais absoluta e idiota obediência.

★

— Diga à senhora Orabile que me espere tranqüilamente em Florença; voltarei o mais cedo possível, apenas termine todos os negócios que tenho a resolver com meu irmão.

(Continua na página 48)



RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR

Francesca — jovem e bela filha de Guido de Polenta, senhor de Ravena — fôra obrigada a se casar por conveniência política com Giangiotto Malatesta. Os Malatesta eram senhores de Rimini. Giangiotto — dotado de valentia e bravura legendárias — era, porém, feio e aleijado. De modo nenhum realizava o ideal masculino com que sonhara Francesca e que se personalizava em Paulo Malatesta, seu irmão.

DA DESCOBERTA AO BENEFÍCIO

UM DESCOBRIU... e como tôda a grande descoberta, a loção TRICOMICINA teve, também, sua fase de incansáveis pesquisas, testes, experimentos e lutas. Nove anos de trabalho contínuo foram necessários até que se chegasse ao resultado final. Dessa batalha sem tréguas, resultou um produto realmente eficaz no combate à CALVÍCIE, à QUEDA DOS CABELOS, à CASPA e a quaisquer outras afecções do couro cabeludo: a loção TRICOMICINA.

MUITOS VENDEM... porque o descobridor da TRICOMICINA, movido pelo desejo de estender ao grande público os benefícios de sua descoberta, fez industrializar o produto e com êle abasteceu o mercado. Distribuidores em tôdas as principais cidades do Brasil estão preparados para entregar a loção TRICOMICINA a todos aquêles que desejem beneficiar-se com as suas excelentes propriedades.



MILHARES SE BENEFICIARÃO com as aplicações da loção TRICOMICINA que, sem ser miraculosa, é, contudo, de efeito progressivo e seguro no combate à CALVÍCIE, além de deter imediatamente a queda dos cabelos e de eliminar prontamente a caspa. O aparecimento da loção TRICOMICINA representa um novo alento aos que consideravam insolúvel o seu problema de calvície, queda dos cabelos, caspa e demais afecções do couro cabeludo.

Se não encontrar a Tricomicina em sua cidade, peça-a pelo Reembôlso Postal.

Remetam-me.........vidro(s) de Tricomicina, ao preço de 200,00 por vidro.
Nome..............................
Enderêço..............................
Cidade..............................
Estado..............................

TRICOMICINA

☆ **Combate a CALVÍCIE**
☆ **Detém a QUEDA DOS CABELOS**
☆ **Elimina a CASPA**

Loção **Tricomicina**

Distribuidores em tôdas as praças do país

Um produto do LABORATÓRIO TRICOMICINA LTDA.
FÁBRICA: Salvador — Bahia
ESCRITÓRIO COMERCIAL: Av. Franklin Roosevelt, 126 - 5.º
Gr. 509 - Rio de Janeiro

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

UM NOVO CÔMICO

O NOVO cômico de teatro, Pituca, começou a sua carreira artística como "boy" e secretário gratuito de tôdas as companhias que iam representar em Curitiba. Em 1946, quando lá passou, pela segunda vez, a Companhia de Procópio Ferreira, êste o levou em sua companhia para o sul do país, como secretário da mesma. Quando se encontrava no interior do Estado do Rio Grande do Sul, um dos atores deixa a companhia, e Pituca, que tem 27 anos de idade, passa de secretário a ator. Meses depois, Procópio Ferreira desfaz a companhia, voltando Pituca, nesta época com o nome artístico de Mozart Regis e o apelido de Fofinho para Curitiba, onde passou a fazer teatro infantil, como autor, diretor e ator. Neste tempo, também ingressa numa estação de rádio local, onde atua nos auditórios, em pequenas revistas. Em seguida, passa a figurar novamente na Companhia de Procópio Ferreira, indo para São Paulo, onde adoece, tendo o pai de Bibi Ferreira pago todo o seu tratamento. Quando fica bom, Pituca resolve tentar o Rio de Janeiro, procurando o empresário Zilco Ribeiro, que lhe dá uma oportunidade, estreando na revista "Mulheres, Cheguei!", ao lado de Colé e Nélia Paula. Com a saída de Colé da companhia, Pituca estréia como um dos primeiros atores cômicos na revista "Tout Va Très Bien", dividindo as honras com os outros dois, que são: Consuelo e Ariston, constituindo numa das atrações do Teatro Follies.

O ATOR Odilon Azevedo anda à procura de um teatro, para continuar com as representações da peça histórica de R. Magalhães Jr. «O Imperador Galante», que está obtendo um grande êxito. Odilon tem que entregar o Teatro Dulcina no dia 1 de outubro, ao ator Rodolfo Mayer, que ali fará a sua temporada dêste ano.

JOAO VILLARET está estudando a peça de Pedro Bloch «Esta Noite Choveu Prata», que pretende apresentar em Portugal no ano que vem. Pedro Bloch também está escrevendo uma peça para o Teatro Experimental do Negro, para ser apresentada no Quarto Centenário de São Paulo.



Elvira Pagã, estrêla do cinema e do teatro de revista, famosa pela sua plástica, encontra-se afastada das suas atividades artísticas.

● **Ivaná, o cantor, bailarino, transformista e modelista que Walter Pinto trouxe do «Le Carroussel» de Paris, está atuando em quatro palcos. No Teatro Recreio, na revista «É Fogo na Jaca»; na Boite Casablanca, no «show» «Cherchez La Femme»; no Teatro João Caetano, na revista «A Bomba da Paz», imitando Dercy Gonçalves, e no Teatro Follies, na revista «Tout Va Très Bien», também fazendo uma imitação, a do novo cômico Pituca.**

AO CONTRARIO do que vem sendo anunciado, a coreografia da revista «A Bomba da Paz» é de autoria da bailarina Juliana Yanakiewa, e não de Berta Rosanova, uma das «estrêlas» da companhia.

NAO SERA MAIS apresentada no Festival do Rio de Janeiro, que se realizará a partir de outubro no Teatro Municipal, a ópera de Honneger «Joana D'Arc», cujo papel título seria desempenhado pela atriz Bibi Ferreira, por ser todo êle declamado.

● **A Companhia de Marlene e Luís Delfino acaba de estrear no Teatro Rival com a peça «Angelina e o Dentista», que conta em seu elenco com os nomes de Roberto Duval, Iracema de Alencar, Oswaldo Louzada, Gilberto Matinho e Renée Bell, sendo a direção artística de Mário Brasini.**

ALDA GARRIDO, que se prepara para embarcar para Portugal, onde fará uma «tournée» artística, levará, também, uma peça do teatrólogo brasileiro Gastão Tojeiro, «A Francesa do Night And Day».

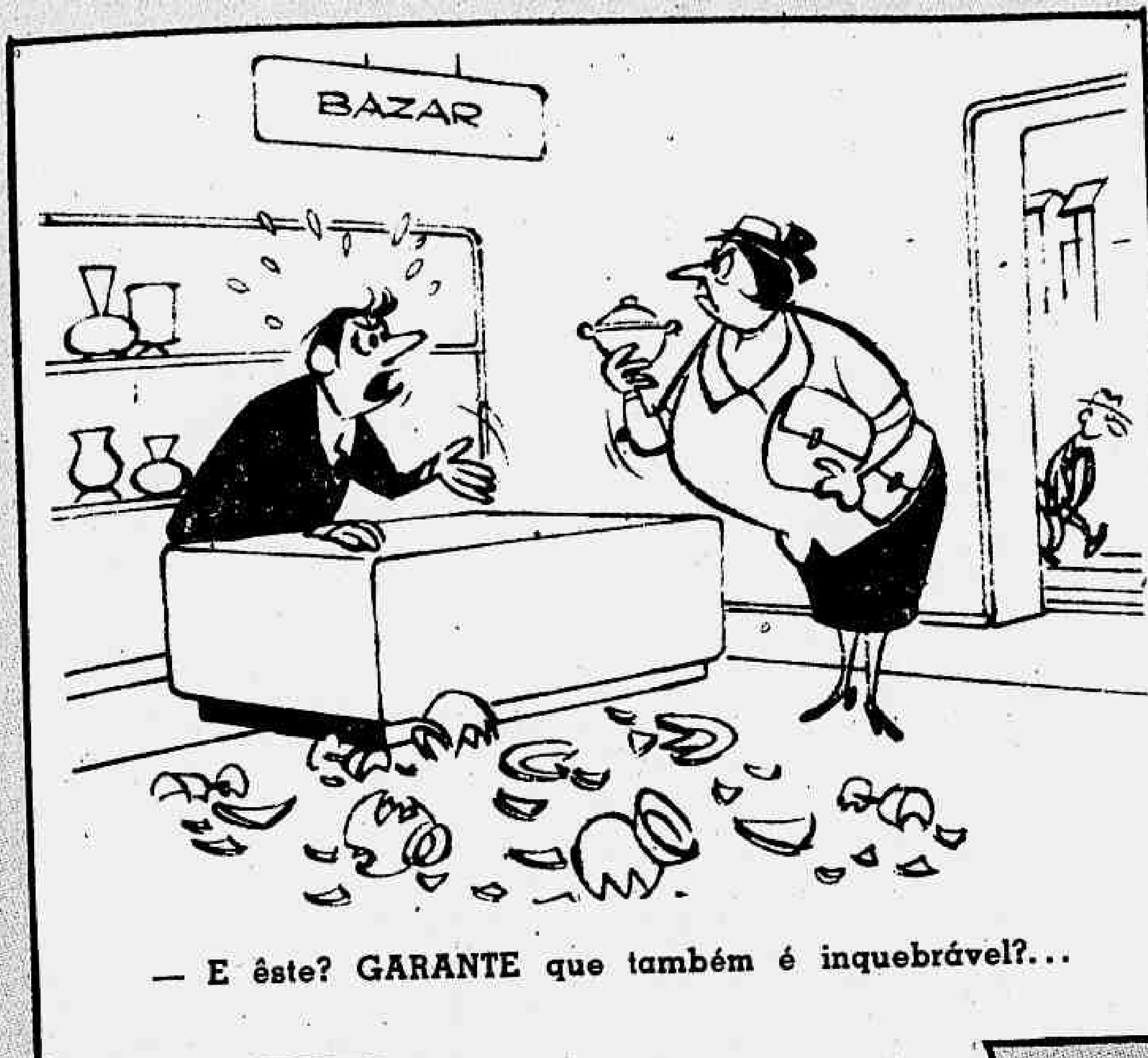
SILVA FILHO e Luís Catalano acabam de estrear como primeiros cômicos na revista «Eu Quero é Rebolar», que está em cartaz no Teatro Odeon de S. Paulo.

● **A revista «A Bomba da Paz», que a Companhia de Revistas de Joana D'Arc está apresentando no Teatro João Caetano, tem a autoria de Nestor de Holanda, Luís Peixoto, Djalma Nunes, Fernando Costa, Otelo Zeloni, Jaime Costa e Danilo Bastos.**

O BAILARINO Norbert foi operado da apêndice, devendo reaparecer muito breve na Companhia de Revistas de Zilco Ribeiro, que está apresentando «Tout Va Très Bien», no Teatro Follies.

ESTA ATUANDÓ na revista de Max Nunes e J. Maia, «Uma Pulga na Camisola», que está em cartaz no Teatro Carlos Gomes, a nova cantora portuguêsa Cândida Rosa.

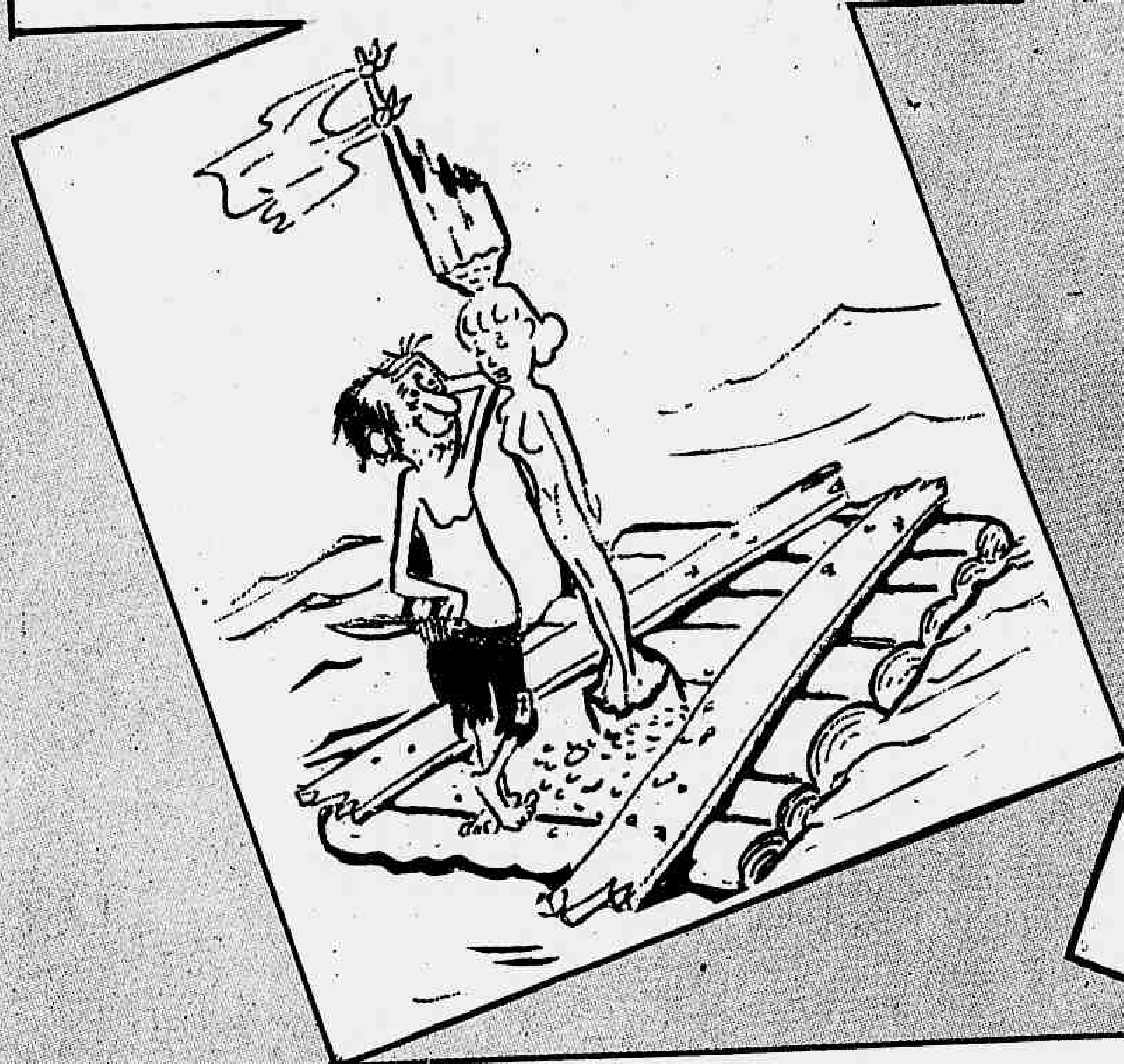
● **O Teatro Duse estreou a peça «O Idiota», de Léo Victor, que possui apenas 23 anos, numa adaptação do famoso romance de Dostoiewsky. A direção artística foi entregue a madame Nina Ranewsky, enquanto os cenários são de Ivon, um estreante do Teatro do Estudante. Os figurinos são de autoria de Rosa Carlos Magno. A seguir será mostrada a peça de Lúcio Fiúza «13 Degraus Para Baixo».**

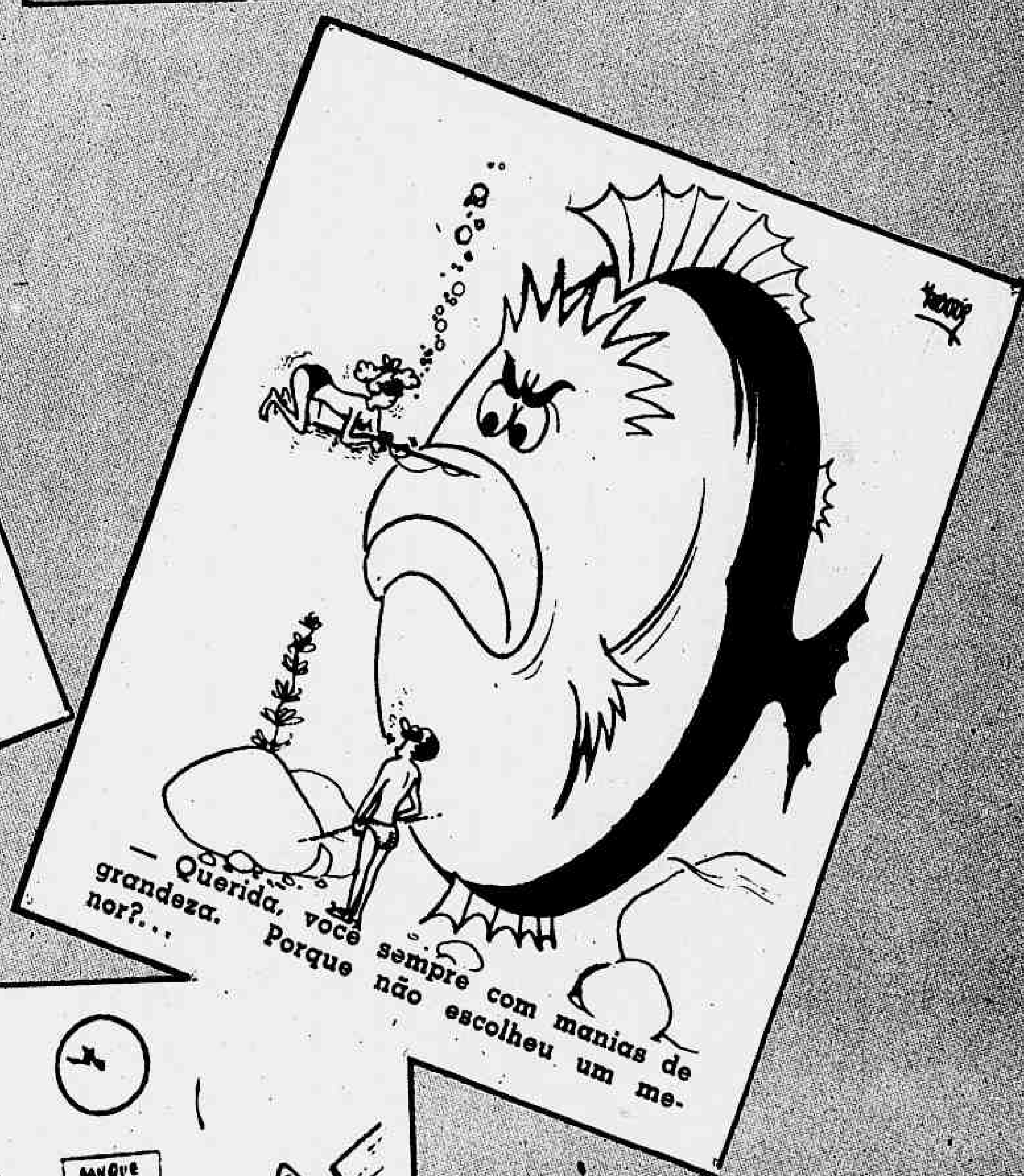


— E êste? GARANTE que também é inquebrável?...



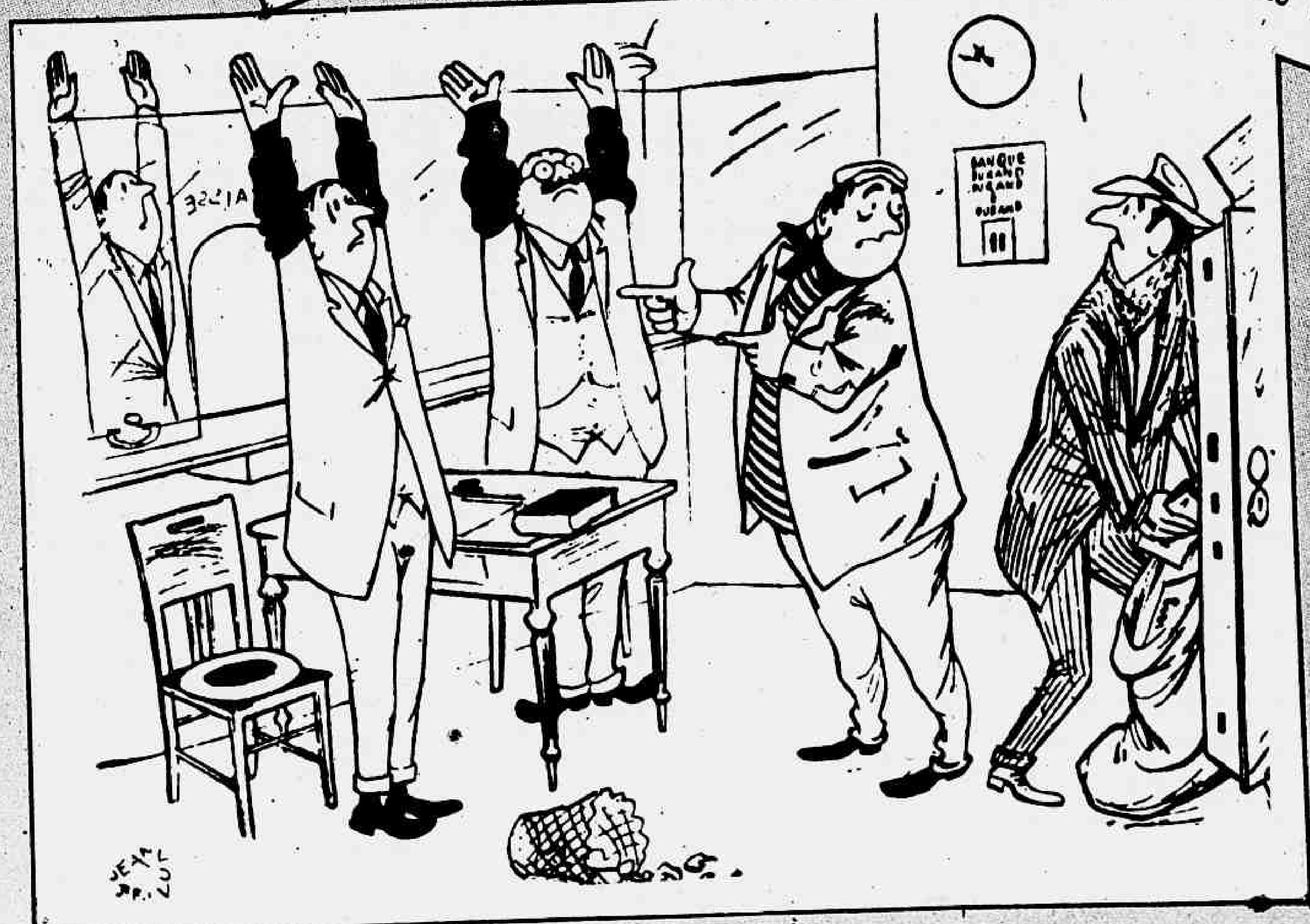
— Quieto, não se assuste não, eu sou um guarda disfarçado em prisioneiro...





— Querida, você sempre com manias de grandeza. Porque não escolheu um menor?...

O RISO dos OUTROS



— Vamos! Anda logo, antes que êles descubram o truque...

PARA O VERÃO



Modella — *Vestido em tecido de algodão negro, com listas em rosa muito claro. E' um modêlo lindo quando confeccionado em "voile"*



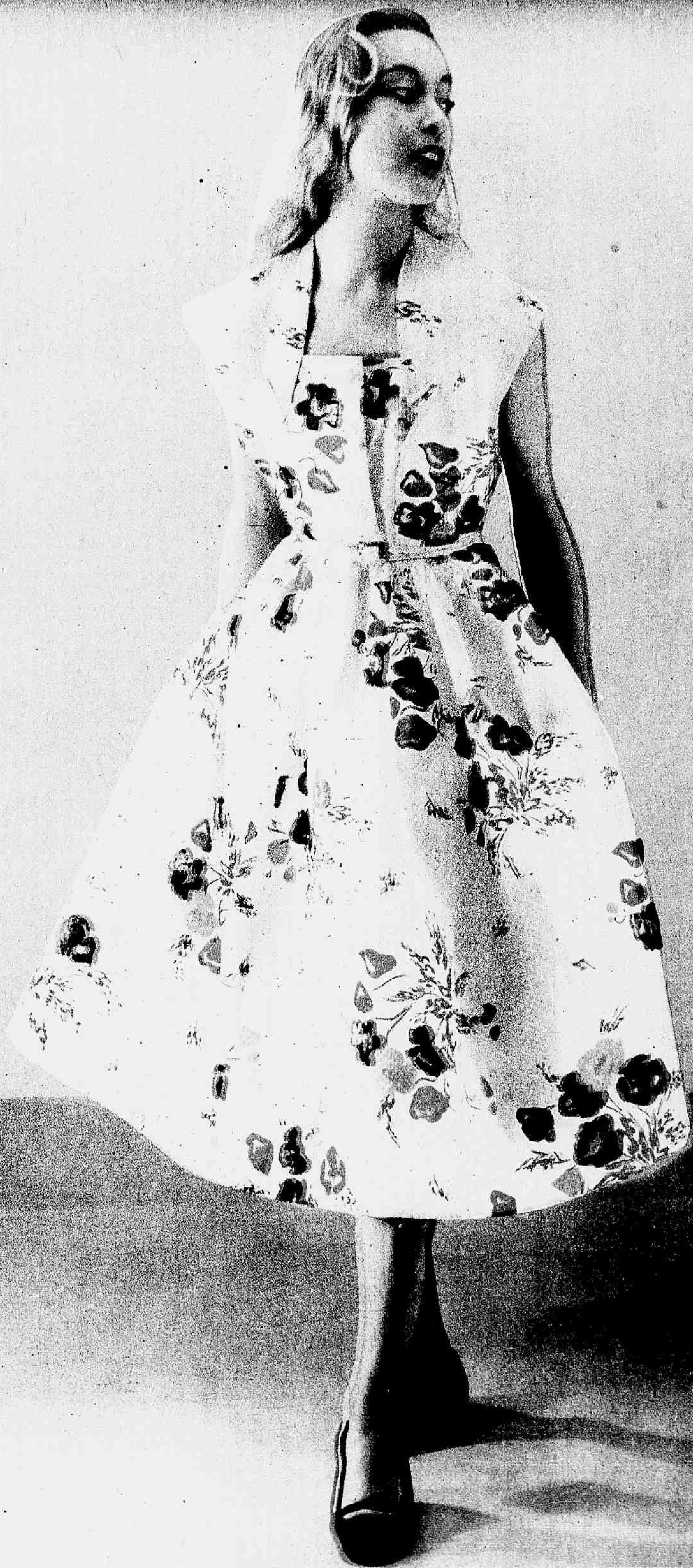
Rosenfeld — *Vestido em listas largas, formando xadrez, em cinza escuro e azul claro, confeccionado em Celanese.*

ENQUANTO os figurinistas discutem o comprimento das saias, em Paris e Nova York, nós, aqui, temos que ir pensando na confecção dos nossos vestidinhos de verão, porque o calor está chegando. O melhor será ficar num meio têrmo, quanto ao comprimento das saias, ou mesmo, para as tualetes rodadas, optar por um comprimento um pouco maior do que para os vestidos justos. Isso é o que se está fazendo em todo mundo elegante. Os estampados continuarão a dominar nos tecidos de algodão, desde o simples «pois» e xadrez, até os desenhos de flores, animais ou motivos abstratos ou futuristas. A variedade promete ser tanta, pela amostra do que já existe nas lojas, que não há de ser difícil escolher a fazenda mais apropriada para um determinado modêlo.

Conquanto as importações de tecidos estejam, pràticamente suspensas, não teremos o linho por um preço tão alto quando seria de temer. As fábricas nacionais estão produzindo tecidos de linho (de fio estrangeiro, é verdade) que nada ficam a dever aos melhores franceses, inglêses ou belgas. O linho tem a vantagem de ser muito agradável num dia de calor e de, geralmente, conservar-se com aspecto de novo por maior tempo que o algodão. Escolha o seu vestido de linho ou de algodão, preparando seu guarda-roupa de fim de ano, e não se preocupe com o comprimento das saias. Escolha o que melhor assentar com sua silhueta e personalidade. — FLAMA.



Um bonito e elegante conjunto de saia xadrez, nas côres preta, rosa, azul forte e blusa negra. Tudo em lonita.



APRESENTAÇÕES

OS velhos se queixam de que hoje em dia os princípios de boa educação mudaram muito. Realmente, de 1920 aos dias de hoje, quanta diferença na maneira de se tratar as pessoas! Que se dirá então, em relação à diferença das maneiras em moda no princípio do século?! No entanto, não é verdade que as boas maneiras não têm razão de ser — estas, quando não chegam ao exagêro, e ao ridículo (não seriam mais «boas maneiras») são extremamente lógicas e há um «motivo» para sua existência. Não se pode ser uma pessoa simpática e amável sem uma certa educação. Não custa nada pedir «por favor», de dizer um «obrigada» gentil, «agradecida» ou «perdão», quando as circunstâncias o exigem. Será preferível, mesmo, exagerar na educação do que demonstrar sua falta. O mais interessante é que as pessoas mais sem educação são aquelas que continuamente se queixam de sua falta, queixam-se daqueles que as tratam sem o mínimo respeito à sua sensibilidade. Prova de que a educação é «sentida» pelos outros...

Um assunto sempre discutido, uma situação em que raramente se procede como se devia, é a questão das «apresentações».



● Vamos exemplificar:
Você, num belo domingo de sol, passeia com sua amiga Maria pelas calçadas da praia de Copacabana. Em dado momento, cruzam com um rapaz jovem, seu companheiro de trabalho. Você lhe dirige um comprimento e detém-se para um pequeno «bate-papo» — algumas palavras sôbre a beleza do mar ou o estado do tempo. Comportam-se, você e seu amigo, como se estivessem sòzinhos, e a pobre Maria fica um pouco afastada, testemunha muda de uma conversa da qual não participa. Não foi apresentada, pois você acha que, para uma palestrinha tão rápida, não havia necessidade disso.

O seu modo de proceder não poderia ser pior. Já que «os amigos de meus amigos são meus amigos», deve-se compartilhar as amizades até num superficial encontro de rua. Maria se aborrece. O rapaz fica sem jeito, por vê-la aborrecida. Os dois pensam que você não os apresentou «deliberadamente».

Pode acontecer, também, que Maria entre na conversa sem apresentação. Você criará uma situação ruim, para você e para os dois, pois êstes nem ao menos sabem os respectivos nomes. Se Maria não entrar na conversa será com mêdo de parecer indiscreta, ou por timidez. Se tivesse agido corretamente, apresentando-os logo no início, essa situação, desagradável para todos, não se criaria.

Continuemos o exemplo e suponhamos que você apresentou os dois assim:

● Minha amiga Maria. Meu colega Jorge.
Cometeu dois erros. Para começar, cada um dos dois tem um sobrenome que os distingue de muitos Jorges e Marias que existem nesse mundo. Dizendo apenas o primeiro nome, obriga-os a tratarem-se com a mesma intimidade que você — que os conhece há muito tempo. Lógico, se são ambos de sua idade mais ou menos não precisará dizer Senhorita Fulana, ou Senhor Sicrano, ou Doutor Beltrano. Mas, ao menos o nome inteiro é exigido! Sua segunda falta? Apresenta-se sempre o homem à mulher, a pessoa mais jovem à mais velha, a inferior à superior socialmente. Isso não é um princípio extravagante ou convencional, mas extremamente lógico! Até há pouco tempo atrás uma mulher nunca se apresentava a si mesma. No entanto, como atualmente trabalham em situações muitas vêzes idênticas às dos homens, há ocasiões em que será correto elas mesmas dizerem seu nome ao fazer um novo conhecimento. A etiquêta muda, evolui, mas sempre dentro da «cortesia». — L.J.





SUGESTÃO PARA O LAR

O motivo da sugestão de hoje é um quarto de criança, com vistas, porém, a ser aproveitado quase integralmente pelo rapazinho ou pela mocinha de amanhã. O aposento não é muito grande, mas conseguiu-se uma arrumação muito boa por meio de móveis práticos com muito espaço útil. Analisemos por partes. O móvel principal é o grande armário à esquerda, ocupado atualmente com os brinquedos e livros de histórias infantis. Mais tarde cederão êles lugar para uma boa biblioteca de adulto. O armário possui também uma escrevaninha embutida, com escaninhos para papéis, etc. A parte inferior é ocupada por 3 gavetas centrais, para roupas, e prateleiras de ambos os lados, com porta de correr. Um dos lados pode ser uma boa sapateira e o outro depósito para guardados. Um outro armário, formando a cabeceira do leito, dispõe ainda de mais gavetas e mais prateleiras. A cama-divã, sòmente mais tarde pertencerá à criança, agora esta dorme na caminha por detrás do armário ao fundo, da qual só vemos as grades. O divã serve para a mamãe descansar ou vigiar as brincadeiras do bebê. Até o quadro negro, na parede do fundo, terá sempre utilidade: agora para os desenhos infantis, depois para os recados da mamãe, dos amigos e das amiguinhas. — NIKE.

UM POUCO DE BELEZA

O SOL E OS CABELOS

O sol e o vento poderão constituir, no verão, um fator de ressecamento e descoramento dos cabelos. Agora, que os dias de sol estão se tornando freqüentes com a chegada do fim do ano, você deverá pensar em proteger seus cabelos contra o que possa torná-los sem vida, principalmente considerando que para aumentar a ação nefasta do sol e do vento, está também a água do mar, na qual gosta de mergulhar, nos dias de muito calor. Um cabelo mal tratado é também difícil de ser arrumado convenientemente. As ondas não param no lugar, as pontas insistem em sobrar para um lado e para o outro, dando um aspeto desleixado a aparência.

● Se você gosta de nadar sem a touca apropriada de borracha, «tem» que lavar a cabeça com água doce, depois de cada banho de mar, para retirar todo o sal e areia que aí se acumularam. Lave os seus cabelos com o mesmo cuidado com que lava sua roupa de banho de nylon e de lastex, cada vez que vólta do banho de mar. Quando passar um fim de semana fora, leve consigo um bom xampu cremoso. Existem alguns tipos que vêm em tubos, em pasta, e que são mais fáceis de se colocar num canto da valise. Além disso, ponha nos cabelos uma fina camada de óleo ou creme, que protegem-nos contra os excessos do sol e do vento. Se vai passar uma temporada fora, esportivamente, e quer apresentar-se com sua melhor aparência, tenha o cuidado de fazer uma permanente três semanas antes de embarcar, para que adquira um bom jeito. E... não se esqueça de escová-los muito, no mínimo tôdas as noites antes de deitar, para que se conservem macios e flexíveis. —

JÚLIA DE MILO.



AS RUIVAS E O CÔR-DE-ROSA

● Não deixe de usar rosa, apenas porque você tem os cabelos ruivos. A côr combina com você, para roupas, não está, em geral, em relação com a côr de seus cabelos, mas sim de sua pele. Existem peles com tonalidades que tendem para a côr de rosa e outras para o amarelo. As primeiras devem evitar roupas rosa ou vermelho vivo. Aquelas que puxam para o amarelo e às vêzes vão até o vermelho oliva, devem, ao contrário, usar sempre tonalidades que tenham um pouco de vermelho. Se seus cabelos são vermelhos, ou castanho avermelhados, você ficará linda com vestidos rosa ou vermelho vivo.

COMO SENTAR-SE

● Você sabe sentar-se elegantemente? Vejamos:

1 — Mantenha os joelhos sempre unidos. Ainda que sua roupa seja de muito bom corte não dará boa impressão se você se sentar com os joelhos afastados.

2 — Sente-se bem no centro da cadeira. Veja se tem os ombros retos, se os quadris tocam no encôsto de trás. A cabeça não deve estar inclinada para um lado, e sim levantada.

3 — Ao se sentar, não tome uma atitude forçada ou «posuda», pro-[illegible] sentar-se «naturalmente».



PARA TER MÃOS LINDAS E ALVAS

MUITA gente acha que a melhor maneira de realçar a beleza das mãos, fazendo com que pareçam limpas e claras, é aplicar sôbre as unhas um esmalte muito escuro. No entanto, há outras maneiras mais "construtivas" de se ter mãos bonitas. A massagem diária das mãos, com lanolina ou um bom creme de beleza, torna-as mais macias e suaviza as rugas. Nunca ponha as mãos em água muito quente e, se tiver que fazê-lo, passe depois um creme oleoso. Se, no trabalho caseiro, em arrumações, ou na cozinha, suas mãos se tornaram particularmente encardidas, passe-lhes um creme, antes de lavá-las com água e sabão.

Corte as unhas bem curtas, durante um mês. À noite, faça-lhes massagem com um creme à base de iôdo. Depois, dê-lhes polimento tôdas as manhãs com uma camurça. Se suas unhas são fracas, tome, durante êsse mês, tôdas as manhãs, dois tabletes de vitamina C. Após êsse tratamento, você terá as mãos bem alvas e poderá usar em suas unhas o verniz rosa muito claro que está tão em moda.

WEEK-END NA COZINHA

ESTÁ muito em moda receber, entre os presentes de casamento, ou por outro qualquer motivo, um aparelho de "waffles", dêsses elétricos, que preparam-nos em 2 ou 3 minutos. Talvez você tenha o seu aparelho de "waffles" e ainda não acertou com uma boa receita... Experimente uma das que lhe apresentamos hoje.

Tia Dulce



CONSELHOS ÚTEIS

★ *Uma excelente pasta para canapés e salgadinhos, se obtém, misturando 1/4 de xícara de manteiga com 4 filés de enchovas, picados bem fininhos, 1 colher das de chá de pasta de tomate, 1/2 dente de alho amassado, 1 colher das de chá de salsa, picada bem fininho.*

★ *Para servir com vegetais cozidos (batatas, nabos, cenouras, etc.) prepare o seguinte acompanhamento: Bata 1/4 de xícara de manteiga, junte cebolinhas, picadas, salsa e hortelã pimenta (1 colher das de sopa de cada), e 1 colher, das de chá, de caldo de limão.*

★ *Para servir em canapés ou acompanhando peixes, carne ou vegetais: junte 1 colher das de sopa de caldo de limão a 1/4 de xícara de manteiga batida. Acrescente um pouco de casca ralada de limão e 1 pitada de sal. (pode substituir o limão por laranja ácida)*

MÔLHO PARA WAFFLES

MEL E MANTEIGA — Bata 1/2 xícara de manteiga. Junte 1/2 xícara de mel e continue a bater, até conseguir uma mistura bem homogênea.

MÔLHO ESCOCÊS — Misture 1 xícara de açúcar mascavo, com 1/2 xícara de manteiga e 1/3 de xícara de creme de leite. Ponha para ferver, em fogo brando, sem parar de mexer. Deixe ferver uns 5 minutos. Sirva quente. (A receita dá 1 xícara de môlho).

MÔLHO DE CANELA — Derreta 1/2 xícara de manteiga em fogo brando. Junte 3 colheres, das de sopa, de açúcar, 1/4 de colher, das de chá, de canela em pó e 1/3 de xícara de creme de leite. Misture tudo em fogo lento, com uma colher de pau. Sirva quente.

WAFFLES

(sem açúcar)

2 xícaras de farinha de trigo
3 colheres, das de chá, de fermento em pó
1 pitada de sal
2 gemas de ôvo, ligeiramente batidas
1 3/4 de xícara de leite
1/4 de xícara de manteiga derretida
2 claras de ôvo, batidas em neve.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Peneire juntos a farinha de trigo, o fermento em pó e o sal. Junte as gemas, o leite e a manteiga, aos poucos. Bata apenas o suficiente para que tudo se misture bem.

2 — Ponha às colheradas, no aparelho de waffle já quente. Deixe assar, mais ou menos, 4 minutos até ficar tostadinho. (Receita para 4 waffler grandes).

WAFFLES DE CREME DE LEITE

(com açúcar)

1 1/2 xícara de farinha de trigo
4 a 6 colheres, das de sopa, de açúcar
2 colheres, das de chá, de fermento em pó
1 pitada de sal
4 ovos, separadamente
2 xícaras de creme de leite batido
3 colheres, das de sopa, de manteiga, derretida.

● MANEIRA DE FAZER

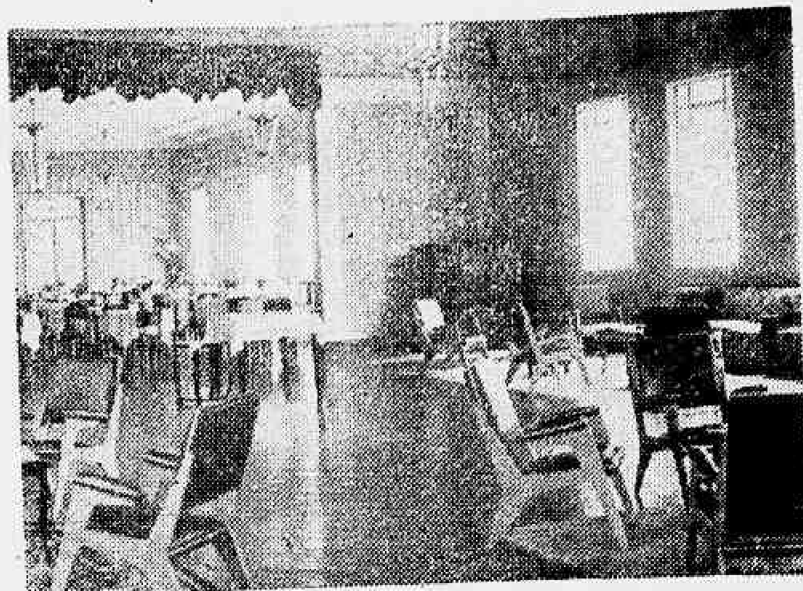
1 — Peneire juntos os ingredientes secos. Junte as gemas, o creme de leite e a manteiga. Misture bem. Acrescente as claras, batidas em neve.

2 — Asse no aparelho de waffle já esquentado. (Receita para 8 waffles).

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»



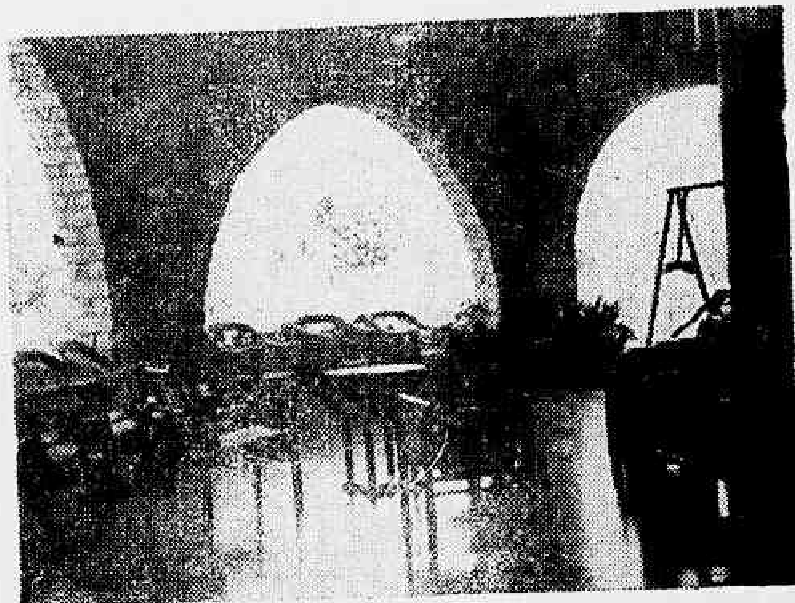
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



[illegible] varanda [illegible] repouso

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

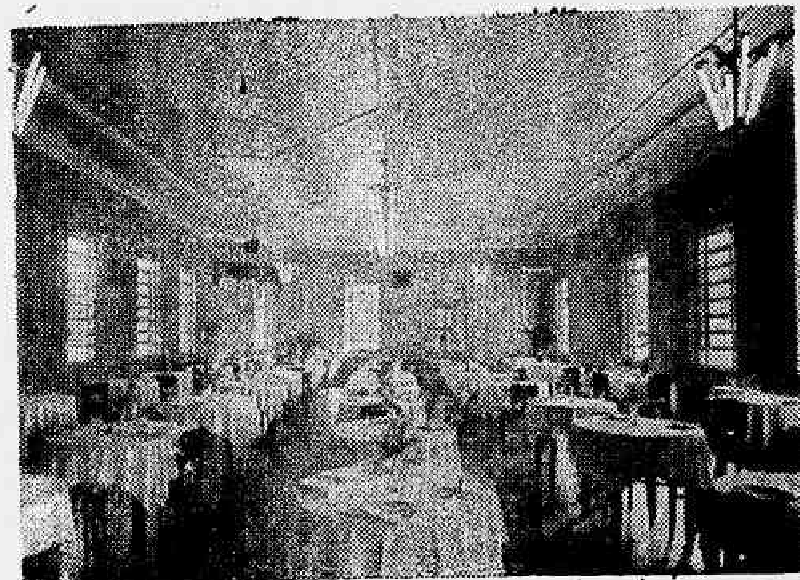
Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas. Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS

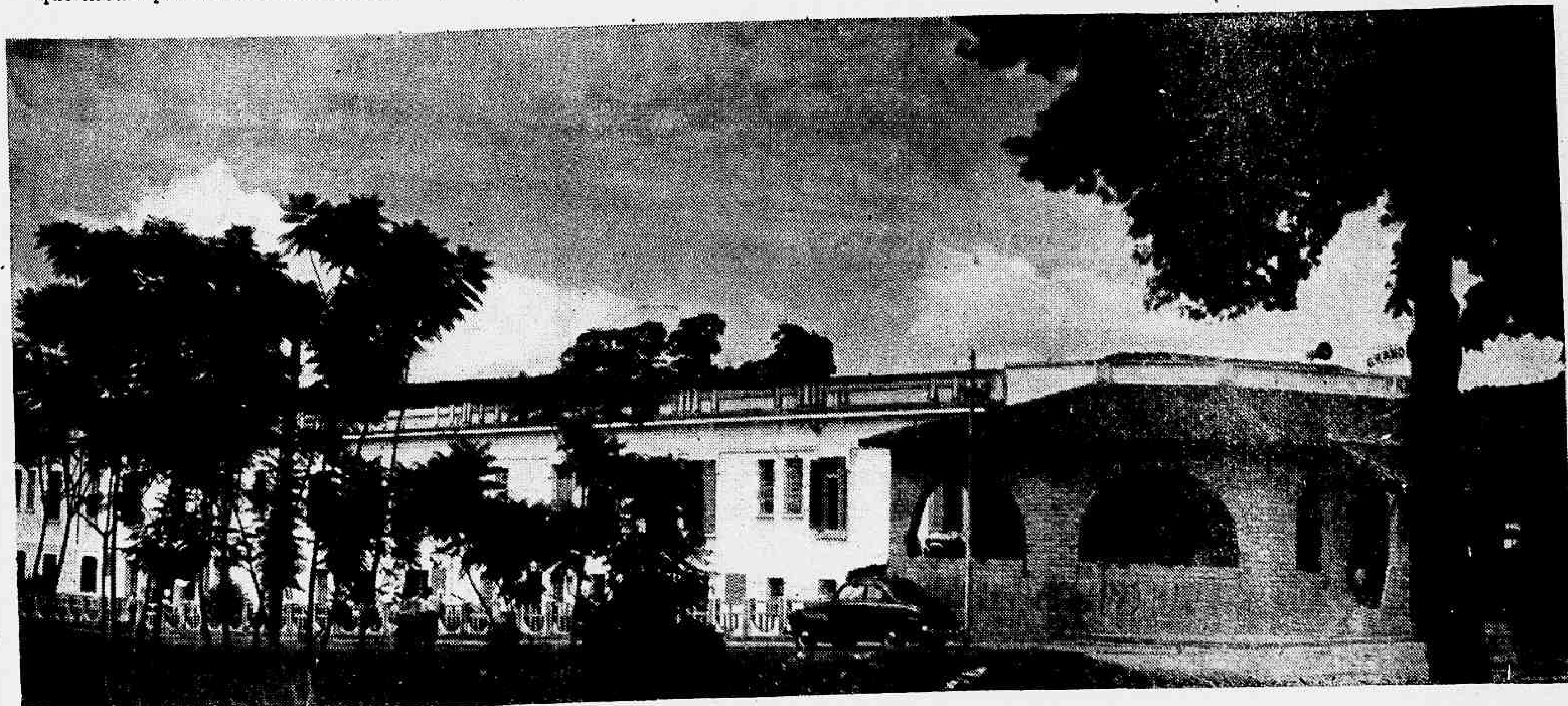
Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para S. Paulo.



Vista geral do Grande Hotel Prata



S. M. o «Deus da Natureza», Marquês de Cuevas, cercado de membros da sua faustosa côrte, ao presidir com todo o garbo de um fidalgo a século PVIII a deslumbrante farra na qual dispendeu 5 milhões de cruzeiros, atraindo astros do cinema, bailarinos e um exército de gozadores.

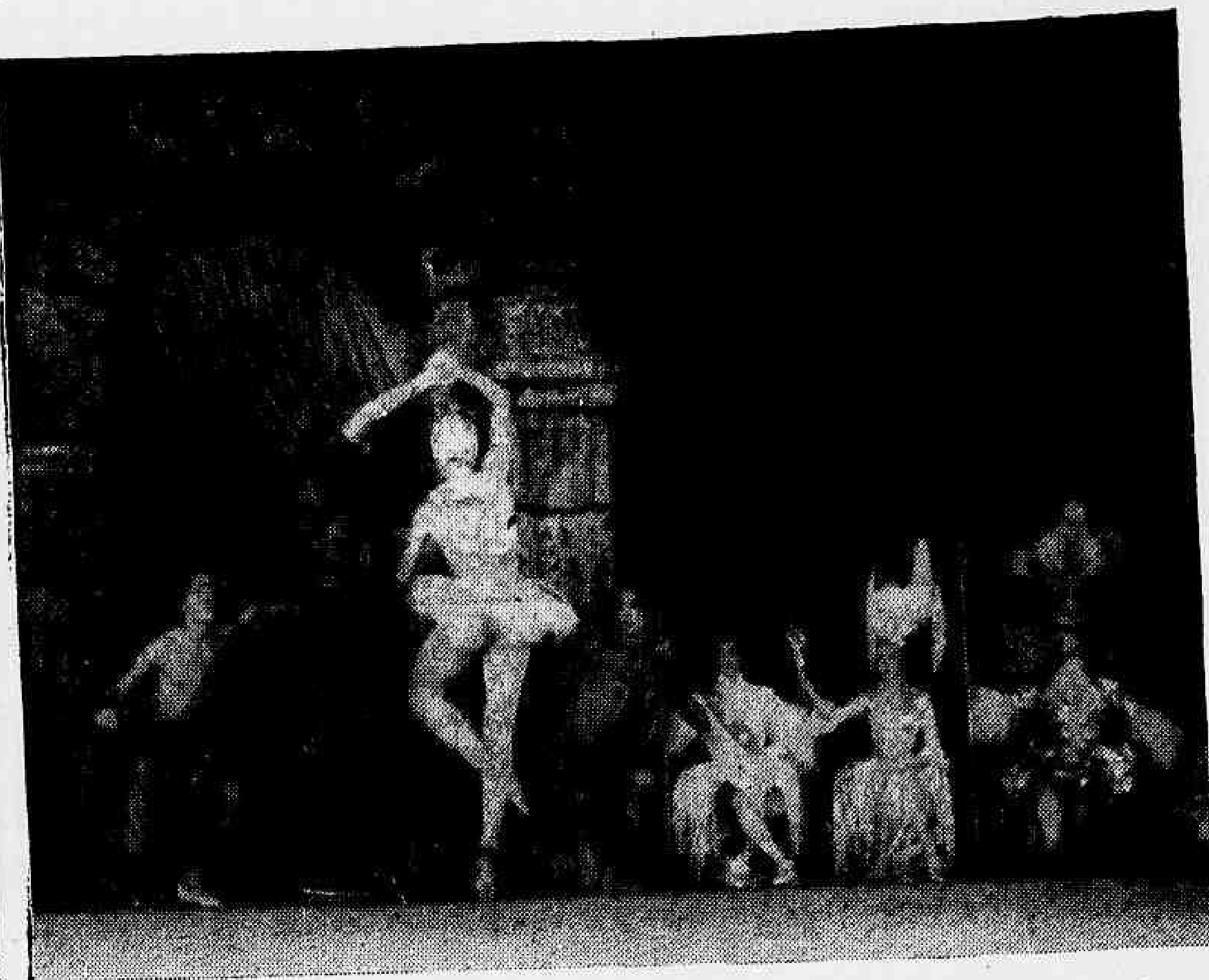
O BAILE DO MARQUÊS DE CUEVAS

MEGALOMANIA, OU UM CASO DE RE-ENCARNAÇÃO? ★ CÊRCA DE TRÊS MIL CONVIDADOS ★ ESTRÊLAS DE CINEMA, PRÍNCIPES, ARISTOCRATAS DE VÁRIOS PAÍSES EM BIARRITZ ★ PRESENTES "SANCHO PANÇA", MONTADO NUM JUMENTINHO, E TOUREIROS. . .

O nome de Georges de Cuevas, Marquês de Piedra Blanca de Guana, corre hoje o mundo, como o do mais espantoso e dissipador do nosso século. Êsse chileno tem nas veias e na família, o maior «cock-tail» de hemoglobinas que se pode imaginar: o pai era espanhol; sua mãe, dinamarquesa; a mulher é americana (neta de Rockfeller), e, finalmente, o senhor de Cuevas se tornou francês pelo coração. Tôda a sua descendência é de gente grande e poderosa: já pela metade do século XV, 50 anos antes do descobrimento da América, houve um Cuevas de imenso poder, o famoso Diogo Fernandez, cuja estirpe provém da povoação espanhola de La Cueva, vesícula germinativa do atual e espaventoso Marquês Georges de Cuevas. Tôda a sua estirpe se soma por uma seqüência de gente de tôda classe, em que há, desde pintores e poetas, até bispos. Em relação ao Brasil, o nome Cuevas não impressiona bem, pois relembra a batalha de Cuevas, durante a guerra com o Paraguai, quando Barroso foi vítima de uma cilada. Deixando, porém, essas particularidades, falemos no baile do Marquês de Cuevas, agora em princípios de setembro, na aristocrática Biarritz. O divertido bacante, apesar dos seus sessenta e um invernos, continua com as mesmas idéias de grandeza e fausta em que viveram os seus avoengos. Como não é possível no século XX, exibir-se a indumentária espalhafatosa dos anos de Pizarro



Belo corpo de «ballet» compareceu ao cenário da floresta de pinheiros no litoral da encantadora e aristocrática Biarritz, como num conto de fadas.



O mais impressionante «Teatro da Natureza», foi êste que imaginou e realizou no dia 3 de setembro o Marquês de Cuevas, grande Sibarita.



O Marquês e a Marquesa de Cuevas, na noite da festa. Êle por mais que dissipe milhões, não chega a diminuir as rendas; e ela... ela é neta de Rockefeller. Em «gaita» e imaginação para gastar, ninguém os iguala. Sabem aproveitar os dias e o excesso de dinheiro, sem olhar o futuro.

O BAILE DO MARQUÊS DE CUEVAS



Dezenas de boas vacas leiteiras foram mobilizadas para «deleitar» os convidados. Diante dessa visão medieval, a «turina», com o seu colar havaiano, murmura: «Como é que ela vai abaixar-se para poder tirar leite?» Não sabemos da resposta; mas que houve mais uísque que leite, houve.



O Marquês de Cuevas, pensando que é seu tetravô, Diogo Fernandez, conquistador do Peru, marcha resoluto para as travessas de perus.

e Diogo Fernandez, o sr. George de Cuevas promove festas do naipe dessa de Biarritz, reunindo convidados aos milhares, vestindo-se como um rei do século XVIII, cercado de uma côrte cujo guarda-roupa não há nos artistas do «Follies Bergere», nem nas espalhafatosas revistas do nosso Teatro Recreio. Como o atual Marquês não pode conquistar outro Peru, como fizera seu tetravô Don Juan de Cuevas, consola-se com os banquetes e farras em que abundam perus assados, perus cheios, perus à la Cuevas, sôbre cujos papos o bravo sibarita desaba tôda a sua tradição aristocrática deixando montães de fêmures, tíbias, perôneos, costelas e crânios nos campos de batalha regados a champanha. E quando algum exaltado bradar, em homenagem aos valentes Cuevas do Chile e do Peru, conquistadores dos Andes, «Vila el Peru», o nosso alegre Marquês de Cuevas mandará servir mais perus com farofa e cabidela, chorando de emoção Na festa de Biarritz, que lhe custou cêrca de cinco milhões de cruzeiros, ninguém sabia o que mais admirar: se os convivas, se a suntuosidade do Marquês, cujo penacho de penas de avestruz dariam para fundar um principado e empalidecer o brilho das antigas recepções do Rei-Sol, na côrte de Versalhes. A preocupação de cuevas foi a de exceder tudo o que já se fêz em matéria de ostentação. Até então, a maior farra do mundo moderno, tinha sido a baderna de Besteguy, com seu baile de Veneza; então o Marquês de Cuevas imaginou e executou o baile de Biarritz, a 3 de setembro dêste 1953, ofuscando tudo o que já se fizera até àquele dia. No solo basco francês, com lagos e florestas de pinho de Chiberta, realiza a maior festa do século, — um baile camponês que se converteu numa fantasmagoria principesca e quase inimaginável. Bailarinos famosos, o ex-Rei da Iugoslávia, a Princesa Colonna, Mrs. Pamela Churchill, o Duque Dalba, a atriz Annabella, Fernando Gravey, Luís Miguel Dominguin — um matador de touros — grandes costureiros, grandes cabeleireiros, Ladies, jornalistas, pagens, pastores e até monges. Nessa Côrte deslumbrante, o Marquês de Cuevas se apresenta com o seu cortejo brilhante, com a fantasia mirabolante de — Deus da Natureza — A nota cômica foi oferecida pela volumosa cronista americana Elsa Maxwell, que se trajou a Sancho Pança, montada num jumentinho, provocando hilaridade até aos pinheiros da floresta.

UMA NOITE DE CHUVA

(Cont. da pág. 51)

— Que é feito de você, neste tempo todo?

— Ora, se eu fôsse contar!

— Há quantos anos, sim senhora! Quantos mesmo!

— Ué, conte pelos dedos.

Contei pelos dedos, como ela aconselhava por ironia: um, dois, três, quatro . . . doze.

— Doze anos! Como é que você me reconheceu?

— Ora, eu criei você, Simão. Me dá um cigarro?

E concluiu com simplicidade, escolhendo um cigarro na minha carteira:

— Você passou, olhou do lado de minha porta e eu pela fresta reconheci logo. Mas fiquei pensando: será? Não podia deixar de ser: o mesmo focinho! Está'i.

Pedi a Maricota que me abrisse um pouco a janela. O quarto estava abafado. Um cheiro de roupa suja e de água de colônia de turco impregnava-me as narinas.

Maricota sentou-se na cama e ficou me olhando, a fumar.

— Você não envelheceu, Maricota.

— Não pouco!

— Não mesmo.

Não envelhecera. É verdade que perdera a frescura da primeira mocidade, quando, com a sua carne dura e flexível de mulatinha nova, ao passar vincava um silêncio intencional nos grupos da porta da venda. Só o que sempre a enfeara um bocado eram aquelas marcas de bexiga. Porém, não envelhecera: encorpara. Ficara madura, com adiposidades fôfas de vida ociosa.

— Você casou, Maricota?

— Qual casar! Com aquêle porqueira?

Ela fugira da nossa casa com um barbeiro chamado Malaquias. Malaquias tocava violão, cantava modinhas e possuía um cacho grosso na testa. Quando Malaquias fazia serenata em nossa rua, Maricota saía do quarto pé-ante-pé e ia para o muro do jardim. Uma vez desapareceram. Meu avô ficou três dias com uma veia querendo rebentar na testa, latejando forte. O major Rabelo, que era o delegado de polícia, desenvolveu tôda a sua atividade para descobrir os fugitivos. Porém, o sargento do destacamento era primo de Malaquias e desconfiou-se de que estivessem conluiados. E nunca mais se soube de Maricota, nem de Malaquias.

— Nós pensávamos que o Malaquias tivesse casado com você . . .

— Um vagabundo daqueles? Deus me livre.

— Então você se arrependeu do passo . . .

Fêz um muchocho, com o beiço grosso.

— E há quanto tempo você anda nesta vida?

Maricota sacudiu os ombros, as pernas esticadas, os olhos fitos na ponta das chinelinhas.

Começou a fazer perguntas por minha mãe, por todos de casa. Teve tristeza quando soube que meu avô morrera.

— Coitado! De quê?

— Coração.

Deu outro muchocho. Abanou a cabeça com filosofia:

— De uma coisa ou de outra a gente tem de ir mesmo.

Mudou o curso das idéias e perguntou de golpe:

— Você está empregado aqui no Rio?

— Estou estudando.

— O quê?

— Medicina.

— De muito estudar é que os burros morrem.

Riu-se. Houve uma pausa.

— Por que não se emprega? Há tanto médico!

— Não faz mal.

— Hum, hum! Está adiantado? Quando se forma?

— No ano que vem.

— Já?

— Já.

Depois mudou de tom:

— D. Candoca está muito velha?

Insistia no nome de minha mãe. E eu tinha sempre a impressão, ao escutá-lo, dito por aquela bôca e naquele quarto, de ver uma flor arrastada por um esgôto.

— Responda, Simão! Ficou mudo outra vez? Porqueira!

— Está moça ainda, Maricota. Está moça.

Levantei-me. No meu coração aquêle cinismo, aquelas maneiras obscenas, aquela definitiva decadência doíam como uma machucadura.

— Espere mais um pouco, Simão.

— Tenho pressa.

— Quer dizer que a francesa está te esperando.

— Qual!

— Se passar da hora, leva tabefes. Gigolô!

— Ora! Não tenho francesa nenhuma. Vou dormir, é que é.

Eu estava numa impaciência atroz. Agarrei o chapéu. Que nojo! E que angústia!

— Conte mais alguma coisa do povo lá em Iguape. Vocês ainda moram na mesma casa? Às vêzes tenho saudades.

— Moramos.

As paredes estavam cheias de cartões postais e retratos, como escudos numa sala de armas. No espelho do lavatório, na fenda entre a moldura e o vidro, Maricota enfiara mais retratos, mais cartões. Aproximei-me para ver: um sargento da Brigada Policial, mulato, de bigodes agressivos; um instantâneo de piquenique, numa praia, com mulheres e homens exibindo garrafas, em triunfo; um «Boas Festas e Feliz Ano Novo», em letras doiradas, cercando um par de noivos a beijar-se; uma negra de vestido curto, de braço com uma sujeita branca, esta de cabelos cortados, muito gorda, monstruosa, como uma sapa; uma criança de colo, espantadinha, sentada sôbre uma almofada, olhando a objetiva sem compreender; e outras lembranças, de amigas, de capadócios, de domingos de festa, de coisas tristemente banais.

Um pedaço de sabonete de côco jazia no mármore do lavatório, atirado. Uma abotoadura de homem ficara esquecida. As peças de louça estavam arrumadas sôbre paninhos de crochê com fitas vermelhas.

— Maricota, adeus.

— Tá bom, adeus. Apareça p'ra conversar.

— Está direito.

— Eu quase nunca paro aqui. Passo uns meses no Rio e moro o resto do ano em Taubaté. Sabes. Taubaté. Tenho lá um português. Ainda não faz três semanas que cheguei e êle já me escreveu.

— Paixão é uma coisa séria, Maricota.

Meu desencanto era tão doloroso que me pus a dar conselhos fingidos, mascarando o sarcasmo com um tom de prudência:

— É, Maricota, paixão é uma coisa séria. Tome cuidado com êsse português. A gente lê sempre tantos crimes nos jornais!

Caminhei para a porta. Maricota então levantou-se da cama, procurou a caixa de fósforos e acendeu um novo cigarro que a envolveu de fumaça, sufocando-a, fazendo-a franzir o nariz. Estendi a mão para ela.

— Adeus . . .

— Adeus, Simão.

Pôs-se a rir.

— De que é que você se ri?

Sacudia-se tôda, numa violenta expansão. Parecia que estava sob a obsessão de uma idéia comicíssima.

— Vá, Maricota, explique o que é isso.

Ela pôde falar, afinal:

— Você se lembra daquelas nossas maluquices, de noite?

Senti-me envergonhado pela evocação.

— Você era danadinho, Simão . . .

Eu tinha apenas nove anos naquele tempo . . . Não sabia o que fazia. Despudorada, Maricota vinha reabrir agora o esquecido cofre das minhas lembranças de pequeno Stendhal iguapense. Oh! o balbuciar do instinto, as ansiedades vagas, os gestos vagos na meninice intuitiva! Todos os homens da cidade provocavam Maricota. Boliam com ela, quando passava. Era uma atmosfera ardente em tôrno da minha pajem. Só eu, porém, conhecia a sua cálida nudez de chocolate, só eu conhecia o cheiro excitante, inexplicàvelmente excitante, que vinha daquele corpo. Como o escuro me fizesse mêdo, muitas noites eu descia da cama e pedia para dormir junto dela.

— Não vá cair da escada.

— Não há perigo.

— Então boa noite, Simão. Apareça.

— Sim, Maricota.

Abriu-me a porta. Saí para o ar gelado da noite.

— Até outro dia, Maricota.

— Quando escrever para d. Candoca, dê lembranças minhas.

Ah, isto era o cúmulo! Segui tonto. Dei um esbarrão num prêto que vinha pela calçada. Eu ia como que bêbedo. Dentro de mim havia mágua, saudade, pena, revolta . . . A vida!

Um frio ganhava-me as pernas, endurecendo-as. Lembrei-me então de que tinha os sapatos encharcados. Bonito! Agora não escapava. Ia apanhar um resfriado! Belo negócio.

Rápido, entrei no botequim. Cheguei ao balcão e pedi um conhaque. O garção foi ao armário e tirou a garrafa: ia já me servir quando, picado por um desejo novo, suspendi a ordem. Hesitei comigo . . .

— Não há um reservado aqui?

— Ali no fundo, por aquela porta. Quer que o sirva lá?

Hesitei mas . . . Enfim, aquela noite estava mesmo perdida para a retidão e a virtude. **Similia simillius curantur.** O ambiente do botequim (decerto havia bêbedos no reservado) ia fazer-me bem. O meu acabrunhamento pedia álcool, álcool . . .

— Leve lá a garrafa.

E embarafustei pela porta do fundo.

DE RÁDIO

GUARACY

GREGORIO BARRIOS DEFINITIVAMENTE NO BRASIL


GREGORIO BARRIOS

TODOS conhecem Gregorio Barrios e sabem muito bem do seu extraordinário valor, possuindo uma voz bonita e bastante agradável aos nossos ouvidos. Gregorio, que já conta com um grande número de fãs no Brasil, fixará residência em nosso país, tendo assinado um longo contrato com a PRE-8, Rádio Nacional. Ao que parece, comprou também uma casa. Pelo menos assinou uma escritura de promessa de compra, devendo chegar ao Brasil, mês que vem, quando aqui desembarcará em companhia de sua espôsa. Será, portanto, uma grande aquisição para nós, que passaremos a contar com mais êsse notável intérprete da música popular portenha.

● **O ator Geraldo Gamboa, que partiu com a Companhia de Alda Garrido para Portugal, além de suas funções em teatro, cantará na Emissora Nacional de Lisboa, bem como na «Boite Cristal», difundindo a música popular brasileira.**

● **O locutor da PRE-8 Rádio Nacional, Francisco Imperial, que vinha fazendo parte do quadro de locutores do Departamento de Jornais Falados, acaba de ser transferido para o elenco de rádio-teatro de Floriano Faissal, onde atuará como narrador de programas e novelas.**

DEIXOU a Rádio Nacional o locutor José Renato, que pretende realizar algumas viagens a fim de executar negócios mais vantajosos do ponto de vista comercial.

TAMBÉM FOI transferido da Secção de Divulgação da Rádio Nacional, para o Departamento de Jornais Falados, o locutor Fernando Jacques, continuando a colaborar nas irradiações desportivas de Antônio Cordeiro.

ESTÁ EM negociações com a PRE-8 Rádio Nacional, o humorista José Vasconcelos, que, caso consiga chegar a um acôrdo, voltará a atuar em sua antiga estação.

FÊZ ANOS no dia 8 de setembro, a cantora Marion, que integra o «cast» da PRE-8 Rádio Nacional. REVISTA DA SEMANA envia-lhe sinceras felicitações pela passagem de seu aniversário natalício.

● **Margot Morel, que atuou no programa de Silveira Lima, está em negociações com a Rádio Mauá, para trabalhar como locutora. Margot também figura como atriz na revista «A Bomba da Paz», que está sendo apresentada pela Companhia de Revistas de Joana D'Arc, no Teatro João Caetano.**

A INTÉRPRETE da nossa música popular Dalva de Oliveira está atuando ao microfone da Rádio Belgrado, na Argentina.

A RADIO JORNAL DO BRASIL acaba de entregar a chefia de seu departamento de Publicidade, ao veterano radialista Oscar Gonçalves.

● **Estêve entre nós a passeio, o locutor-chefe da Rádio Jornal do Comércio de Recife e presidente da Associação Pernambucana de Rádio, Ernani Seve, que também passou alguns dias em São Paulo.**

REGRESSOU dos Estados Unidos, o cronista cinematográfico da Rádio Nacional, Adolfo Cruz, que entrevistou diversos artistas na capital do cinema.

● **O Orfeão Francisco Manuel, que só possui vozes masculinas, sob a direção de Abelardo Magalhães, está realizando diversos recitais todos os domingos às 19 horas, através do microfone da Rádio Roquete Pinto.**

● **Depois de sua bem sucedida excursão artística ao México, Venezuela, etc., Ari Barroso pretende deixar as irradiações desportivas e o seu programa de calouros, que tanto sucesso lhe deram em sua carreira no rádio. Foi com as irradiações de partidas de «football», que se tornou o famoso homem da gaitinha, e se fêz muito conhecido através da hora dos calouros, desde que a mesma era transmitida por intermédio da Rádio Cruzeiro do Sul, naquele tempo uma das estações principais do país, hoje transformada na Emissora Metropolitana. Ari declarou que quer cuidar de coisas mais importantes, principalmente de suas músicas, sem falar em outras coisas mais objetivas. Como Ari Barroso tem anunciado sempre êste propósito e nunca o concretiza, é possível que mais uma vez deixe de cumprir o prometido . . . Acontece que agora, êle leclara isso depois de seu grande êxito no estrangeiro, o que talvez tenha influído grandemente em seu espírito. O resultado é esperar os acontecimentos.**

PASSATEMPO

A Protejam; dêem amparo →	45	99	4	70	27	130	121
B Pequenos romances →	123	26	7	95	52	138	47
C Permutar; alterar →	34	93	141	11	77	20	▒
D Relativos à coxa →	8	25	46	31	119	113	54
E Nenhuma pessoa →	116	22	128	76	68	133	3
F Embaraços; não consentes →	32	107	48	29	36	92	61
G Ondoso →	82	43	35	14	110	73	127
H Afortunados; ditosos →	62	15	112	125	91	37	84
I Que mostra esquivança →	74	137	16	65	106	59	83
J Aceitas em pagamento →	6	13	69	118	94	135	86
K Pede por meio de requerimento →	33	64	55	12	122	139	▒
L Cinzela em madeira →	18	132	79	100	109	44	51
M Confusão de cheiros →	63	19	49	136	30	103	75
N Faixa de madeira ao pé das paredes →	50	115	81	78	67	131	▒
O O mesmo que acará →	28	134	42	126	53	117	9
P Fome canina →	1	17	101	85	96	140	24
Q Que tem roda →	71	41	89	23	102	98	114
R Mergulhados →	90	58	2	120	38	80	104
S Rabo-de-tatu (planta) →	105	56	66	10	111	88	▒
T Vendaval →	124	108	21	40	60	▒	▒
U Que tem ondas →	72	39	97	57	5	129	87

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da obra citada. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	P 1	R 2	E 3	■	A 4	U 5	J 6	B 7	D 8	■	O 9	■
S 10	C 11	K 12	J 13	G 14	H 15	■	I 16	P 17	L 18	■	M 19	C 20
■	T 21	E 22	Q 23	■	P 24	D 25	B 26	A 27	O 28	■	F 29	M 30
■	D 31	F 32	K 33	C 34	G 35	F 36	H 37	R 38	;	U 39	T 40	Q 41
■	O 42	G 43	L 44	A 45	D 46	B 47	■	F 48	M 49	N 50	■	L 51
B 52	O 53	D 54	■	K 55	S 56	U 57	R 58	■	I 59	T 60	F 61	■
H 62	M 63	K 64	■	I 65	S 66	■	N 67	E 68	J 69	A 70	Q 71	U 72
■	G 73	I 74	■	M 75	E 76	C 77	N 78	.	L 79	R 80	N 81	G 82
■	I 83	■	H 84	P 85	J 86	U 87	■	S 88	■	Q 89	R 90	H 91
F 92	C 93	■	J 94	B 95	P 96	■	U 97	Q 98	■	A 99	L 100	P 101
,	Q 102	M 103	R 104	S 105	I 106	F 107	T 108	L 109	G 110	S 111	,	H 112
D 113	Q 114	N 115	E 116	O 117	J 118	D 119	R 120	,	A 121	K 122	B 123	T 124
H 125	O 126	■	G 127	E 128	U 129	A 130	■	N 131	■	L 132	E 133	O 134
J 135	M 136	I 137	B 138	K 139	P 140	C 141	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 72 — F. VARELA. CANTOS RELIGIOSOS. "Ditoso o justo que afastado vive do concílio dos maus e do caminho trilhado por perversos pecadores! E que nunca ensinou, bem como o ímpio, do negro vício as máximas corruptas!"

FRANCESCA DA RIMINI

(Cont. da pág. 34)

— Eu ficarei muito contente de vossa resposta. [illegible] coração uma grande [illegible] Também vossos [illegible]

— [illegible] aqui está tudo em paz [illegible] e, desejo revê-lo [illegible] muitos presentes.

— Não esquecerei uma palavra.

— [illegible] para [illegible] o senhor [illegible] como está [illegible] muito bem.

— Que Deus vos guarde, senhor.

— Que também o guarde.

[illegible] Três vêzes [illegible] e que êle sempre tivera [illegible] no seu coração. Três [illegible] que o esperavam. Êle prometera que voltaria logo. Nêles não pensava, porém, quando [illegible] de Florença a Rimini, como obedecendo a um destino [illegible]. A agradável recordação de Francesca jovem adolescente transformara-se num interêsse mórbido, de um momento para o outro, assumindo proporções desconhecidas. Quando avistara-a na janela e [illegible] uma rosa com [illegible], descera um véu opaco entre o passado e o presente, dividindo a própria existência, como se ela não lhe pertencesse mais; deixara-se mergulhar num esquecimento estranho, passando a considerar as recordações como um [illegible].

Vivia como entorpecido e parecia-lhe que um outro falara por êle ao mensageiro da espôsa.

Essa mesma noite, estando à mesa com Francesca, os seus olhares se encontraram algumas vêzes, e se afastaram logo como temendo compreender-se. Ficaram em silêncio, até o momento de separar-se.

A voz de Mano, humilde e velada, interrompera, como por encanto, o silêncio de ambos.

— Vejo que a senhora e o senhor conde não tocaram na comida. O cozinheiro não está preparando a gôsto? Devo chamar-lhe a atenção.

— Não, obrigado. Não temos fome. O cozinheiro sabe preparar muito bem a comida.

A voz de Paulo era cansada. O homenzinho desapareceu silenciosamente, como havia entrado.

Francesca levantou-se, para seguir a criada que lhe trouxera a lanterna, e, procurando ser forte, conseguiu murmurar:

— Paulo, procure dormir. Acho que precisas.

Êle demorou um pouco a responder, talvez para retê-la mais um minuto:

— Também tu, Francesca, precisas de repouso.

Tendo dito mais do que significavam as palavras, ficaram confusos e enrubescidos. Francesca subiu lentamente para seu quarto. Paulo, ao contrário, desceu para o jardim que dominava a planície. A noite era sem lua, e as estrêlas pontuavam o céu como se fôssem alfinetes [illegible]. A [illegible] achava-se [illegible] pelo silêncio.

— Ela não dorme — pensava Paulo — [illegible] pensar, daí [illegible] um prazer estranho nesse pensamento.

★

— Francesca, [illegible] o teu alaúde. [illegible] uma nova canção de Provença que [illegible] para ti.

— [illegible] Paulo. Quando eu [illegible] o alaúde era uma parte de mim mesma: meu amigo e confidente. [illegible] chorar por [illegible]. Agora, porém, meu alaúde está [illegible] como eu.

— [illegible] canção?

— Sim, porém uma corda está partida [illegible] a vontade de viver.

Passearam [illegible] dos parapeitos do castelo, e pararam para olhar o mar.

— [illegible] — e com [illegible] ela mostrou a [illegible]. [illegible] a imensidão e [illegible] com [illegible] quando [illegible] da realidade que me [illegible].

— Em tudo que dizes, Francesca, há uma nostalgia de coisas perdidas, uma invocação de esperança! Como gostaria de sentir um pouco de paz!

Ela deteve-se [illegible] à sua frente, [illegible]. Êle fechou os seus, não podendo suportar a luz dos dela, e inclinou a cabeça entre as mãos. Francesca tomou-lhe de leve os pulsos e apertou-os. Depois disse suavemente:

— Esta noite, cantarei tua canção, Paulo.

Assim, pouco a pouco, sem perceberem, sem o querer, seus destinos se aproximavam. Sentiam ser inútil qualquer luta. Impossível qualquer resistência. Não sabiam medir a fôrça de sua paixão.

Quando, aquela mesma noite, Francesca — depois de ter trocado a corda do alaúde — nas sombras densas do jardim, entre o perfume agudo das flores, cantou os primeiros versos da canção: «Amor que me faz morrer», tinha na voz tanta melancolia que Paulo sentiu os olhos cheios de lágrimas. Quando, na harmonia delicada do último acorde, a voz foi-lhe desaparecendo como um sôpro levado pelo vento, Paulo ficou longo tempo em silêncio.

— Não me dizes nada?

— Nada. Somente o silêncio pode acompanhar minha emoção.

— O silêncio sempre diz mais que as palavras...

Depois, como concluindo, chamou:

— Paulo!

— Francesca!

— Quantas coisas iguais estamos pensando neste momento!

— Quantas!...

— Paulo, continuemos a cantar...

— Sim, Francesca.

Foram tomados de uma doçura desconhecida, infinita, a ponto de sentirem o corpo e a alma leves como asas.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

34 ANOS DE LUTAS NAS PISTAS

(Cont. da pág. 12)

agora está satisfeito com o seu Austin); foi o descobridor da «Avenida Armando Rosa», uma faixa da pista de areia, junto à cêrca externa, por onde costuma atropelar nos dias de chuva, pois ali o terreno se encontra geralmente mais firme, proporcionando maior rendimento ao animal; no R. G. do Sul também descobriu outra «Avenida Armando Rosa». É conhecido ainda como o «cozinheiro-mor» da Gávea pois, ao dominar um adversário, fica por ali mesmo, zombando dos esforços do outro ginete e proporcionando ao público sustos tremendos. Apesar do perigo a que se expõe com tal proceder, ainda não perdeu qualquer corrida por ter «cozinhado» um adversário — não costuma deixar-se surpreender. Outra particularidade interessante é que o vovô dos jóqueis só caiu uma vez, isto em São Paulo, e as conseqüências não foram sérias; é pois um verdadeiro peão. Sua fé de ofício é das mais limpas que um ginete possa ter. Raramente é suspenso e jamais um proprietário foi queixar-se à Comissão de Corridas por esta ou aquela atuação de Armando Rosa no dorso de um cavalo.

Nosso entrevistado se interrompe, olhando-nos como a dizer que não tem mais nada a contar. Resolvemos então fazer uma série de perguntas. E êle vai respondendo a tôdas, após concentrar-se ligeiramente para as respostas.

— Não sente qualquer nervosismo ao enfrentar as cintas ou quando se dirige para a pista. Esta é a sua inclinação e sente-se muito bem na raia; para êle apenas mais uma corrida, entre os milhares que já disputou.

— Gosta muito da profissão que abraçou, isto englobando a de jóquei e a de tratador. Pretende continuar montando, enquanto lhe derem montarias. Acha que tem bastantes energias para derrotar um jóquei mais moço. Aqui, faz uma observação. Acha que os novos ginetes deviam ter mais dose de fôrça de vontade e espírito de luta e, principalmente,

(Cont. na pág. 50)

RESPOSTAS DA PÁGINA 20:

1 — Numa ilha
2 — O Mampituba
3 — 210 mil
4 — Abril de 1948
5 — Organização do Pacto do Atlântico
6 — Na Bahia
7 — A Dante
8 — Rápido
9 — 58 mil
10 — 4-11-1861
11 — O do homem
12 — Os dentes
13 — Descoberto a penicilina
14 — Livro de genealogia de cavalos «puro-sangue»
15 — Londres.

ARABELLE a última sereia

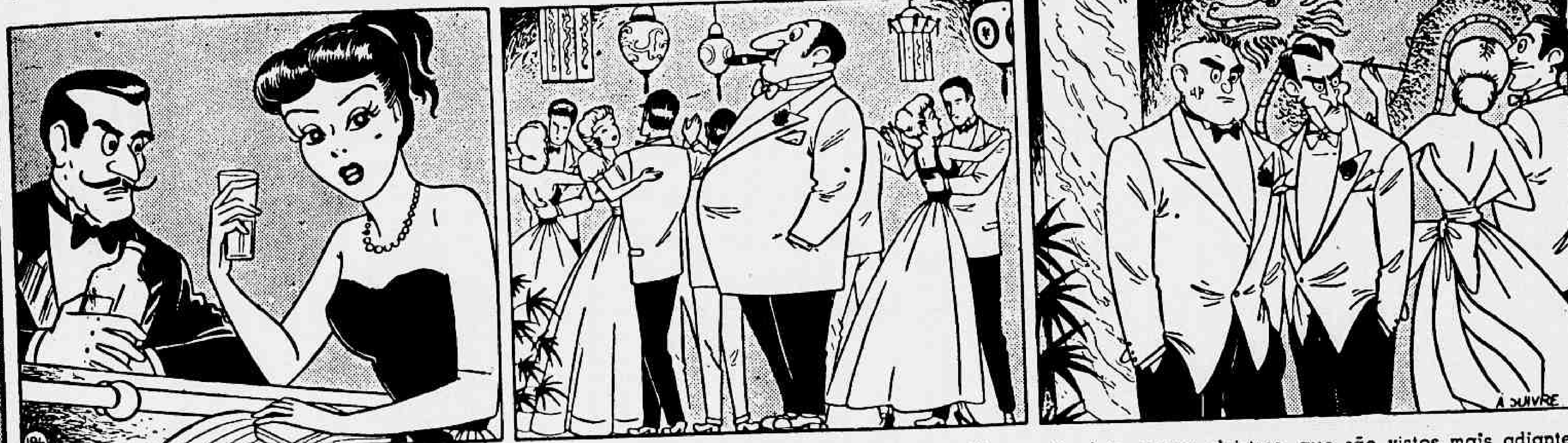


Ludovic a chama para o bar e, uma vez ali, lhe diz: — «Na mesa do jôgo você terá oportunidade de ver, dentro de pouco tempo, pessoas que nos vão interessar muitíssimo.»

E foi indicando: — «Joe Piper, o Terrível» E' considerado o rei do ópio e, também, do contrabando de armas. Tem um exército de espiões.

Aquêle outro é Tching-Tchoung, cruel e enigmático. É, posso lhe afiançar, nosso mais perigoso «cliente». Passa por antiquário, o grande malandro

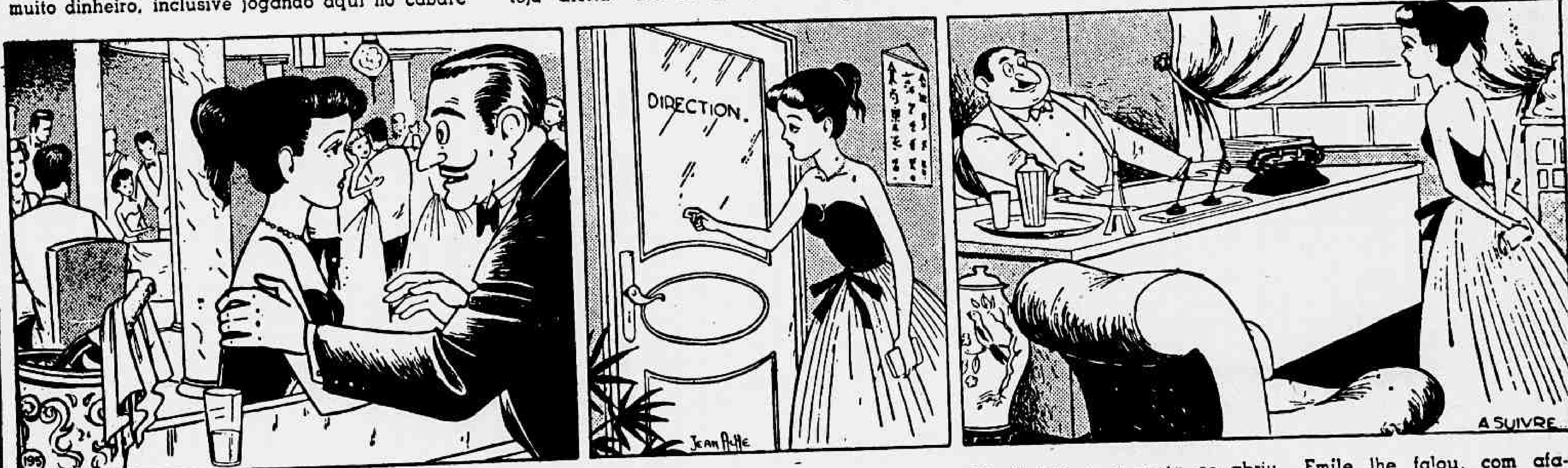
Quanto à bela dama que está a seu lado, coberta de jóias, a jogar alto e grosso, temos poucas informações a seu respeito



Sabemos, apenas — continuou ainda «Ludovic» — que se chama Blancha Negri e que o seu país de origem é a Itália. Tem gasto muito dinheiro, inclusive jogando aqui no cabaré

Agora, preste a máxima atenção, Arabelle. Abra os olhos. Aquêle gorducho é o seu futuro patrão: — Sr Emile. Embora seja um «amigo», esteja alerta Êle só se interessa por si mesmo.

Os dois «caras» sinistros, que são vistos mais adiante de mãos nos bolsos, são capangas de «Joe Piper, o Terrível». São indivíduos cujos antecedentes são os piores possíveis. Perversos e assassinos profissionais.



Agora é tempo de você ir ver o sr. Emile — segreda «Ludovic». — Êle já está a par de tudo e está à sua espera. Mas, preste o máximo de atenção aos deveres, Arabelle! — recomendou, mais uma vez, o oficial.

Aturdida com tanta complicação e mistério naquele meio, a jovem Arabelle, algo hesitante, se dirige ao gabinete de seu patrão, sr. Emile

Ela bateu e a porta se abriu Emile lhe falou, com afabilidade: — «Ah! é Arabelle, a nova «taxi-girl»? Espero que venha a se dar muito bem aqui. Eu vou apresentá-la às demais dançarinas do cabaré. Venha comigo.»



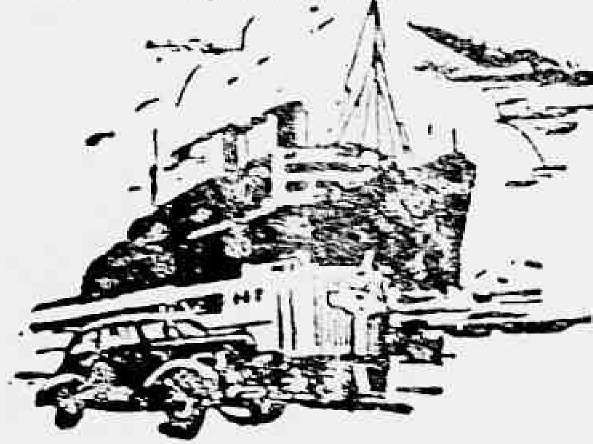
E foi apresentada às colegas: — Pepita (espanhola); Annie (da França); Emma (alemã) e Suzy (inglêsa). Eram tôdas elas muito bonitas e elegantes, notou a jovem.

Arabelle, porém, verificou que tôdas elas a receberam com indiferença natural, sem demonstrar qualquer curiosidade. E' que estavam habituadas a tais novidades e, portanto, as desculpava

Só uma, a Pepita, lhe falou claramente: — «Seja feliz, menina. Mas é necessário que você perca êsse ar de ingenuidade. Aqui, nesse ambiente, não se apreciam as jovens que apresentam êsse ar de colegial!»

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN HACHE



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

Integralizado

Carta Patente n.º 14

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) – Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00 etc.

b) – Resgate por antecipação;

c) – Resgate por falecimento.

d) – Dividendos ou bonificações anuais.

e) – Seguros contra acidentes pessoais.

f) – Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) – Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) – Reembôlso integral.

MENSALIDADE – 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE 43-3475

34 ANOS DE LUTAS NAS PISTAS

(Cont. da pág. 4)

principalmente, não deixar-se envolver em manobras desleais, como às vêzes acontece com êste ou aquêle rapaz.

— Ao cruzar a meta, vencendo uma carreira, só um pensamento lhe ocorre: o de que ainda é o mesmo Armando Rosa do início de sua carreira, apenas um pouco mais velho. E isto lhe proporciona imensa satisfação. Quando perde, não se sente desanimado, pois sabe que um jóquei obtém número muito menor de vitórias que o de derrotas.

— Sua única tristeza, como jóquei (para êle não houve maior), é o desprêzo que se dá aos bridões e freios nacionais. É de opinião que os estrangeiros não são melhores do que os brasileiros. Ganham mais corridas porque montam os cavalos das grandes coudelarias, muito bem preparados e em número elevado. Suas maiores alegrias foram as vitórias obtidas com Sargento e Helium, no G. P. Brasil, principalmente esta última, pois o treinador do vencedor era o velho Paulo Rosa.

— Nunca chorou, por ter obtido uma vitória ou por causa de uma derrota. É um homem muito calmo e, aliado a isto a enorme experiência que já tem, quase não sente emoção. Com isto não quer dizer que nunca virá a chorar, pois a vida é uma eterna caixinha de surprêsas.

— Dorme bem e sossegado, nas vésperas de corridas. Recolhe-se cedo e quase não tem preocupações. Alimenta-se bem, de modo racional e rotineiro. Desta forma, não necessita tirar pêso e monta com 52 quilos. Durante a semana só pensa em corridas na hora de trabalhar os animais que irá montar ou preparar os cavalinhos aos seus cuidados.

— Leva uma vida muito regrada. Levanta cedo, para cuidar dos cavalos sob sua responsabilidade. Em seguida, executa os exercícios matinais com os seus prováveis conduzidos da semana. Vai muito ao cinema (sua diversão predileta) e lê bastante. Já foi amante do box, mas atualmente não assiste os espetáculos pugilísticos, pois acha que êsse esporte decaiu muito, aqui no Rio.

— A maior «poule» que um seu pilotado já rateou, alcançou a casa dos novecentos cruzeiros. Tal se deu por ocasião da vitória de um cavalo estrangeiro, Galean, vindo de São Paulo poucos dias antes da corrida.

Deixamos para o fim a pergunta capaz de deixar muito jóquei melindrado. Mas Armando Rosa não se faz de rogado e responde francamente já que jogou muito em corridas, especialmente na época em que sua espôsa possuía alguns cavalos. Atualmente, apenas joga em suas montarias, de modo sistemático e, quando algum colega lhe diz do bom estado dêste ou daquele animal, êle arrisca algumas «poules».

Onze horas. Armando olha para o relógio e se despede, dizendo que precisa almoçar ràpidamente, pois terá de montar quatro animais nas corridas da mesma tarde.

E lá se foi no seu Austin o jóquei que ainda resiste ao pêso dos anos e que, pròvàvelmente, estabelecerá um record de longevidade dentro dos setores turfísticos da América. Êle já é avô (seu genro é o jóquei José Portilho) e, apesar do marchar implacável do tempo, de forma alguma lembra um homem de quarenta e sete anos, no momento da atropelada final ou no calor de uma chegada. Quem o vê «cozinhar» um adversário não diz que êle já se aproxima do meio século de existência, diante do qual todos os jóqueis se abatem, como o prova, de modo indiscutível, a recente resolução de Irenes Leguisamo, o ginete mais famoso da América: aos 48 anos de idade, pretende aposentar-se e montará sòmente até o fim desta temporada. Mas Armando Rosa acha que, para êle, ainda é cedo. Espera ganhar (e perder) muita corrida, antes de encostar o chicote e as esporas.

OS PROBLEMAS HUMANOS

(Cont. da pág. 18)

4 — Esforçar-me para curar-me e não temer os acontecimentos, julgando restabelecer-me, partindo do pior;

5 — Agir como se não temesse;

6 — Tornar-me comunicativo. As inquietações, pavores, angústias, deverão ser vencidas, como conseqüência de terapêutica assim. Devemos mostrar firme determinação de vencer e fazer o possível para sublimar contrariedades, rezando, por exemplo. Pensar sempre em resolver as dificuldades; só o esfôrço em resolver as dificuldades impede que os aborrecimentos me assaltem.

● Quando me sentir mal, procurar imediatamente escrever o que sinto e o que posso fazer para sair do embaraço. Sentir sempre confiança em mim e nas minhas possibilidades. As sensações de impotência, os recalques impedem-nos de empregar tôda a energia e por isso os tímidos mostram pouco do que podem fazer. Necessito agir sempre confiando nas minhas qualidades e olhar para mim mesmo com bons olhos, sem nunca retrair-me. Em situações embaraçosas o levantar a cabeça e fitar o interlocutor é grande caminho andado. O raciocínio subseqüente, suplantando a emoção, deve completar a ação. Sentir-me sempre em pé de igualdade com os demais nunca subestimando-me, é importante.

Para tomar-me comunicativo e participar da palestra geral no local de trabalho, a tarefa é difícil. E' aconselhável observar os assuntos preferidos, e interessar-me por êles. Conversar em cada um separadamente o mais natural possível.

Com relação ao problema feminino, é preciso concentrar todo o interêsse em resolvê-lo do modo mais simples. E' evidente o vazio feminino. Não tenho convívio com moças. Urge conversar o máximo possível com as pequenas, tornando a conversa natural e agradável. Palestrar com as conhecidas, sem interêsse, com o fim de familiarizar-me o máximo com o sexo oposto. Freqüentar clubes nas proximidades. E' necessário, em muitas ocasiões, usar a ousadia e quebrar a grande resistência psicológica. Cultivar a camaradagem. O esporte é um ponto de união: praticá-lo. Nos bailes, no início, dance indiscriminadamente, pelo prazer de dançar, sem visar damas preferidas. Agradá-las, no entanto. Também é necessário persegui-las, disputá-las, ir ao seu encontro, ir buscá-las, ser audaz. O prazer está nessa perseguição. Não temer, mostrar-me interessado por algumas delas, como tem acontecido.

UMA NOITE DE CHUVA

MÁ experiência. Eu descera as escadas do Clube dos Aliados, onde perdera duzentos mil réis na roleta, e olhava, aborrecido, a chuva cair na rua deserta, negra. Dera-me assim um desejo súbito de passar um quarto de hora numa baiúca; então procurara aquêle clubezinho reles da Lapa. Agora um arrependimento enraivecedor me fazia subir o sangue à cabeça, em mil projetos de reivindicação honesta daqueles duzentos mil réis.

A última vez que eu visitara minha mãe, em Iguape — porque eu sou de Iguape — ainda ela me dissera, com um sorriso magoado:

— Não trouxe nenhum presentinho para sua mãe . . . Deixe estar . . .

E fôra perder duzentos mil réis para os capadócios do Clube dos Aliados! Eis aí no que dava a minha mania de ambientes.

Táxis, na porta do clube, esperavam fregueses. Vendo-me parado, a escolher destino, com um ar de lorde perdulário (o ar com que todo pobre-diabo sai de um clube) os choferes me acenavam, oferecendo as máquinas. Superior, acendi um cigarro e toquei a pé sob a chuva.

Deu-me vontade, então, de passar pela rua Morais e Vale. Uma rua de mulheres perdidas, numa noite de chuva, é triste, infinitamente. Poças d'água refletem os lampiões. Trechos de cantigas saem pelas grêtas das venezianas cerradas. Não se vê ninguém. Apenas, vago, o vulto do guarda rondante, representante sonolento da lei.

— Ora, vamos, Simão!

Assim falei a mim mesmo, vencendo a última hesitação da virtude. Eu não ia comprometer a virtude, entretanto. Era apenas a satisfação de um capricho da sensibilidade. O ambiente, queria o ambiente.

— Boa noite!

— Boa noite.

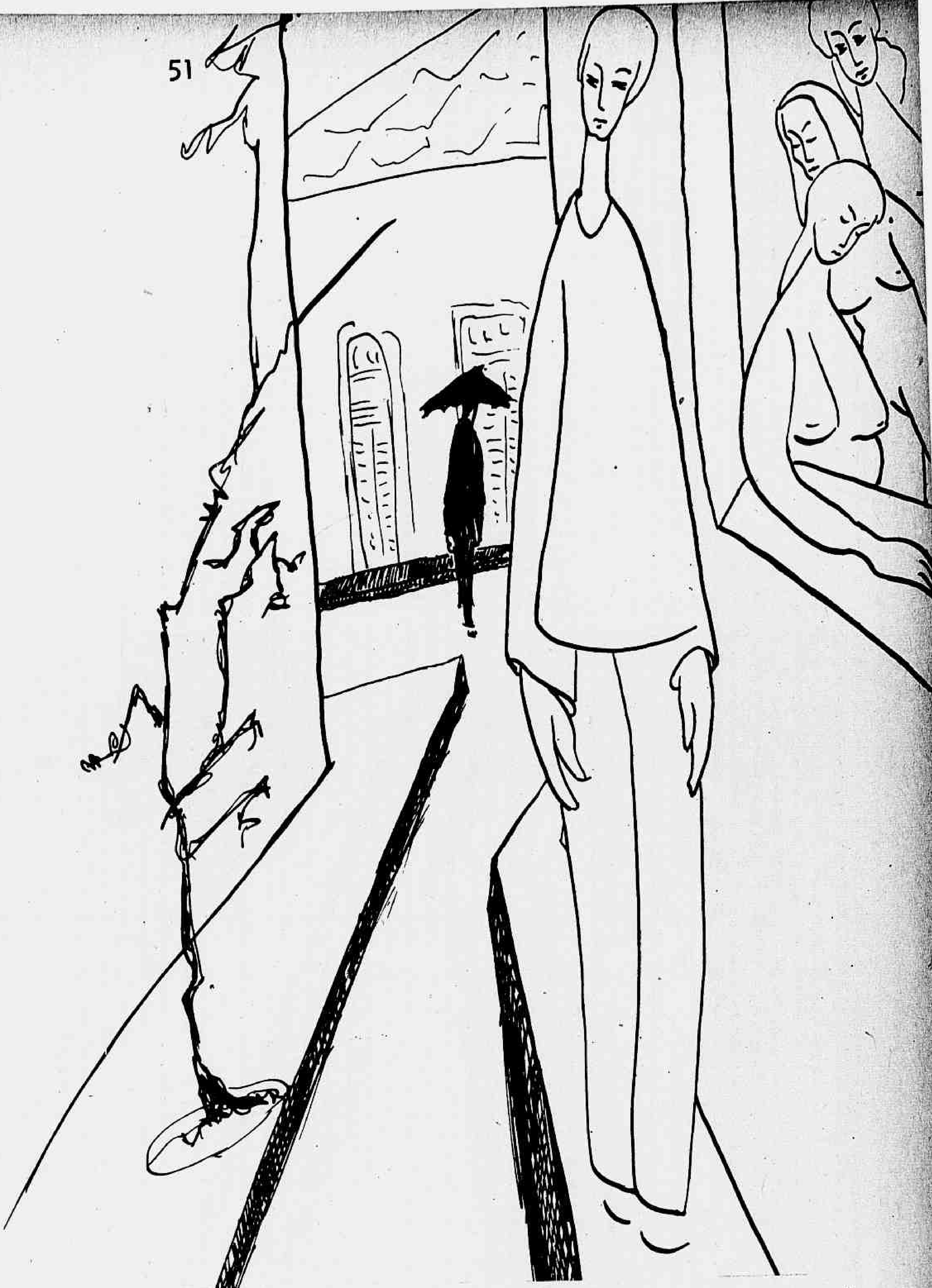
Um conhecido. Exatamente quando menos se espera, numa noite de chuva, ao virar uma esquina de rua viciosa, surge o contratempo fatal: o conhecido, o conhecido que nos vê, nos cumprimenta, faz um ar camarada e passa. Quem? Um sujeito com que temos relações apenas de vista e cuja única função na vida parece ser essa: aparecer assim. Um sujeito que existe sòmente para aborrecer-nos.

— Sssssiu . . .

— Ô beleza!

As primeiras portas misteriosas. Principiei a sofrer. O amor . . . Dentro de mim começou a estranha sensação pungente. Ninguém podia adivinhar, na minha sombra, uma dor ambulante, a dor especial e saborosa de sentir o ambiente.

A rua estendeu-se, dobrada a esquina. Deserta, naquela noite. Passava de duas da manhã e poucas mulheres ainda havia disponíveis, atrás das janelas, à espera. Pela calçada, nem mesmo um marinheiro japonês. Será que muitos homens pensam às vêzes, como eu, nos marinheiros japonêses que desembarcam cheirando a suor e a óleo, e vêm por aqui, em grupos, metendo o nariz nas casas, procurando, escolhendo? Oh, que desgraça imensa a destas mulheres!



Plaf, enfiei os pés num buraco cheio d'água. Bonito! É o resultado de andar distraído, a fazer reflexões piegas. Ia apanhar um resfriado. Não, não: havia um recurso: o botequim da rua Joaquim Silva estava aberto, graças a Deus. Tomaria um cálice de conhaque. Apressei o passo para reagir contra a friagem.

— Simão!

Simão? Uma mulher chamara Simão!

— Sssiu! Venha cá, Simão, não se faça de bêsta.

Não havia dúvida: tinham chamado por mim. Voltei, procurando ver de que janela partira a voz desafinada. (Nossa Senhora, como era possível que alguém me conhecesse naquela rua?).

— O seu coisinha, entra aqui.

Uma porta abriu-se para mim. Do escuro uma cabeça me acenava, com ar de mando. «Coisinha!». Era extraordinário.

Parei, indeciso.

— Já se esqueceu, heim? Entre aqui.

Entrei. A mulher trancou a porta atrás de mim.

— Suba, Simão.

Subi a escada meio às escuras. Parecia-me um sonho.

— Como vai d. Candoca?

D. Candoca! O nome de minha mãe às duas horas da manhã numa casa da rua Morais e Vale! Ah, Simão, diletante de ambientes!

Ela subira atrás. No patamar, voltei-me. A luz do quarto, com a porta escancarada, incidiu sôbre um rosto bexigoso de mulata: Maricota!

— Você aqui, meu Deus?

— Não, ali na esquina — escarneceu ela.

Uma comoção profunda me pungiu. Tive vontade de chorar. Maricota . . .

— Você está homem, hein?

. . . a Maricota daquele doce tempo, quando eu usava camisola . . .

— Todo elegante, Simão. Hum, hum!

. . . que dormia no meu quarto, junto à minha cama, porque eu tinha mêdo do invisível e da escuridão . . .

— Não fala nada? Está mudo?

. . . do tempo de meu avô, que me mandava com ela à venda do seu Hilário, para impor certo respeito aos homens . . .

— Bom, se você está disposto a não conversar, então vá-se embora. Perdeu a língua? Fiz o gesto de recuar. Maricota agarrou-me pelo braço e empurrou-me para o quarto. Deu uma ordem:

— Sente aí.

Apontava a cama. A colcha branca estava amarfanhada. Manchas de terra acusavam contatos de botas. No criado-mudo, uma nota de cinco mil réis atirada. Pontas de cigarros espàlhavam-se pelo chão.

— Sente! Está com luxo? Bom.

Preferi sentar em cima da mala, que um pano de crochê cobria.

— Maricota, sinto-me abalado com a surprêsa.

— Estou vendo.

(Cont. na pág. 47)

Conto de RIBEIRO COUTO

Ilustração de TEREZINHA



AUGUSTIN-François - Cesar - Provençal de Saint-Hilaire nasceu em Orleans, França, a 4 de outubro de 1779, e morreu na mesma cidade, a 30 de setembro de 1853. Embora tivesse o nome de batismo como AUGUSTIN, sempre assinou AUGUSTE Saint-Hilaire. Seus pais desejavam que êle seguisse a carreira comercial, e, para isso, o mandaram trabalhar numa casa de negócios de Hamburgo, mas tudo em vão. O rapaz era louco por ciências naturais e deixou a colocação seguindo para a capital da França, onde estudou botânica com A. C. de Jussieu, C. Richard e R. Desfontaines. Desejoso de adquirir cultura pela observação direta, fêz uma viagem de treino lá mesmo na Europa, sem que isso lhe despertasse muito entusiasmo. Desejava, porém, enfrentar o desconhecido, a Africa, a Asia, continentes ainda pouco civilizados, onde pudesse estudar a natureza, penetrar a alma das coisas, e espírito dos habitantes. Quando soube que o Duque de Luxemburgo vinha representar a França na côrte de D. João VI, com sede no Rio de Janeiro, Saint-Hilaire ficou assanhado. Era sua chance. Vir ao Brasil, embrenhar-se pelo interior dos seus Estados e estudar a flora, a fauna, o país e seus habitantes; penetrar no sertão e ir às fontes de seus grandes rios; visitar tribos selvagens e analisar-lhes os usos e costumes, a língua e suas crenças, enfim, fazer verdadeiro trabalho de naturalista e sábio cada vez mais empolgado pelas ciências naturais. E assim aconteceu. O Duque o recebeu com muita simpatia e Saint-Hilaire embarcou com o embaixador e a comitiva para o Rio, aqui chegando a 1º de junho de 1816. Durante seis anos viveu entre nós. Viajou do Rio às províncias do Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais, S. Paulo, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, e estendeu suas pesquisas ao Paraguai e Uruguai. De tudo resultou uma obra em onze volumes, muitos dos quais hoje traduzidos em português. Em agôsto de 1822, regressou à sua pátria, levando enorme acervo de espécimes botânicos, aves, insetos, répteis, peixes e minerais. Tudo isto está no «Museum d'Histoire Naturelle de Paris», e oferece aos estudiosos farto manancial científico.

O REPÓRTER SAINT-HILAIRE

(NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE SUA MORTE)

OS PAIS QUERIAM QUE ÊLE FÔSSE CAIXEIRO ★ O MAIOR DIVULGADOR DO BRASIL CRITICAVA SEM OFENDER ★ SUAS PREVISÕES FORAM PROFÉTICAS ★ AS ORIGENS DOS ÍNDIOS DO BRASIL ★ BARBACENA E SUA VIDA NOTURNA ★ DEIXOU ONZE OBRAS SÔBRE O BRASIL.

(Reproduções de originais da Biblioteca Nacional).

Texto de RENATO DE ALENCAR

NÃO há estrangeiro, de todos os que vieram ao Brasil em missa científica ou cultural, que nos mereça tanta gratidão como o inesquecível Auguste de Saint-Hilaire. Não demorou entre nós como o famoso Lund; estêve aqui apenas por seis anos; mas como soube aproveitar o tempo, leitor! Diz êle em sua auto-biografia, que sempre sentiu pelas ciências naturais o mais fervoroso entusiasmo. Vivia a sonhar com árvores, peixes, insetos e minhocas. Era um predestinado. Seus pais fizeram tudo para que êle se dedicasse à carreira comercial. Mas Saint-Hilaire não tinha nenhuma vocação para coisas de Deve e Haver, de chouriços e salsichas. Um dia lá se foi em direção a Paris. Depois de estudar com abalizados professôres de ciências naturais, soube que as relações do Brasil com a França estavam acalmadas, e um ilustre embaixador fôra nomeado para servir na Côrte de D. João VI. Saint-Hilaire ferveu de contentamento. Obteve do novo embaixador, o Duque de Luxemburgo, um lugar em sua comitiva e embarcou no mesmo navio para a Guanabara. A 1º de junho de 1816, aportava êle ao Rio de Janeiro, capital de um país colonial, ainda pouco divulgado na Europa. Saint-Hilaire, logo que fêz conhecimento com a terra, aceitou o oferecimento de um brasileiro amigo, latifundiário lá para as margens do rio Paraíba em terra fluminense, e começou as suas longas e movimentadas viagens ao interior do Brasil.

Andou a subir e a descer serras; a transpor vales e a atravessar rios em grande parte das Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Depois, sempre com aquela ansiedade própria de um sábio pesquisador de trinta e sete anos de idade, foi a S. Paulo, atravessou o Paraná, chegou a Santa Catarina em 1820, prosseguiu em caminhadas exaustivas pelo território do Rio Grande do Sul, visitou as Missões, o Paraguai e o Uruguai. Voltou ao Rio por mar e empreendeu a segunda viagem ao interior das províncias de Minas Gerais e S. Paulo, indo ao Espírito Santo e penetrando os inóspitos sertões do longínquo Goiás. O sábio andarilho, de tudo o que viu, escreveu onze obras, quase tôdas já traduzidas para o português. Não sendo possível, na estreiteza desta página, falarmos de tôda a sua vasta bibliografia, limitemo-nos a citar certas passagens de sua «Segunda

Viagem ao Interior de Minas e S. Paulo», bem como alguma coisa sôbre o Espírito Santo.

Saint-Hilaire fêz trabalho de jornalista. Foi grande repórter. Sabia criticar, advertir, censurar, sem ofender. Por várias vêzes também estabeleceu paralelos entre o interior da França e o sertão do Brasil, afirmando que, sob muitos aspectos, nossa civilização rural era superior à dos seus patrícios. Tudo dentro da maior sinceridade, com uma franqueza mais própria dos anglo-saxônios do que de um latino. No Espírito Santo, por exemplo, achou que o calor excessivo e úmido convidava os habitantes à indolência. O povo era mal alimentado e a água muito ruim. Só os ricos comiam carne. Os pobres se empanturravam com farinha de mandioca, peixe, mariscos e feijão. Não comiam toucinho, pois a preguiça os impedia de criar porcos. Faz, porém, grande elogio à mulher «capixaba», achando-a muito mais desembaraçada e comunicativa, não se escondendo dos homens, como as mineiras. Notou que a língua portuguêsa no Espírito Santo estava muito transformada pela inclusão de têrmos brasílicos e modismos de linguagem que tornavam ininteligível o português aos ouvidos de um luso. Pela primeira vez se analisa o vocábulo **capixaba**, que êle grafa **capixabi**, significando **plantação, roçado**. Ao viajar pelo interior de Minas, desejou adquirir um jovem da tribo «botocudo», o que conseguiu por intermédio de um soldado muito prestigioso entre os selvagens. O rapaz, de nome Firmiano, era excelente exemplar de índio brasileiro. Tinha de 15 a 16 anos de idade, era robusto e muito dócil, inteligente e prestativo. Mas, Saint-Hilaire ficou contrariadíssimo quando verificou, já no Rio, que haviam enganado o silvícola. O soldado não esclarecera ao índio, que o sábio desejava levá-lo para a França, quando regressasse à Europa. E Saint-Hilaire, que podia perfeitamente tapiar o selvagem, preferiu expor-lhe a situação, terminando com estas palavras: «Firmiano: vejo que você foi iludido; mas eu não quero enganá-lo também. Se você, de sua livre e espontânea vontade, quiser seguir comigo para a França, terá em mim um amigo; caso não queira, preferindo regressar ao meio dos seus, é só dizer, que mandarei levá-lo». E Firmiano escolheu a última condição. Saint-Hilaire, mais uma vez cumpriu a palavra e devolveu o índio. Para o naturalista o índio brasileiro é de origem mongólica, havendo traços na própria língua. Por onde chegava, ia colhendo dados etimológicos de nomes locais. **Ubá**, por exemplo, que todos dizemos ser o de uma canoa ligeira, êle declara que é uma gramínea de grande porte e que cresce à beira dágua. Não diz nem escreve **Iguaçu**, nem **Peçanha**, e sim, **Aguaçu** (àquele tempo Aguassú, Iguassú) e **Passanha**, estendendo-se em considerações etimológicas e morfológicas, decompondo os vocábulos como experimentado etimologista. Há, em todos os seus livros sôbre o Brasil, glossários de têrmos e locuções selvagens, mostrando-se um estudioso dessa parte da etnologia amerindia.

Interessando-se pela economia brasileira, já em 1816, chamava a atenção dos dirigentes das províncias para o crime da derrubada e queima das matas. Notou como eram abandonadas as terras em volta do Rio, cuja população crescia espantosamente. Certa vez, ao chegar a um lugarejo do interior fluminense, encontrou os maiorais em porfia sôbre a elevação de categoria do povoado, que devia passar a cidade, cabeça de comarca. Saint-Hilaire, que chegara ali depois de grandes sacrifícios, em virtude da péssima condição dos caminhos, deu também seu voto: «Que primeiro tratassem de melhorar as vias de comunicação, deixando essas vaidades inúteis».

Ninguém podia zangar-se. Saint-Hilaire trazia cartas de recomendação do Príncipe Regente, D. Pedro, além de todos os seus papéis em ordem. Mas, muitas vêzes passou apertos, dos quais se saía muito bem. Em Barbacena, que tinha, àquele tempo duzentas casas, dois mil habitantes e quatro ingrejas, foi encontrar o cientista um dos mais estranhos costumes. **Agentes** ofereciam zabaneiras aos hóspedes, nos «albergues», para as orgias noturnas, com batuques, danças e bebedeira. Diz Saint-Hilaire que em Barbacena, cujo nome original era Arraial da Igreja Nova, os tropeiros e negociantes de passagem, deixavam todo o dinheiro de suas transações, na Côrte, em Vila Rica, etc., fascinados pelas «vamps» e seus dengues . . . Já havia quem ficasse



Firmiano, o jovem botocudo de quinze a dezesseis anos de idade, que preferiu ficar no interior do Estado de Minas a ir para a França.

lizo e louco com a vida noturna de cidadezinhas sertanejas!

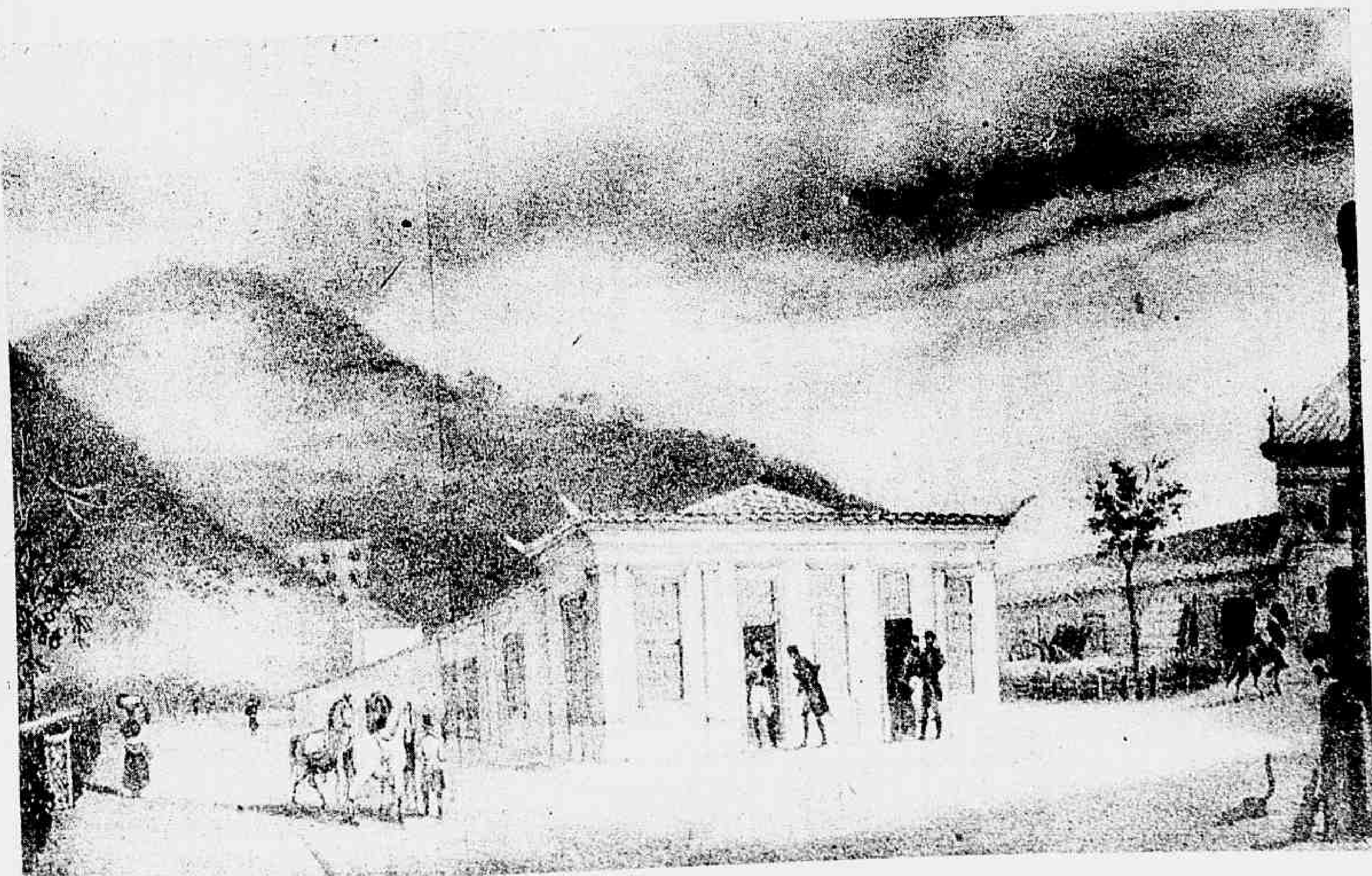
Espírito de repórter, Saint-Hilaire apurou a seguinte fatalidade entre o nosso povo: «Pai comerciante, filho cavalheiro, neto mendigo». Queria dizer com isso, que nossa formação social era verdadeiro paradoxo, e que, até à segunda geração tôda a economia de uma família seria dissipada sem dó nem piedade. Êsse conceito, porém, era provérbio de gente velha do interior de Minas e do Espírito Santo. Na baixada fluminense, foi encontrar o «senhor de engenho», «o único que comia bem e trabalhava pouco». Ser senhor de engenho era o sonho de todo cidadão ambicioso.

Quando, após tôdas as excursões, indo até às nascentes do S. Francisco, na serra da Canastra, regressou à França em agôsto de 1822, levou para o Museu de História Natural de Paris, nada menos de 24 mil espécimes de plantas, 6 mil espécies diferentes na maioria novas; 2 mil aves, 16 mil insetos, 135 quadrúpedes, répteis, peixes e minerais.

Depois de sua viagem ao Brasil e de tantos anos embrenhados nos sertões desta parte do país, o nome de Saint-Hilaire cresceu de prestígio nos mais adiantados centros culturais do mundo, e o Brasil também se tornou conhecido e admirado por todos os que iam lendo as publicações do naturalista.

As mais cultas associações científicas o disputavam, e Saint-Hilaire foi Cavaleiro da Legião de Honra da França, Membro da Academia Real das Ciências do Instituto de França, de várias sociedades de estudos botânicos e de História Natural de Paris. Era membro da Sociedade Lineana de Londres, da Academia de Lisboa, da Sociedade das Ciências Físicas de Genebra, da Academia Leopoldina, da Sociedade de Ciências Físicas de Orleans, etc.

E agora, quando decorre o primeiro século de sua morte, rendamos nossas homenagens a êsse homem de ciência, grande repórter, tão amigo do Brasil e um dos maiores divulgadores, de nossa terra e de nossa gente.



Casa em que residiu o Duque de Luxemburgo, no Rio, quando veio em 1816, como Embaixador da França, na Côrte de D. João VI.



El Glaoui, Pachá de Marrakech (à esquerda) e o Cheriff El Kitani, grande chefe religioso de Fez, conversam longamente sôbre os recentes acontecimentos que se desenrolaram em território do Marrocos Francês, cuja finalidade é exclusivamente a de tornar o país independente.

REVOLUÇÃO NO MARROCOS



O novo soberano, Mohammed ben Arafa, no momento em que sacrificava o carneiro, segundo o rito tradicional dos obedientes ao Korão.

MANIF
VEL P
NÃO A
NA O.
NACIO
AMIGO
O LUG
REBEL
AS OR

RECENT
impre
com o m
de seu p
Nesta re
de Le F
passa no
Desde
quinos
problem
tempo
ideais t
El Fassy
mais jov
nalista»
ridos de
muito
estêve
mente
revisão
era alo
Marroc
uma
numa
ção es
choque

Auto
panh

MANIFESTA-SE A MAIS TERRÍVEL POLÍTICA ★ A FRANÇA NÃO ACEITA A DISCUSSÃO NA O.N.U. ★ CAI O SULTÃO NACIONALISTA ★ OUTRO MAIS AMIGO DA FRANÇA LHE TOMA O LUGAR ★ O ESPÍRITO DE REBELIÃO NÃO ESTÁ MORTO ★ AS ORIGENS DAS AGITAÇÕES

Por WILLIAM LE FUR

RECENTES notícias de Marrocos davam a impressão de que a França estava a braços com o mais sério movimento de independência de seu protetorado que tem Rabat como capital. Nesta reportagem condensada de um trabalho de Le Fur, vamos dar, um resumo, do que se passa naquele país africano.

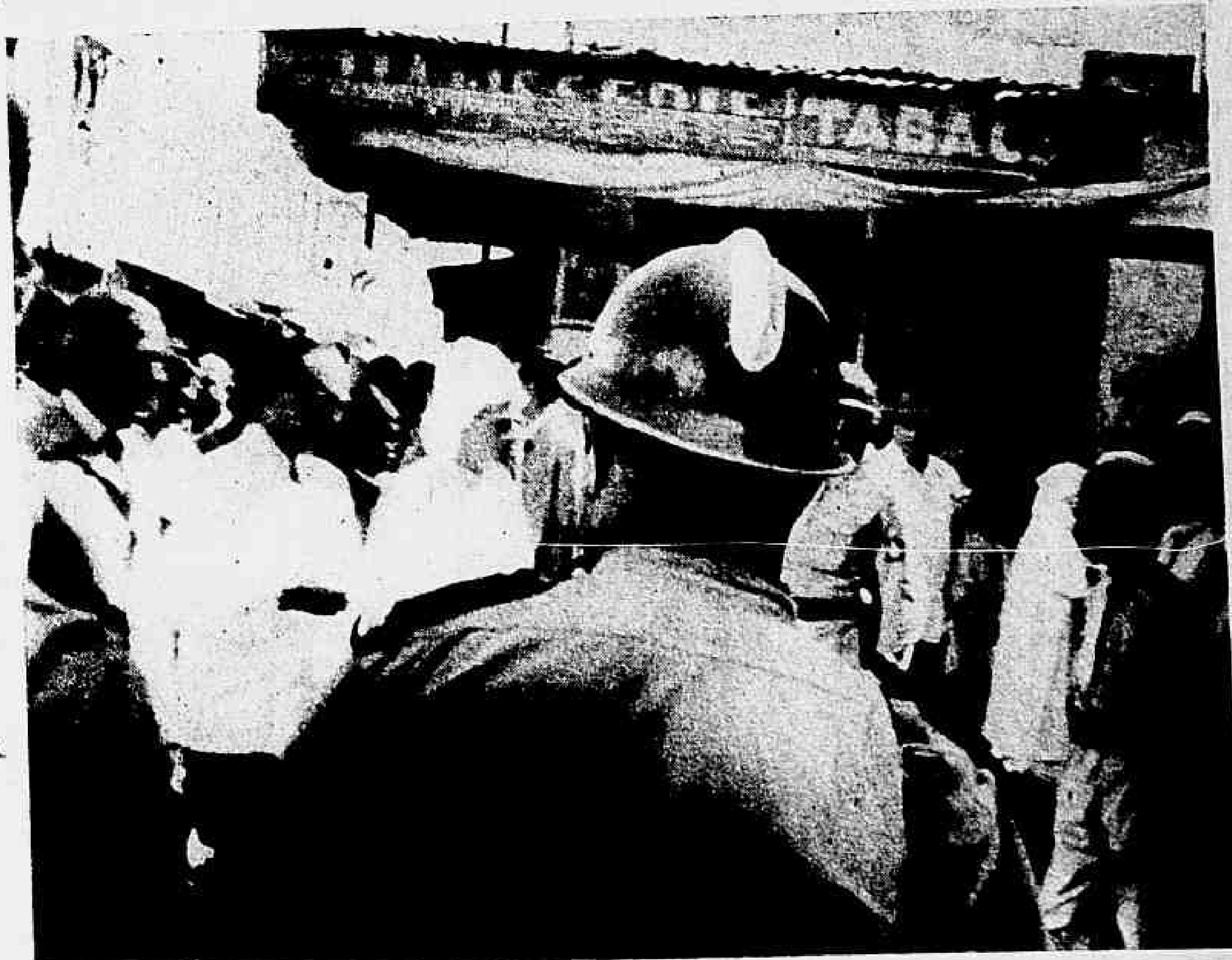
Desde 1931 que alguns intelectuais marroquinos se voltaram com entusiasmo para os problemas de sua pátria, achando que era tempo de decidir-se dos seus destinos. Tais ideais tomaram vulto sob a direção de Si Allal El Fassy e, em 1937, já se notava nas camadas mais jovens, os perigos de um programa «nacionalista» contra a dominação francesa. Os pruridos de independência chegaram a um ponto muito sério, quando, em setembro de 1950, estêve o Sultão em Paris, e ali expôs claramente as reivindicações de Marrocos, pedindo revisão do tratado com a França. Em 1951, era alarmante o movimento nacionalista em Marrocos, êsse estabelecia ainda o perigo de uma aliança dos africanos com os árabes, numa espécie de guerra santa contra a ocupação estrangeira. Nesse mesmo ano se dá o choque entre o general Juin, administrador da



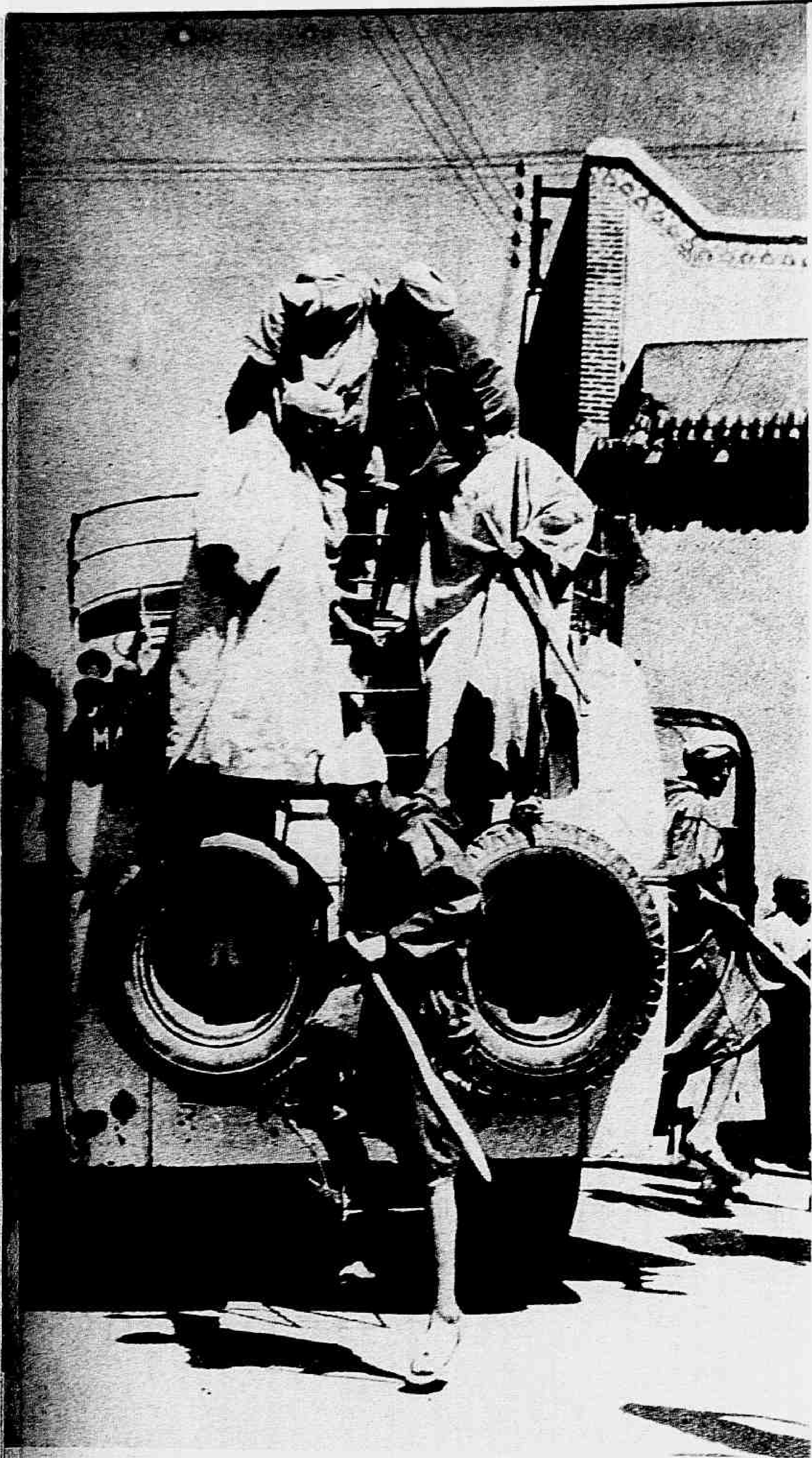
O novo Iman, ou Chefe Religioso, Sidi Mohammed Ould Moulay Arafa, que acaba de ser reconhecido pelos Pachás e Caídes africanos reunidos em Marrakech, como dirigente local.



Autoridades francesas de Rabat, capital do Marrocos Francês, acompanhados do Pachá, procuram acalmar os ânimos dos manifestantes.



Soldados do govêrno francês de Rabat, detêm um agitado manifestante nacionalista e o conduzem depois à prisão da capital marroquina.

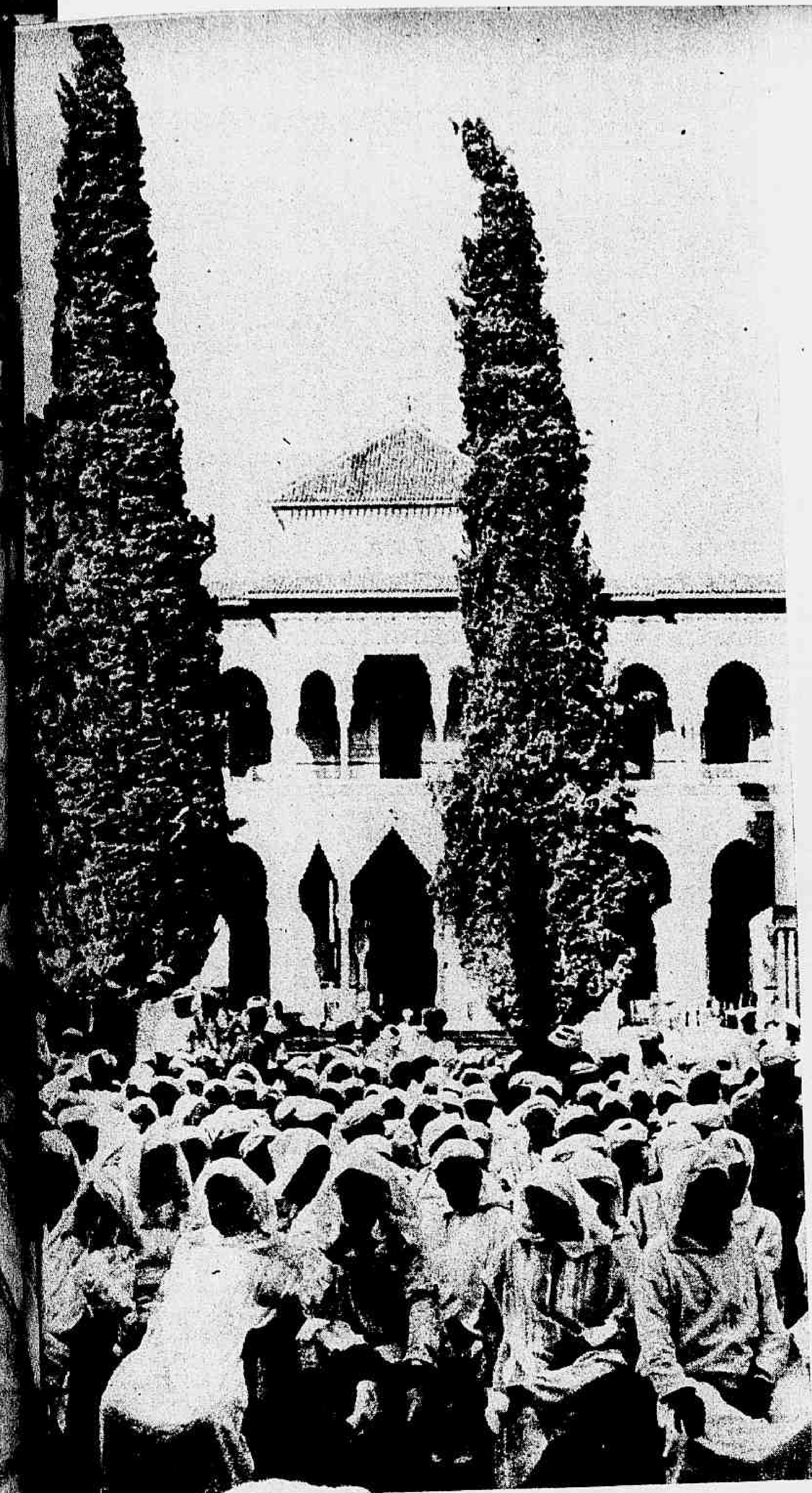


Pachás e Caides chegam à cidade de Rabat, a fim de jurar fidelidade ao novo Iman. Note-se a tradição em face do progresso.



O novo Sultão Mohammed Ben Arafa, montando o cavalo que pertenceu ao deposto, se dirige ao ritual da prece em Rabat.

França, e o Sultão, pelo fato de êste se negar a desaprovar os partidários do nacionalismo, sob a orientação do Istiqlal, que mantinha o «slogan»: «Ou tudo, ou nada», isto é: ou a Independência, ou nada mais. E isso provocou a queda de Sidi Mohammed ben Youssef. Com a intervenção imediata das autoridades francesas em Marrocos a situação chegou a suscitar a sugestão de ser levado o caso à Assembléia da ONU, para que fôsse discutido sob a égide da Sociedade das Nações. Mas a França não concordou com a idéia, julgando-a mesmo impertinente. A situação, porém, não se caracterizava apenas pelo aspecto político; ela atingia o campo religioso. Simultâneamente com a luta contra o poder francês, o Istiqlal, que é a fôrça propulsora da campanha pela independência, também ameaçava o lado espiritual dos chefes marroquinos, pachás, caídes, etc., causando grande desassossêgo geral entre o povo do país. Intensificando-se o movimento pró-libertação nacional, começaram a ferir-se encontros sangrentos entre os partidários do Istiqlal e os conservadores marroquinos. Sempre que havia distúrbios, os nacionalistas culpavam a ação da polícia, considerando-a provocadora. O Conseil du Gouvernement, em 1950, com os incidentes registrados, causou o rompimento entre Glaoui e o Sultão, reconhecendo o general Juin, que a situação era cada vez mais grave. O Sultão, pela sua atitude, deu mostras de preferir permanecer ao lado dos rebelados. Quando chegou a época das eleições municipais, os nacionalistas, amparados pelo Sultão, exigiram do govêrno da metrópole condições francamente emancipacionistas, advertindo que, se o govêrno da França não concedesse a Marrocos as prerrogativas que a nação reclamava, de acôrdo com as aspirações do povo, êste, entregue ao desespêro, poderia lançar-se a manifestações extremas. A atmosfera chegava ao ponto mais crítico. A quase totalidade da população francesa do Marrocos via-se, assim, ameaçada em sua própria vida, e não podia esconder a hostilidade aos nacionalistas e ao Sultão. Em face disso, exigiram os franceses locais, uma política de firmeza contra a agressão. Por outro lado, pachás, caídes e chioukhs, tendo perdido sua qualidade de vassalos para com o Sultão, passaram a agrupar-se contra o perigo comum. Organiza-se em Marrocos um segundo bloco, para hostilizar o dominante. Registram-se conflitos em Casablanca. O Sultão, na «Festa do Trono», reclama, abertamente, a abrogação do Tratado do Protetorado com a França. A imprensa desencadeia campanha contra o Istiqlal e o partido comunista, e acusam aquêle de ter-se unido a êste para convulsionar o país. Estabelece-se grande polêmica na imprensa francesa, e cada jornal apreciando os fatos de acôrdo com as suas convicções políticas. Foi aí que o general Guillaume



chás e Caídes reunidos diante do palácio de Marrakech, re-
ıhecem o novo Iman em substituição a Sidi Mohammed Ould.

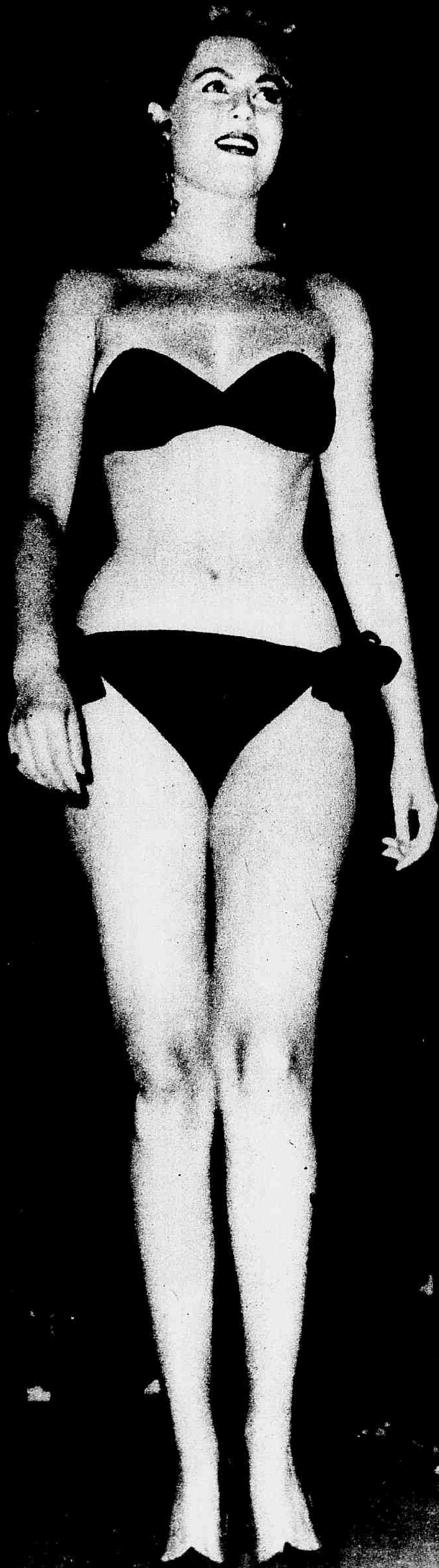


O Sultão exilado na prisão de Ajaccio, ilha da Córsega, com sua família. Foi difícil obter, mesmo de muito longe, esta fotografia

decidiu tomar enérgicas providências e suprimiu a imprensa «extremista», prendeu os provocadores da revolta e exilou os cabeças do Istiqlal. Paralelamente, El Glaoui, achando que era chegada a hora de agir contra o Sultão de Rabat, entrou em cena e chefiou um movimento destinado a quebrar a fôrça do Istiqlal e mesmo do Sultão, se êste continuasse a apoiar aquêle partido. Conseguindo duzentas e setenta assinaturas de caídes e pachás, representando muitas tribos nativas, consegue uma «petição», cujos efeitos culminam em março de 1953, quando fica assentado que o único caminho a seguir para pacificar Marrocos, era o de destituir Sidi Mohammed ben Youssef, do lugar de Sultão do país, colocando em seu lugar, El Glaoui. De 4 a 6 de abril seguinte sob a presidência do Cheriff Kittani, reuniu-se em Fez o congresso de quinze confrarias religiosas com mil delegados e duzentos zaouias, quando foi estudada a situação geral. El Glaoui continua a sua campanha para destituir o Sultão. Dá entrevistas em França e manda o filho mais velho, Si Brahum, entrevistar-se com Churchill. O oposicionista ao Sultão declara abertamente à imprensa parisiense, que, por êle, ben Youssef já devia ter sido derrubado do trono. Marrocos possui uma população francesa de umas quatrocentas pessoas, as quais não podem admitir que a possessão se levante contra a França, que tudo tem feito em favor da terra e do homem marroquino. A crise se precipita, e, após manifestações com mortos e feridos em Casablanca e outros pontos do país, é deposto o Sultão e remetido com sua família para Ajaccio. Dias depois embarcam mais de vinte de suas espôsas, há novo govêrno em Rabat, e a calma volta à agitada Marrocos, onde fermentam as idéias de independência, movimento claro ou subterrâneo capitaneado pelo Istiqlal e os comunistas. Como terminará tudo isso?



O Pachá El Glaoui e o general Guilaume, trocam idéias no palácio de Marrakech, sôbre a complicada e grave situação em Marrocos.





ÚLTIMO FLASH

ELOISA CIANNI, «miss» Itália, conquistou em Istambul, capital da Turquia, o título máximo de «miss» Europa, de 1953. A lindissima italiana tem vinte primaveras e suas formas esculturais, sua beleza física venceram tôdas as demais concorrentes. Os juízes levaram mais de quatro horas examinando as disputantes, até que, por fim, foi proclamada Eloisa Cianni, como a mais bela jovem da Europa. O segundo lugar coube a Marlene Dee, «miss» Inglaterra, e o terceiro, a Sylviane Carpentier, «miss» França. A outra foto foi tomada quando, no baile de gala, «miss» Turquia, que foi «miss» Europa de 1952, colocava a faixa do triunfo no busto da nova soberana da beleza fenenina no Velho Mundo. E ela mereceu...





Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos moveis velhos.



Uma
tradição
de
bom gôsto



H-68.214

UM PRODUTO SOUZA CRUZ